



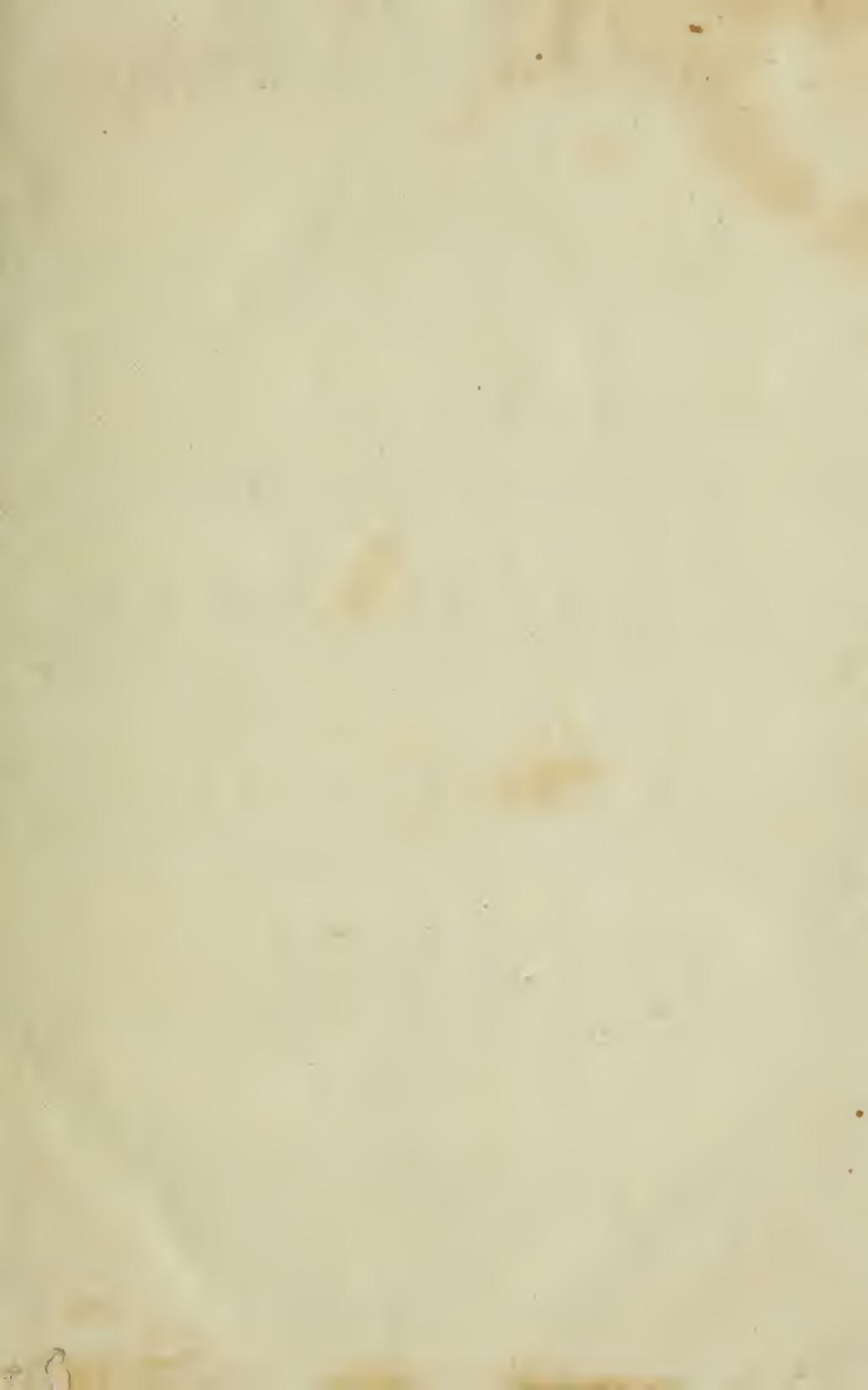
12/12

R8186,606



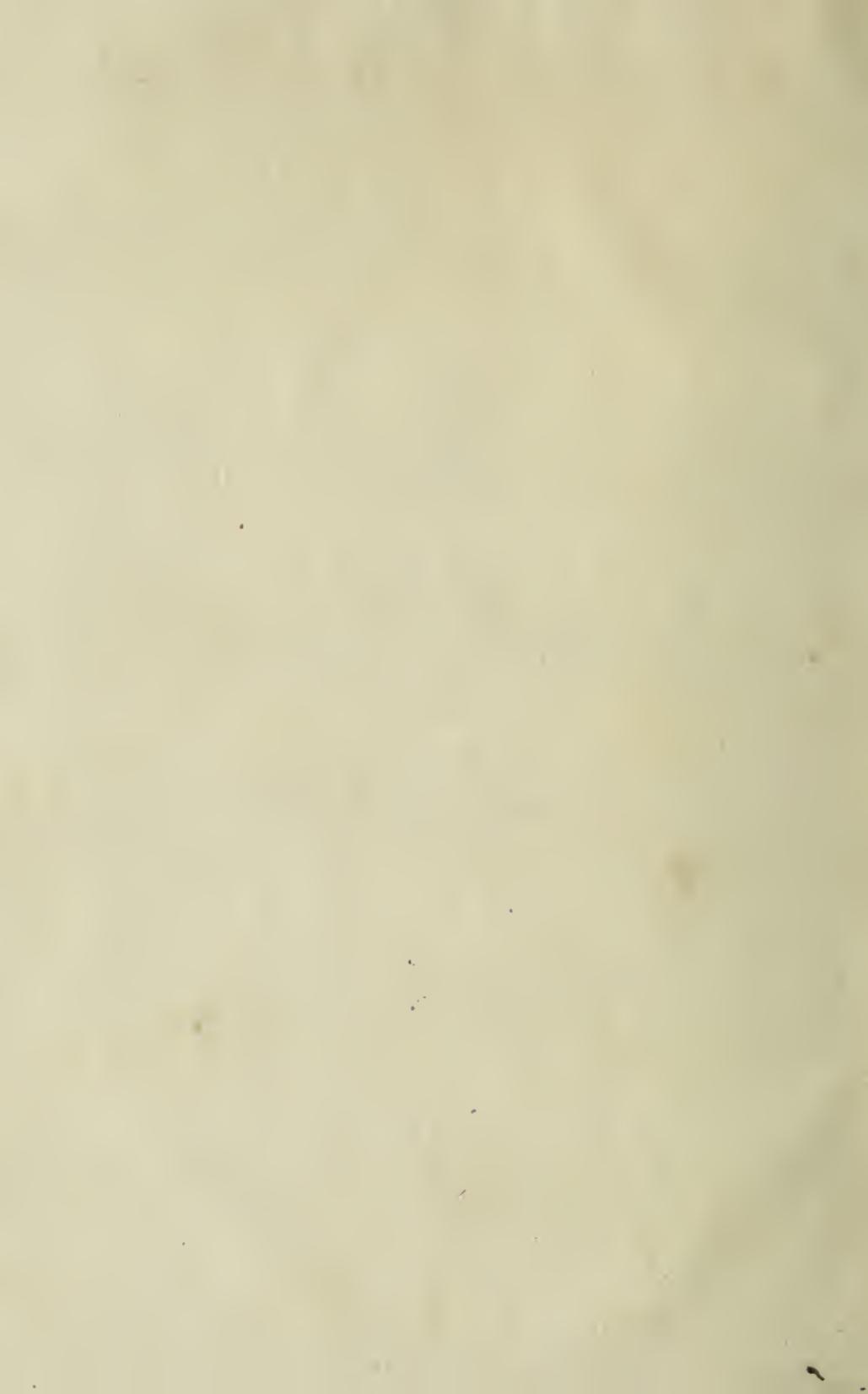
*Presented to the*  
**LIBRARY of the**  
**UNIVERSITY OF TORONTO**  
*by*  
**Professor**  
**Ralph G. Stanton**

28038





Digitized by the Internet Archive  
in 2012 with funding from  
University of Toronto



REPULSA CRITICA,  
<sup>E</sup>  
APOLOGETICA

De um livro intitulado

CRITICA DA CRITICA,

<sup>E</sup>  
DEFENSA DA DEFENSA;

Que contra dois Transtaganos escreveu um anonimo  
com o nome de

D. JOAQUIM VELHO DO CANTO  
PRESBITERO LISBONENSE

A favor do Poema intitulado

TRIUNFO DA RELIGIAM;

QUE COMPOZ  
FRANCISCO DE PINA E DE MELO.

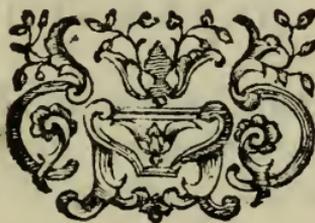
*OFERECIDA AGORA AO PUBLICO CRITICO*

POR

J. J. N. DE F. S. C. DE M.

OU

JOZE JEUNE DE LA AVE.



LISBOA,

Na Offic. de ANTONIO RODRIGUES GALHARDO.

---

M. DCC. LXIV.

*Com todas as licenças necessarias.*

REPURSA CRITICA,

<sup>E</sup>  
APOLOGETICA

De um livro intitulado

CRITICA DA CRITICA,

DEFENSA DA DEFENSA;

Que contra dos Transgressos e contra um anonimo  
com o nome de

D. JOAQUIM VELHO DO GANTO

RESPOSTA O LISBOENSE

A favor do nome verdadeiro

TRIUNFO DA RELIGIAO;

QUE SE ENTRA

FRANCISCO DE PINA I. DE MELO.

ORIGINAIS VOTA I NO EXERCICIO PUBLICO

FOR

J. J. N. DE F. S. C. DE M.

OU

JOSE IBONE DE LA AVE.



LISBOA,

IN ORDEM DE ANTONIO ROBERTO GALLARDO.

M. DCCLXXXV

Com todas as licenças necessarias.

L I C E N Ç A S.  
DO S.<sup>TO</sup> OFFICIO.

Vistas as informações, pode-se imprimir a obra, de que se faz menção; e depois voltará conferida para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 12 de Julho de 1763.

*Trigozo. Carvalho. Mello. Thorel.*

DO ORDINARIO.

Vista a informação, pode-se imprimir o papel de que se trata; e depois de impresso e conferido torne. Lisboa 24 de Julho de 1763.

*D. J. Arc. Lac.*

DO PAÇO.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; tornará para a licença de correr. Lisboa 13 de Outubro de 1763.

*Affonseca. Pacheco. Castro.*

**P** O' de correr. Lisboa 18. de Mayo de 1764.

DO S<sup>to</sup> OFFICIO

*Trigozo. Lima.*

**P** O' de correr. Lisboa 18. de Mayo de 1764.

*D. J. Arc. Lac.*

**T** Axão para correr em duzentos reis. Lisboa 20. de Mayo de 1764.

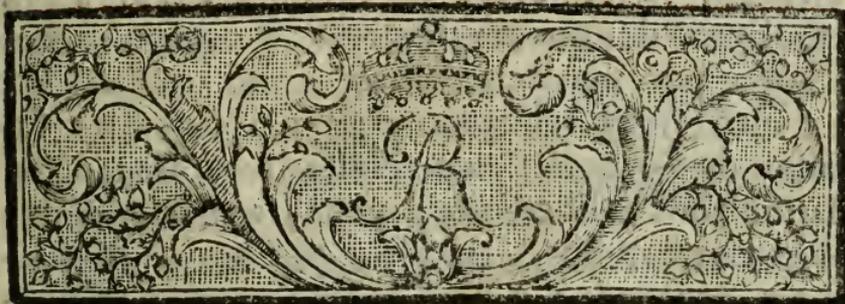
*Affonseca, Pacheco, Castro.*

*D. J. Arc. Lac.*

DO PAÇO.

**Q** Ue se possa imprimir, e Ordinario; tomara para a licença de correr. Lisboa 13 de Maio de 1763.

*Affonseca. Pacheco. Castro.*



# DISCURSO I.



Screveo Francisco de Pina e de Melo um Poema, que intitoulou *Triunfo da Religiam*, obra digna de um omem tam erudito; mas emfim obra de omem, que nunca pode ser totalmente perfeita.

Assim que saíó a luz em Coimbra fez mimo de um exemplar a um seu amigo; e este o remetteo a outro que tinha em Vila Viçoza, pedindo-lhe o seu parecer, que ele declarou em uma breve carta, a que ajuntou outra de um Ebo-rensê, com quem conferio o Poema; as quaes ambas foram parar á mão do dito Pina, que se defendeo com uma larga apologia, que imprimio, tratando nela bem mal os dous Transtaganos, que nam respondêram por nam mostrarem o empenho, que nam tinham tido quando escrevêram as duas cartas, de criticar o Poema, e só de satisfazer particularmente ao que o seu amigo lhe pedia. Pasados 5 anos, quando ja

ninguem se lembrava de tal obra, saíu a luz um livro de quarto impreso e composto em Lisboa por um Ecleziastico muito conhecido, e douto; mas rebuçado com um cognome suposto de *Velho do Canto*. Neste livro deu o seu Autor toda a liberdade á pena, zombando dos dous criticos do Alemtejo, que em nada o tinham dezañado: e nam querendo estes responder, tomei eu esse trabalho por evitar a ociozidade. E principiando a ler o tal livro, lhe achei desde o principio continuados descuidos, que me deram fundamento a muitos reparos; e sucesivas chufas, que me facultáram a liberdade do estilo jocosorio, de que tambem uzou o dito Autor.

Principia queixando-se de molestias, e intimando a todo o mundo a sua applicasam: e depois de escrever em proza quanto é bastante a ostentar o seu empenho, quiz mostrar as suas habilidades todas, e que tambem fazia versos: para o que introduz um Romance, por modo bem digno de rizo; pois dizendo que pedio a um amigo que *em segredo onde ninguem os ouve, lhe diga que juizo faz das censuras, e do Poema*; o tal amigo lhe responde que *sim, e que pegue na pena, e lhe dirá o seu sentimento em bom Romance*. Nam á maior frioleira! Com que para um amigo me dizer uma coiza em segredo, *onde ninguem nos ouve*, é necessario que eu escreva o que ele me diz? Se ele o escrevese para eu o ler, poderiamos entender que assim quiz evitar o perigo de que alguém o ouvisse; mas escreve-lo eu só para o ouvir, e ninguem mais,  
nam

nam sei para que serve. Nam lhe ficava mais barato, visto querer empurrar-nos o Romance, dizer que, perguntando ao amigo o seu parecer, ele lhe respondêra com aquelle Romance, sem dizer que lho mandára escrever? E quanto melhor fora que o guardáse!

Principia como quem entra em uma caza escura, palpando, e sem poder tomar tino, com mais interrogaçoens que inquirifam de prezos do segredo, sem testemunhas do delito. Ali duvida se tem os seus *sete sentidos*; o que eu tambem duvido, porque ( com licença do sapientissimo Feijó ) nam sei mais que de cinco. Ali se considera com *o fantasma absorto*; que nam sei como póde acontecer, quando se julga inquieto, e cauzando iluzoens. Admira-se de que *os criticos Transtaganos*, sendo tam doutos, descubram erros no Poema; como se os doutos estivesem impossibilitados para ser criticos. Rouba ao entendimento, com que se conhese o bem, e o mal, o microscopio da critica, para o collocar na pena com que se escreve; como se a pena servise para discurrer. Chama *Promontorio* ao Parnaso, quando este termo, que é proprio da Geografia, se deve aplicar aos rochedos iminentes ao mar, a que vulgarmente chamamos *cabos*. Cae em outras impropriedades destas: até que chega a dizer, louvando a patria do senhor Pina, e desprezando a dos Criticos, que ..... produz

Montemor sublimes aguias,

O Alemtejo gafanhotos.

Em quanto aos gafanhotos provéa a Deos que nam falase verdade, como se experimenta á anos: mas a respeito das aguias de Montemor é noticia bem estranha. Talvez que ficassem ahi por esquecimento aos Romanos, ou que viessem de arribasam do Imperio. Porém para que esas sublimes aguias nam desprezem estes gafanhotos, bom seria que tomassem exemplo na aguia de Jupiter, que nam ponde livrar-se da ruina, que lhe cauzou, com bem pouco trabalho, outro animal mais inerte que os gafanhotos, que é bem conhecido pelo officio de tornar mafans para brincarem os rapazes. Advirta pois o senhor critico mór (doulhe este nome por ser *critico dos criticos*) advirta que os gafanhotos tem por natureza o roer; e que nas suas cartas se lhe oferece muito pasto, por estarem cheias de verdura. Nam queira que lhe devorem o seu trabalho, e digamos com David: *Et dedit ærugini fructus eorum, et labores eorum locustæ.* Tomára perguntar a ese seu amigo trovista, que semelhansas achou de gafanhotos aos criticos Transtaganos? Em sua mercê é que eu acho alguma; porque se de si mesmo confesa na pag. 8. que é um *parvulozinbo*, estes vejo eu comparados áqueles insetos em um texto, que lhe vem de molde: *Parvuli tui quasi locustæ locustarum, quæ considunt in sepibus in die frigoris:* e sendo sua mercê critico dos criticos, a que chama *gafanhotos*, vem forçozamente a ser gafanhoto dos gafanhotos: *Locustæ locustarum:* conservando tambem a semelhansa de estar metido

do em caza , por ser velho ( como diz no principio da sua primeira carta ) que a velhice , como é inverno da idade , é tambem o tempo do frio na vida do omem: *Quæ confidunt in sepibus in die frigoris.* Ultimamente devem os Transtagnos estar consolados , porque ja ouve gafanhotos que nam faziam mal ás arvores , e ervas , mas só aos omens: *Et præceptum est illis ne lederent fœnum terræ, neque omne viride, neque omnem arborem, nisi tantum homines:* e outro tanto nam pode dizer o senhor Apologista quando se considera no principio da sua primeira carta convertido , por virtude da sua metempsicose , no animal que canta as letras vogaes.

Deixando porém ja esta bicharia , vamos ao fim do Romance , que acaba deste modo :

Nada disto foi , se nam

que , tendo o Pina composto

hum Poema incomparavel ,

*Venit inimicus homo.*

Teve sua graça o remate da cantiga. Bem mostra o Poeta ser Prégador da moda , porque quiz acabar com o texto. Ora digame , senhor Poeta: se vosa mercê conheceu que nada daquilo foi , para que nos esteve quebrando a cabeça com coizas que nam eram assim? Esteve arengando duas oras para no fim se desmentir , e inutilizar todo o Romance com aquella negaçam *nada disto foi.* E ja que conheceo a superfluidade antes de imprimir o livro , porque nam a evitou , visto que podia explicarnos o seu parecer nos tres versos que restam , de que nin-  
guem

quem poderá formar juizo certo; porque chamar *incomparavel* ao Poema nam é elogio nem vituperio, por poder ser uma, e outra coiza, pois á coizas incomparaveis por muito boas, e outras incomparaveis por muito más. Para o contexto nam póde apelar; e ainda que quizefemos intender que isto é louvor, nam nos consente este juizo a negaçam, que ja notei, que afirma que nada daquilo foi. Ora infiro: logo, se nada foi do que dise quando quiz louvar o senhor Pina, e vituperar os seus criticos, sam estes os que merecem o premio, e aquele a censura. Isto é claro: mas o Romancista estava preocupado do entuziasmo dos velhancicos, e nam cuidou que alguem cometeria o sacrilegio de formar esta ilasam. E temos que nam soube declarar o juizo, que fez do Poema.

O mesmo lhe aconteceu a respeito das censuras; porque o texto, que alega, nam só é confuzo para aquele lugar, mas tambem falso na intelligencia, que lhe dá. Nas cartas dos Transtaganos achavase a maior parte de elogios ao *Triunfo*, principalmente na de Evora, que entre outras expreloens, dizia a respeito do tal Poema, que „ A versificasam é fluida, cadente, „ e numeroza; as descripçoens muito boas, „ as imitaçoens bem executadas, as imagens „ belifimas, a fraze pura, elegante, e poetica *et c.* É é isto ser *inimicus homo*? Eu nunca vi que o louvor sincero fose açam de inimigos: e quem escreve o que refiro, e se vê tambem copiado na apologia do senhor Pina, bem mostra nam ser contrario.

trario. A respeito de Vila Viçosa, vemos nós na mesma apologia que o seu Autor confessa que, tendo-o aquelle critico levado ao mais alto cume dos elogios (sam as formais palavras) passáse tam de repente para a acuzasam do Poema et c. E isto é que chama o senhor Apologista *Inimicus homo*? Que mais poderám fazer os seus amigos do que levalo ao mais alto cume dos elogios? Que mais dirám do seu Poema Indico, que nam disse o Eborense na pasagem da sua carta, que assim transcrevi? Eu acento em que chamar o senhor D. Joaquim *Inimicus homo* a quem levou o senhor Pina ao mais alto cume dos elogios, é modo de meter a bulha; porque nos dá a entender que lhe chama inimigos fundado na opiniam do veneravel Beda: *Duo sunt genera persecutorum: unum palam sevientium, alterum fiste, fraudulenterque blandientium*: e ja que nam os poude fazer perseguidores declarados, os fez inimigos lizonjeiros.

Nas cartas dos criticos só se censurava alguma falta, que avia para a perfeiçam do Poema; e esta com tal modo, que mais parecia dezejo da correçam, do que castigo do defeito. Veja-se ou lugar da carta do Eborense: „ A dicçam ( diz ) é limada, exceptuando „ tal, ou qual palavra umilde; como v. g. „ coxás, pernas, tronchas, et c. e outras no- „ vas, ou estrangeiras, como *anatyzar*, *ori- „ entar*, *genitor* et c. Em quanto ao primeiro genero de palavras, a que chama *umildes*, pelo discurso desta crize se tratará: e no que respeita ás

ás estrangeiras, o mesmo Autor do Poema confessa que uma é Grega, outra Latina, e outra a vio em um livro Castelhana. Bem está: qual é agora a Portugueza? Em que lhe levantou testemunho falso o Eborense? Emfim com as palavras *inimicus homo* nam declarou, como tinha prometido, o juizo das censuras; porque a palavra *inimicus* é inditerente para o bem, e para o mal; e deixou aquele lugar confuzo, sem explicar o que o Romancista tinha intentado. Isto mesmo conheceo ele; porque acabando o Romance, principiou immediatamente um paragrafo, em que se declara em proza o que nam se lê no verso com clareza: e venha ele que nam me deixará mentir:,, Mais algumas palavras,, disemos sobre a materia, e nos conformamos,, no dictame de que as duas criticas Transtagnas só tiveram por fim o querer ostentar noticia; mas com infeliz sucesso, porque o Pina,, lhes responde com tam nervozos argumentos,, que já os supponho arrependidos de o terem,, dezañado.

Estamos no cazo do pintor que tendo pintado um galo, duvidou se os outros o conheceriam, e lhe escreveu por baxo *Isto é galo*. Porém ainda no fim do sobredito paragrafo á coiza mais digna de reparo, que é a baxeza de espirito, com que o senhor Apologista empreendeo o castigo de uns omens, que já *supunha arrependidos*. Os ministros de Deos devem mais que todos imitar as Divinas açoens: e se Deos perdoa aos arrependidos, o senhor

*Presbitero Lisbonense* para que obra o contrario? O certo é que sahio na intelligencia de que nam averia quem lhe respondêse. Mas fatigado eu de ler, e notar os descuidos tam continuados da Apologia, me rezólvo a ir tocando só os pontos mais principais, respondendo aos seus argumentos, e mostrandolhe tambem os seus erros. Para o que devo advertir aos meus leitores que esta obra do senhor D. Joaquim só é uma *amplificasam*; como ele mesmo confesa, ao que dise na sua Apologia o senhor Pina, a quem ele crimína de ter sido *muito remiso, e demaziadamente modesto*. Foi o senhor Presbitero Lisbonense o primeiro omem de juizo, que achou demazia na modestia, sendo certo que toda é diminuta; mas protestolhe que me nam á de notar ese defeito, sem embargo de que, atendido o merecimento da sua obra, sempre direi pouco: e confeso que nam diria tanto, se nam quizesse imitar o seu exemplo, e seguir o seu conselho; ainda que me lembro de que *Prava exempla non sunt imitanda*.

Entra pois o senhor Apologista a querer defender o seu afillhado pela introduçam de palavras novas; e repete logo o mesmo texto de Horacio, que traz o senhor Pina: *Ego cur acquirere pauca, si possum, invideor?* acrescentando sómente *pezados montantes, bifidos cutelos, Rigoristas de idiomas et c.* até que, por nam esperdiçar a gracinha de apropriar os dous votos de castidade, e pobreza, traz arrastado o da obediencia: e por querer fazer a profiçam solene,

introduz uma frioleira bem indiscreta., Os Rigoristas de qualquer idioma (*diz*) fazem voto de castidade da lingua, e ao mesmo tempo lhe observam, e tambem conservam o voto de pobreza; mas o da obediencia aos preceitos dos Mestres, nam chega a tanto a Religiam dos bemfalantes. Deixemos o velhanfco de *observam, e conservam*, e vamos sómente á *obediencia dos bemfalantes*. Pergunto: se eses Rigoristas nam observam os preceitos dos Mestres, como lhe chama *bemfalantes*? E se sam *bemfalantes*, como nam obedecem aos preceitos dos Mestres? Daqui podemos inferir que os taes preceitos sam inuteis, visto que ainda quem nam os observa é *bemfalante*: e por conseguinte é superfluo que nos alegue nenhum. Mas vejamos com tudo quaes aponta a seu favor.

O primeiro que vem a campo é um de Lucrecio, e por final que alterado: *Sæpe novis verbis, præterquam cum sit agendum, propter egestatem linguæ, et rerum novitatem*. Neste texto, que o senhor Apologista com os sobrolhos levantados chama *terminante*, temos muito que advertir; porque nam é texto, mas pretexto, que o mesmo Lucrecio tomou para desculpar-se da introduçam de algumas palavras novas, a que o obrigaría a necessidade do assunto que tomava; e diz assim:

*Nec me animi fallit graiorum obscura reperta  
Difficile illustrare latinis versibus esse.*

*Multa novis verbis, præsertim cum sit agendum,  
Propter egestatem linguæ; et rerum novitatem. et c.*

Mas

Mas quando esta verdade nam estivele tam patente, eu lhe concedera de boa vontade que daqui se pudese inferir liberdade de uzar de palavras novas; mas advirta nas condiçoens. A primeira só se dá quando no idioma nam á palavra significativa do objeto que se pertende representar: *Propter egestatem linguæ*. A segunda, quando se trata de materias, que nam sam vulgares: *Et rerum novitatem*. Porém dezejara que me difese o senhor Apologista onde se davam estas condiçoens quando o senhor Pina dise *Genitor*, em lugar de *Pai*; *orientar* em vez de *nascer*, ou *aparecer*, *et c.* Por ventura é novo entre nós o aver *pais*, e nunca visto o *nascer*, ou *aparecer*? O senhor Pina quer falar como oraculo para que o adevinhem. Porém dezengane-se que o nam á de ser em quanto as suas repostas forem como a que deo aos Transtaganos, cheia de mais malicia, que sciencia, como adiante mostrarei. Senhor Francisco de Pina, veja que a noite é orroroza, por escura; e o dia agradavel, por ser claro. Se vosa mercê quer agradar, á de falar claro. Só é entendido quem se sabe dar a entender. Nam queira que algum diga de vosa mercê, com pouca variasam no sentido, o que outro Poeta dise de um bosque tenebrozo:

*Pela boca da noite é que responde*

*Quando a manhã vai dar-lhe algum recado;*

*Sendo com tam bosal fizionomia*

*Espantalho do Sol, coco do dia.*

Este bosque lá tinha suas semelhansas com aquelle dos Hottentots, que vem no seu Poema,

que, por ser a primeira sena daquelle teatro, bem póde servir de agoiro ao *emaranhado* do estilo. Voſa mercê nam ſervirá de espantalho ao Sol;

*Que nó reparará el Sol*

*En atomos tan pequeños:*

porém ao menos espanta os leitores; ſem embargo de que alguns ja vam perdendo o medo ao espantalho.

Do meſmo modo ſe deve entender o texto de Horacio: *Ego cur acquirere pauca, ſi poſſum, invidior?* Em duas coizas ſe deve advertir: a primeira é aquelle *pauca*, em que o Poeta nos mostra que as vozes eſtranhas, de que devemos uzar, amde ſer *poucas*; e só tantas quantos forem os cazos de neceſidade, e novidade: *Et rerum novitatem*: a ſegunda é aquella condiſam *ſi poſſum*, com que declara que ſe deve coarctar eſta liberdade sómente para quando for licita, *ſi poſſum*; que só o póde ſer por pobreza da lingua, *Propter egeſtatem linguæ*. É além deſta coarctação, vemos que Horacio nam permite que ſe peſam empreſtadas as vozes a muitas linguas, fazendo manta de retalhos ( porque entam ſe lhe póde apropriar o *varias inducere plumas* ) mas sómente a uma, que ſeja mais culta, e abundante de termos, como era a Grega a respeito da Latina:

*Et nova fiſtaque nuper habebunt verba fidem, ſi Græco fonte cadant, parce detorta: etc.*

Que um Poeta peſa á lingua Latina, quando tiver neceſidade, é juſto; porque eſta é muita  
vaſta

vaſta de termos , por incluir muitos da Grega ; mas tirar uma palavra da Italia , outra da Franſa , outra da Grecia etc. iſto é fazer capa de pobre , e uma confuzam de linguas como a de Babel. Além de que ſe podem abſtrair novas vozes de termos uzados , como v. g. *animalidade* , de *animal* , e outros ſemelhantes ; uzando ſe ſempre com muita advertencia , de forte que ſe prove aver neceſidade do ſeu uzo , para que aſſim tenham aceitaçam :

..... *licuit , ſemperque licebit*

*Signatum præſente nota producere nomen.*

Em quanto á diferenſa , com que quer que aos Poetas ſeja mais licito o uzo , e introduçam de termos novos , do que aos Eſcritores , que eſcrevem em proza , tambem lhe nam poſſo achar razam ; porque ſe eſtas ſe devem introduzir , e uzar , *propter egeſtatem linguæ , et rerum novitatem* , julgo que mais neceſidade terá a proza , do que o verſo , deſte focorro ; pois em quanto á pobreza da lingua , é igual em uns , e outros , eſcreverem no meſmo idioma : e pelo que reſpeita á novidade dos objetos , ninguem duvida que a proza tem mais ocazioens de os encontrar ; porque as ſciencias , que ſe explicam por termos facultativos , ſe tratam em proza , e nam em verſo. Alem diſto devemos bem ponderar que a pobreza de lingua procede da novidade dos objetos ; e faltando eſta , nam ſe dá aquela : e iſto bem ſe prova nos ruſticos , que ſem difficuldade explicam todas as ſuas ideas , por ſerem uzuaes , e nam novas. Nem  
quei-

queiram apelar para a desculpa dos consoantes, que muitas vezes obrigam; porque ( dizem ) nam é justo que por uma palavra se perca um foneto v. g., ou por falta de um consoante deixe de se exprimir um conceito; pois esta desculpa nem sempre póde valer; e é menos mal que se perca um pouco de trabalho, do que por forsa de consoante dizer uma parvoice. E se nam, digam-me que desculpa tem o senhor Pina neste lugar do seu Poema:

..... Vamos que eu te afito:

E sem outra demora, que os detenha,  
 Ambos as luzes seguem, que os *empenha*  
 A procurar com animo devoto  
 Do universo o caminho mais remoto.

Que tal está a lingua de preto? *As luzes, que os empenha* nam diriam *os gafanhotos do Alentejo*, quanto mais *as Aguias de Montemor*! E quanto melhor fora que se perdessem aqueles quatro versos? Eu julgo que o senhor Pina muito bem vio estes descuidos; mas teve dô de riscar o que tinha escrito. *No quod scripsi, scripsi*, só Pilatos acertou. Lembrese, senhor Poeta, do rifam, que diz: *Autor, que nam bór-ra, Autor de bór-ra*. Nam tenha tanto amor a dous versos; nem se deixe levar da forsa dos consoantes. Um poeta Italiano fez uma satira a uma senhora distinta; e para consoante de *Romana* só lhe poude servir a palavra *putana*: foi arguido do delito, e se desculpou, dizendo que foi forsa de consoante: entam o Papa lhe perguntou o seu nome; e respondendo que era

*Fulano*

*Fulano Madera*, foi sentenciado tambem por forsa de consoante a galé perpetua, sem lhe valer a licença poetica, deste modo:

Esserá ben' assai, signor Madera,  
Ch' abbia per propria casa una galera.

Porém pasemos adiante para ver o terceiro texto que o senhor D. Joaquim alega para provar que aos poetas é mais licito o uzo de termos novos, do que aos mais escritores:

..... *piëtoribus*, atque *poetis*

*Quidlibet audendi semper fuit æqua potestas.*

Que tal está a applicasam do texto? Haverá quem deixe de se rir? A propozisam, que se intenta provar, diz que é muito mais licito aos poetas, que escrevem em verso, do que aos mais escritores, que escrevem em proza, o atrevimento de introduzir palavras novas: e o texto diz que os pintores, e os poetas sempre tiveram igual poder de inventar o que lhe parecer. Ora que parentesco têm uma coiza com a outra? Em que se parece o requeijam com o espeto? Ouçamos a tradusam, que lhe faz, que é muito galante, e diz sua mercê que é feita sem violentar a gramatica: „ He muito digno ( diz ) de todo o en- „ genho penetrante, que estas licenças, ainda „ capituladas com o nome de atrevimentos, „ *audendi*, sam um poder, e poder justo; nam „ iniquo, nem alheio da razam, mas cheio de „ equidade, *æqua potestas*; e isto nam só nesta, „ ou em outra circumstancia, mas em todo o „ tempo; que esta é a forsa daquelle *semper*. „ Ora vejam vofas mercês o que fazem os engenhos pene-

penetrantes ! Pois , senhor engenho penetrante , expozitor da força do *sempre* , juiz conservador dos atrevimentos dos poetas , *audendi* , com alçada sobre o poder justo , e iniquo et c. , traduzio vosa mercê muito mal : e talvez que aquele criado do senhor Pina , que costuma construírlhe os lugares de Horacio , disse melhor. Ouça , e aprenda ; sem embargo de que ja é velho para isto. *Potestas* , o poder , *quidlibet audendi* , de idear , ou inventar qualquer coiza ; *semper fuit æqua* , sempre foi igual , *piCTORibus* , para os pintores ; *atque poetis* , e para os poetas. Vosa mercê vio *audeo* na Prozodia de Bento Pereira com significação de *atreverse* , e entendo que este atrevimento era o mesmo que dezaforo , e pouca vergonha ; mas enganouse , porque *atreverse* aqui vale tanto como *empreender* , ou *intentar*. Para quem tem engenho tam penetrante vê as coizas muito superficialmente. Quem quer que o respeitem como velho na sciencia , nam á de uzar dela como rapaz.

Além disto , devia advertir que Horacio naquêle lugar nam fala na introduçam de palavras novas ; porque entam era mal trazida a comparaçam , ou paralelo dos pintores com os poetas : e para isto nam é perciza muita penetraçam. Os pintores só podem inventar figuras novas quando queiram fingir quimeras.

..... *velut ægri somnia , vana*

*Fingentur species : ut nec pes , nec caput uni*

*Reddatur formæ. PiCTORibus , atque poetis et c.*

Quando os poetas se parecem aos pintores é

na invençam , na ideia , na dispoziçam da obra , na collocaçam das imagens , e na harmonia , que deve fazer que o painel , ou poema seja agradavel , nam ficando monstruozo pela uniam de partes inconexas. E se o senhor Apologista quizer diso alguma noticia , veja o livro de Arte Grafica de Mr. du Fresnoy , que principia :

*Ut Pictura Poesis erit , similisque Poesi  
Sit Pictura: refert par, emulat quæque sororem,  
Alternantque vices, et nomina: muta Poesis  
Dicitur hæc, et Pictura loquens solet illa vocari.*

Daqui pasa logo o senhor D. Joaquim a contar grafas suas , e bons ditos , com que respondeo a varias pesoas ; que melhor fora que os contáse a mãizinha para gloria do pai da crianca , e divertimento das vizinhas. Repete varias pasagens do seu *Poema Indico* , que está em quarentena á duzentos anos. Mas se eu tivera mais paciencia , nam me avia sua mercê levar esa de mais , porque fazia uma quantidade de pedalos de oitavas , e alegava a estansia quinze mil , e tantas , do vigesimo livro do meu *Tartaro Metrico* ; tal , e tal pasagem do meu *Orbe reformado* ; tal , e tal epizodio do meu *D. Sebastiam encantado et c.* e quem ouvise isto ficava com grande pezar de nam sairem aquellas obras a luz. Ali finalmente diz o senhor D. Joaquim , depois de muitas outras vaidades , que *abertamente , e sem jatanfia corria sem tropeço na idade juvenil pelo vasto campo da v. r. sificasam Latina. et c.* E aqui me calo eu , por deixar aos leitores a inteligencia que póde ter quem

conhece tam pouco as difficuldades do metro Latino.

Segue-se um descuido de maior consideração. Porque, querendo mostrar a difficuldade, que á em imitar as obras belas, assim da natureza, como da arte, diz deste modo: „ Toma „ um pintor nos dedos o seu pincel para fazer „ o retrato de huma cara feia; e sahe tam proprio, que nam se distingue do original: em „ penhasse em retratar uma formozura; e nunca „ a copia pode jactarse de inteira semelhança. „ Quer darnos em um quadro uma ideia do „ inferno; e ali vemos com horror a desesperação de um reprobado, a figura de um demónio, o aspetto de uma furia, a voracidade de uma chama, e a tyrania dos instrumentos, que castigam aos que padecem. Vai a „ pintar uma gloria, e faltam as ideias, as „ cores, os rasgos, e nam pinta mais que uma „ sombra do que na verdade é. „ Nam á paridade mais bem lembrada! Serám da mesma massa as imagens do seu Poema detal? Intenta aqui persuadirnos que se pode pintar o inferno como ele é realmente em si, de modo que a copia se nam distinga do original. Que bem concorda isto com o que diz S. Agostinho que o nosso fogo natural é frio a respeito daquele do inferno! E com tudo ade ser tam imitavel a sua voracidade, que se veja perfeitamente na pintura?

Diz o senhor Apologista que ali se vê *a figura de um demonio*. Tomára que me disése

a razam porque o pintor tem habilidade de pintar a figura do demonio tam propria que nam se distingue do original, e lhe será impossivel fingir a de um Anjo celestial, sendo que um, e outro sam espiritos sem corpo. Diz tambem que se vê *o aspecto de uma furia*. Se entende por *furias* as que a cega Gentilidade fingio estarem no inferno, faz muito mal em misturar a fabula, que sonháram os Gentios, com a verdade que acreditamos os Catolicos. Tenho visto em pintura representado o inferno, e nunca vi nele as filhas de Erebo: vi Lucifer aos pés de S. Miguel; e nunca me mostráram Alecto, Tizifone, nem Megara: vi a outros demonios atormentando os condenados; e ninguem me disse, aquelle é Minoos, este Radamanto, e o outro Eaco. Se um erege ouvir dizer a um Cristam ( e ministro da Igreja Romana, como é o senhor Presbitero Lisbonense, que tem obrigafam de saber o que diz ) que no inferno, cuja existencia acreditamos, estam as Furias, julgará que tam fabuloza é uma coiza como a outra. Poderá dizer a isto o senhor D. Joaquim que este nome *furia* se entende aqui por *demonio*: mas se quiz que assim o entendefemos, para que fez aquella separafam de *A figura de um demonio, e o aspecto de uma furia*? Se tudo era o mesmo, para que nos deo a entender com a divizam serem coizas distintas? Diz tambem que se vê *a voracidade de uma chama*. Tomára que me emprestáse os seus oculos, que tambem queria admirar; porque a minha

vista nam chega a tanto. Ainda no fogo natural só se vê a voracidade nos efeitos; pois vizivelmente se vai destruindo, e aniquilando a materia em que o fogo se acende. E se nam á outro modo de lhe conhecer a voracidade, como lha vê tam claramente o senhor D. Joaquim no fogo do inferno, que nam tem materia de que se alimente, e abraza os condenados sem os consumir? Nam á mais ver! Belo era para a anatomia dos insetos.

Finalmente mais que tudo repreensível é o epíteto, que dá aos instrumentos, que por mandado de Deos castigam os condenados, chamando-lhes tyranos: *a tyrania dos instrumentos*. E é possível que um omem tam erudito, tam famoso, e tam grande prégador tenha tais tropeços! Chamar *tyrania* á execufam da Divina justifa! Nam sabe que *tyrano* é sinonimo de *injusto*? Ignora que *tyrania* vale tanto como *iniquidade*? Veja todos os vocabularios ( a que sua mercê chama *prozodias*, sem saber que *prozodia* significa a pronuncia das filabas ) procure todos os Dicionarios, e digame depois se acha algum significado da palavra *tyrania*, que possa acomodar-se sem disonancia grande aos instrumentos da Divina justifa. Nisto devia reparar o senhor Presbitero Lisbonense; e nam em que o critico de Vila Viçosa escrevêse *gazofilacio* com *ço* em lugar de *zo*, como nota na sua carta nona. E este é um ponto, em que eu espero reposta, e satisfasam, no cazo que o senhor D. Joaquim dê ao publico as obras, que me dizem  
está

está escrevendo contra este meu papel, que eu lhe remeti manuscrito, e sem intençam de o publicar; o que só agora faço incitado desta noticia, pois me consta que responde com dois entremezes, que será bom que sejam da vida de D. Quixote, em algum lanse, em que entre o cura, e o barbeiro, para ficar o passo mais ao natural.

Parece que quem diz destas nam podia ter boca para criticar os outros: porém é tal a miseria, que passa logo o senhor Apologista a fatirizar os Academicos da sociedade instituida no palacio do Conde da Ericeira, que ele mesmo confessa serem *todos os omens doutos da corte, e que naquele tempo eram muitos*. Intentáram estes melhorar a palavra *caga-lume*, por mal soante, e grosseira; e escolhêram em seu lugar a de *noite-luz*. Nam pedíram para isto licença ao senhor D. Joaquim Velho do Canto; e escandalizado ele, lhe nota a *má escolha*; e dá a razão, dizendo que deviam ter a mesma providencia com a palavra *cdgado*, que, em lhe tirando o acento, fica muito mais ascoroza que *caga-lume*: *atqui* eles o nam fizeram assim: *ergo* má escolha. Ora que tal é a logica do amigo? Aprenderia, ou será curiozidade? Com que ninguem pode emendar um erro, se nam remediando todos? Vejamos se sei eu formar tambem um silogismo por esta logica. Vossa mercê repreende aos Transtaganos de *alguns descuidos*; como se lê no rosto do seu livro: *atqui* que, re-  
preendendo *alguns* só, nam argue *todos* como devia

devia conforme o seu sistema : *ergo* gorou o trabalho, porque nada disse no que escreveo. Meu amigo : *Versa est sagitta in caput sagittantis*. Digame, nam adverte com o seu ingenho penetrante que *caga-lume* sempre soa mal; e que *tágado* para que fique ascorozo é preciso que se lhe mude o acento da primeira para a segunda sílaba? Está bem dezencaixada!

Continúa a crize, dizendo que *noite-luz* é um termo equivoco a tudo o que luz de noite: e refere logo um catalogo de coizas, que luzem de noite, que sam, *as velas, os rolos, as candeias, os candieiros, as tochas, as alampadas, as fornalhas, os fornos de tijolo, de telha, e de cal et c.* Que me dizem á discriçã? Está bem cheio de noticias este cavalheiro! Vejam o que aqui ajuntou! Nam sei como, sendo tam versado nas Escrituras, lhe esqueceo a lanterna de Malco! Pois, senhor mestre reparante, solicitador das questoes bolorentas, e cronista das coizas que luzem de noite, com licença da sua autoridade, e destes senhores, que nos ouvem, oiçame um segredo: vosa mercê em cada palavra daquelas disse uma criasada; porque nada daquilo luz de noite, mas sim o fogo, que naquelas coizas se acende. E se nam, ponha elas *velas, eses rolos, eses fornos et c.* e tudo o mais, que refere, apagado, e sem fogo, e veremos se luzem de noite. Além de que, ainda que todas estas coizas luzifem de noite, nenhuma delas se chama *noite-luz*; mas cada uma tem o seu nome: a vela é *vela,*

e nam *noite-luz*; o torno é *forno*, e nam *noite-luz et c.* e assim sendo já esta palavra reputada como nome especial daquele inseto, nam ficava equívoco, como diz. E para os exemplos do que *luz de noite* melhor faria se referisse ás coizas que tem qualidade de fosforo, como sam as entranhas de quazi todos os peixes, a pedra Bononia et c. e nam contentarse com os olhos dos gatos sómente.

Por forsa quer que, chegada a ocaziam de adoptar uma palavra, que fosse propria para este inseto, lhe chamafemos *Pirilampo*, como os Castelhanos, dispensando para isto no contrabando da fazenda de Castela. Dá por fundamento que *noite-luz* é uma voz remendada, que se compoem de duas: e que *pirilampo* é um nome *muito agradavel, muito bonito, muito sonoro*, e para se parecer em tudo com o seu significado, até quer que seja *muito brilhante*. Agora arguo eu: *Per te* a voz *noite-luz* é má por ser remendada, e composta de duas: *ergo* tambem a voz *pirilampo*, que tanto lhe agrada, é ruim, por ser remendada, e composta de duas. Meu senhor, *Incidit in foveam, quam fecit*. Veio a cair-lhe o raio em caza. Isto succede a quem fala no que nam sabe. Ora com que consciencia vem enganar a gente, intimando a sua grande inteligencia das linguas? Estude, se quizer; e nam coma o beneficio com bulas falsas. Para saber que *pirilampo* se compoem de duas diçoens Gregas, nam lhe será preciso mais que ver o *Faciolati* verbo *Lampyris*: e ahi lerá que se fór-

made  $\pi\upsilon\rho.$ , *pyr*, que significa *fogo*; e de  $\lambda\alpha\mu\pi\omega.$ , *splendeo*, que significa *luzir*: e esta palavra, que tanto lhe cahio em grãsa, é que fica equívoca a tudo o que luz com o fogo, e mais propria ás *velas, candeias, fornos et c.* No mesmo citado Autor verá que nam é novo o termo *noite-luz*, pois nenhuma differença tem o que ele lá traz entre outros, *noctiluca*, composto de *nox*, a *noite*, e de *luceo*, *luzir*. Nam cuidou vosa mercê que estava tam adiantado no Grego, visto que fala palavras Gregas, cuidando que sam Castêlhanas.

Tambem nam soffro o dizer que *noite-luz* é uma voz medonha, terminada em *uz*, que parece que nos está metendo medo. Se as palavras acabadas em *uz* metem medo ao senhor Apologista, pofo eu julgar que fugirá da Cruz, e falará poucas vezes no santissimo nome de JESUS. Entendo eu que com medo de algum leitor destes fugiram do Dicionario em meias as palavras *chuz*, e *buz*, como diz o Autor do *Governo do mundo em seco*. E nam se envergonha o senhor D. Joaquim de escarnecer com contos de benzedeadas as Aferloens de uma Academia, em que ele confesa que entravam todos os omens doutos da corte? E vai outro argumentinho. Pergunto: Se tantos omens sem controversia eruditos, depois de disputarem a questam, nam tiveram bom gosto para a eleisam de uma voz, como vosa mercê diz; como o adeter o senhor Pina, que é um só homem, para a eleisam, e introdusam de tantas? E se vosa mercê tem liberdade

dade para insultar com tam pouco respeito em publico a veneravel autoridade de uma Academia tam grande, só porque introduzio uma palavra, que anda nos Dicionarios; como quer negar aos criticos Transtaganos a licenfa de notar com moderasam, e decensia em duas cartas manuscritas, que nam se publicáram, tantas vozes alheias, ou novas, introduzidas por um só omem, que muitas nam tem exemplo que as patrocine? A isto é que se chama, meu Reverendo, dar corda para se enforçar.

O outro fundamento, em que se firma o senhor Apologista para provar a liberdade da invenfam de palavras, nam me occuparia o tempo para a resposta, se ele nam disese que é *tam vigorosa, e de tanta valentia, que se lizongeia de que ninguem se ha de atrever ao contrastar*: e é o seguinte: „ He certo que, se nam ha licenfa para introduzir novas vozes em uma lingua viva, muito menos se deve admitir esta liberdade em uma lingua morta,,. Eisaqui o argumento que nos apregoa por incontraftavel; em que nenhuma dificuldade á para se desfazer. Primeiramente por ser fundado em uma supozifam falsa, qual é aquela *Se nam ha licenfa para introduzir novas vozes em uma lingua*: a qual ninguem nega, com tanto que aja as duas coizas condicionaes de pobreza da lingua, e novidade de objetos: *Propter egestatem linguae, et rerum novitatem*. Em segundo lugar, porque a lingua viva nam tem mais privilegio, que a morta, quando desta se uza. Nunca a lingua Latina foi

mais viva que depois de morta; porque entam era particular de uma naçam, oje é universal em todas as gentes cultas. Quando um Portuguez v. g. se explica em Latim, nam ade deixar de exprimir o seu conceito, porque no idioma nam tem palavra significativa dele; mas sim aproveitar-se da liberdade de introduzir as vozes, de que carese para representar a sua ideia. Sem embargo de que Joam Baptista Pio nas notas, com que comentou Lucrecio, nam lhe acha razam para que chame *pobre* á lingua Latina, no sobredito lugar onde diz: *Propter egestatem linguæ*: e nota este comentador com alguma impaciencia que o Poeta se abatêse tam vergoñosamente: *Verecunde se attenuat Poeta. Non est egestuosa lingua Romana. Imo, ut censet Theodorus Gaza, verba Latina Græcis respondent: sententiæ sententiis: ut tolerandus quandoque sit Marcus Tullius, qui pauperem Græciam vocat.* Mas quero conceder que aja na lingua Latina esa pobreza, ou seja procedida de defeito do idioma, ou de falta de noticia de quem o fala: o certo é que seria coiza ridicula que um homem mestre discorrendo publicamente em um ponto da Filozofia v. g., e vendo-se falto de um termo, paráse com o discurso, e principiáse a falar Portuguez, dando por motivo o nam ter licença de introduzir uma palavra nova em a lingua Latina, por ser morta. Se a razám principal, que dispensa a introduçam de termos novos, é a necessidade procedida da novidade dos objetos, em nenhuma lingua se encontra maior variedade;

de; porque em Latim se costumam tratar todas ou quazi todas as ciencias, que só se podem explicar por termos facultativos, que cada dia se estam necessitando para explicar novas invensoens; especialmente na Filozofia, em que cada um discorre diversamente, e tem necessidade de maior focorro de palavras para intimar os pensamentos ideiados de novo: o que tambem se colhe da caterva de termos clasicos, que o senhor Velho repete na pag. 51; advertindo com tudo que muitos dos que ali vem nam sam novos, e para ese fim vieram mal applicados; especialmente a voz *Magnete*, que, além de ser muito conhecida entre nós pelos nomes de *Iman*, *pedra de cevar*, ou *calamita*, é tam antiga, que bem a pode ver no livro 6. do seu Lucrecio o senhor Apologista; e diz Platam que Euripides lhe dera o nome: *Sicut in lapide, quem magnetem Euripides nominavit: non nulli Heraclium vocant: e do mesmo modo o traz o primeiro Claudiano, e outros muitos*

..... *lapis est cognomine magnes.*

A respeito das mesmas vozes facultativas ja vulgares á noticia dos Profesores adianta mais o pensamento o senhor D. Joaquim, e diz:  
 „ Suponhamos por hum momento que hum poe-  
 „ ta heroico para dizer que um Coronel de Ca-  
 „ valaria formou o seu regimento em um meio  
 „ circulo, e foi assim marchando com muita pau-  
 „ sa, se explicava desta fórma:

*Levando em marcha vagarôza, e séria*

*O bellico esquadram em periferia.*

„ Tornemos a supor que para pintar o Sol cá-  
 „ indo no Ocidente dizia em outros dous versos:

*Nos braços de Neptuno procellozo*

*Buscava tumba o disco luminoso.*

„ Se o critico Eborense nam estiver presente  
 „ em que *periferia* quer dizer um semicirculo;  
 „ e que *disco luminoso* he o Sol, na linguagem  
 „ dos Fyzicos, e Astronomos, parecer-lhe-ha  
 „ que sam uns termos inventados de novo, e  
 „ fabricados *ad libitum* na fantazia do poeta,  
 „ sendo ja tam velhos como a Astronomia, e  
 Fyzica, .

Até aqui a erudisam do senhor D. Joaquim:  
 agora a minha crize. Tomára primeiro adivi-  
 nhar se estes quatro versinhos pertensem ao  
 poema, que está de salmoira com mil, e oi-  
 tocentas oitavas. Eu desconfio da coiza: e se  
 o mais é assim, ade ser lindo como o ouro.  
 Mas que sejam, ou nam sejam, *quid ad nos?*  
 O certo é que vem para mostra do pano; e fo-  
 ram feitos de encomenda para servirem de exem-  
 plar de erudiçam poetica. Vamos a contas. Eu  
 quero supor com o senhor Apologista que o Poe-  
 ta fazia aquella descripçam da—marcha do regi-  
 mento; mas estou certo que incluia dois erros  
 crasos. O primeiro é que *periferia* tem a penul-  
 tima longa, e nam pode ser consoante de *Sé-  
 ria*: é *periferia*, e nam *periféria*. O poeta pe-  
 gouse á regra de vogal antes de vogal, que é  
 breve, e nam soube que este nome é Grego, e  
 se escreve com diphtongo de *ei* onde nós escre-  
 vemos sómente *i* longo na penultima silaba,  
 cuja

cuja pronuncia pode ver na Arte de Grego de Port-Royal, (liv. 1. cap. 4.) Se o sabe ler, aqui lho mostro: *περιφερεια*. ; e se nam, procure algum vizinho, que saiba, que lho ade transcrever em letras Latinas assim: *periphereia*: e aqui conhecerá vosa mercê que se intrometeo a explicar o que nem ao menos sabe ler, segundo se infere da pronuncia, que lhe dá. O segundo erro consiste em ignorar tambem a significaçam desta palavra, que nam é *semicirculo*, como sua mercê quer; mas sim a parte exterior do circulo inteiro: vem de *φερω*, *fero*, e de *περι*, *circum*, e traduzido ao pé da letra é o mesmo que *circumferencia*; o que pode ver no sobredito Metodo (liv. 6. cap. 2.) Se o senhor D. Joaquim loubése alguma coiza de Geometria, que é a ciencia, a que pertense esta palavra, e nam á Astronomia, e Fizica, como quer, teria lido que o circulo se principia da periferia para o centro, e do centro para a periferia, e saberia entam o seu significado. Quanto melhor era, senhor Apologista, pôr o exemplo em coiza que soubése, e nam nesta que ignorava! Mas tudo isto succede a quem se mete a falar o que nam sabe; julgando que tem ciencia infuza, e trata de qualquer materia, sem a estudar. Ora envergonhe-se: e depois de se ver apanhado em erros tam crasos, nam queira responderme com entremezes, como me dizem que está fazendo; porque o verdadeiro entremez é a sua primeira obra *Critica da Critica*; que nam faltaria aos onvintes que rir, e a vosa mercê que raiyar, se eu pude-se

pudeſe comẽtar-lha cara a cara com o livro na mam.

Daqui por diante quando vir a lua em quarto minguante, ou crescente, eide chamar-lhe *periferia luminoso*, para ſervir de conſorte ao *disco luminoso*, que vem nos outros dous verſos, que na verdade eſtavam alegrinhos, ſe nam vieſe ali aquella *tumba* fazer a funſam orroroza. Nam ſei como nam lhe fez o enterro no eſquife dos pobres! Que bem condiz a *tumba* com o *disco luminoso*! Os Gregos ſim chamavam ao Sol  $\delta\iota\sigma\kappa\omicron\varsigma$ , *Discus*; mas era por uma tranſlaſam, aludindo á ſemelhanſa, que tinha na figura com os *discos*, que eram uns como queijos de metal, com que jogavam como oje entre nós ſe joga á barra: porẽm a ſignificafam propria deſte nome é de *prato*, como oje, e ſempre uzãram os Latinos, de quem o ſenhor D. Joaquim quer que tiremos as etimologias das palavras do ſenhor Pina, como v. g. do *conato*, do *germinar*, et c. Alem de que é falſidade dizer que os Aſtronomos, e Fizicos lhe poem eſta alcunha ao pobre planeta, de quem dizia Fr. Pedro de Sá que ja mais apareſia com o nome da pia; porque uns lhe chamavam *nacarada cifra do Olimpo*, *Fenis de ouro da celeſte Arabia*, outros *dobrándo do ofir*, *coraſam de nacar*, *olho do Olimpo*, et c. e ele, ainda que indigno cronifſta, eſteve tentado a chamar-lhe *embigo celeſte*, ou *diurno cagalume*. E eu digo que neſte catalogo de epitetos podia entrar o *disco luminoso* muito melhor do que a palavra *noite-luz* na arenga da benze-deira

deira de quebranto, em que a mete o senhor Apologista.

Profegue este cavalheiro a sua apologia; e depois de alegar *textos Horacianos, lyricos* etc. e intimarnos que, *se nam imagináse que impugnava os criticos Transtaganos a concluir, escuzava de pôr os oculos para escrever*: e jactarse de que em mil, e oitocentas oitavas, de que consta o seu Poema encantado, apenas se encontrará uma, ou outra voz, que possa cauzar remorso nas consciencias escrupulozas; expresám em que imita o senhor Pina, que tambem no § 33. do Prolegomeno afirma que raras sam as palavras Latinas, ou Greco-Latinas de que uza no Poema, vendo nós o contrario: ultimamente se mete no numero dos que *abrem os livros, e os sabem ler*, sem deixar o seu credito em mãos alheias. Passa depois a fazer uma grande crize á palavra *basta*, de que uza a gente culta, e quer preferirlhe a voz *abonda*, de que só uza a gente grosseira; dando por fundamento que está nascendo nos braços do verbo *abundo*, de que está como *indigitando o parentesco da sua origem*; que é uma galante fraze. Ora pergunto, senhor Poeta dos enterros do Sol; se vosa mercê diante de gente chamáse o seu criado, e lhe disése que lhe *mondáse* os sapatos, que estavam *enlutados*, dando por fundamento que a voz *mondar* estava nascendo nos braços do verbo Latino *mundare*, limpar; e que o termo *enlutados* indigitava o parentesco da origem com o adjectivo *lutatus*, que significa *coiza enlodada*, poderiam

riam os ouvintes fazer papel dos Pizoens sem dar liberdade ao rizo? Pois applico a paridade. Alem de que; se o termo Portuguez *abonda* vale o mesmo que o Latino *abundo*, tem muito diversa significafam da palavra *basto*; porque esta declara sufficiencia, e aquela superfluidade. *Abundat* é o mesmo que *ter de mais*. Veja os vocabularios, e achará que *abundo* significa *traboardar*, *lançar por fora*, que tanto vale o *epandre par dessus*, *estre plein jusques a deborder*, que tras o Calepino. *Basto* em Portuguez é o mesmo que em Latim *sufficit*, *satis est*. O que *basto* é o que chega ao justo; o que *abunda* é o que chega, e sobeja. E metese a fazer eleiçam de palavras, sem saber o que significam! Ora obrigado pela liçam.

Depois de tam largos documentos, e alegaçoens nam provadas, rezolve-se o senhor Critico dos Criticos a dar a sentença final, e para isto traz o pobre Horacio a baraso, e pregám, por nam saber o que dise; arguindolhe incoerencias, e lizongeandose de lhe dar umas calças, ja que lhe perdoa o jubam de asoites, porque dise

..... *si volet usus,*

*Quem penes arbitrium, et jus, et norma loquendi.*  
E argumentalhe dizendo que *se o uzo comum é a regra de bem falar, si volet usus, para que recommenda a parsimonia em semear palavras?* Por certo que ninguem poderá achar incoerencia nestes dous lugares: pois tendo dito Horacio que se deviam praticar as vozes que estivesem em uzo, nam lhe fica impropria a recommendafam  
da

da cautela em introduzir palavras novas.

Continúa o reparo, dizendo que, *se o uzo comum é o que tem toda a autoridade nas vozes, com que falamos, ja os poetas nam tem a liberdade, ou atrevimento de introduzir termos novos: Pictoribus atque poetis quidlibet audendi semper fuit æqua potestas.* A isto respondi eu ja que Horacio neste lugar nam fala da invençam de palavras, mas sim da eleisam das ideias, em que o uzo nam tem dominio. Diz mais que, *se o uzo comum é o unico, e verdadeiro Conservador das palavras; de que serve a fonte Grega, da qual vem como nascidas as vozes: si Græco fonte cadant?* Ora digame, senhor Apologista; qual era o uzo no tempo, em que Horacio escreveo, se nam terem accitavam as palavras, que vinham do Grego? As leis, as artes, as ciencias, e os costumes, tudo os Romanos erdavam dos Gregos; e eram com as coizas de Grecia como nós com as modas de França, que todas acham accitavam, e se poem em uzo. Veja pois que nam tem incoerencia o *si volet usus*, com o *si Græco fonte cadant*; porque vendo aquele Autor que todas as palavras que procediam da Grecia eram accitas ao uzo comum, se rezolveo a dar liberdade franca para aquella introduçam condicionada: *Habebunt nova verba fidem, si Græco fonte cadant.* Emfim asenta o senhor Lisbonense que Horacio escreveo arbitrariamente, ou talvez esquecendo-se depois do que tinha dito antes. Mal poderiam escapar os criticos Transtaganos quando nam escapou um omem tam grande! Isto lhe

pode servir de consolafam a eles; afim como a mim o exemplo do fenhor D. Joaquim para me ir meter onde me nam chamam.

Dá este fenhor um confelho, por despedida da primeira carta, aos dois criticos, repetindo dois aforismos de um dos fabios da Grecia, e dizlhe que tome cada um o que lhe parecer:

*Quid stulti proprium? Non posse, et velle nocere.*

*Quid prudentis opus? Cum possit, nolle nocere.*

Destes dois versinhos faz uma repartifam dando o ultimo ao fenhor Pina, e o primeiro aos Transtaganos; de que eles lhe ficam muito obrigados, porque lhes chamou tolos em Latim, sendo que tem dezembarafo para lho dizer em Portuguez. Porém eu em feu nome, por minha livre vontade e sem constringimento de pefoa alguma, lhe quero dar o agradecimento com os mefimos versinhos pouco alterados: tome-os ambos para si, que eu nam fou de migalhifes. Só lhe digo que o primeiro é advertensia do pasado; o segundo confelho para o futuro, se o quizer tomar.

*Quid stulti proprium? Nescire, et velle docere.*

*Quid prudentis opus? Quæ nescit, cuncta tacere.*

## DISCURSO II.

**N**A sua segunda carta apurou o senhor D. Joaquim mais, que na primeira, a sua erudifam, e estilo, para criticar o reparo, que sobre o ponto do Eroismo do Peregrino fez o critico de Vila Viçosa, e atégora falsamente attribue ao Eborense, que, só por defender o seu amigo, respondeo tambem felizmente a este ponto; motivo, que me induz para que eu o nam fasa com mais extensam. Deste falso testemunho, que o senhor Apologista escreveo, infiro que nam leo as cartas originais, que nos afirma na pag. 5. que *ja vio*; porque nam o pofo julgar tam iniquo, que se rezolve-se a attribuir ao Eborense este reparo, que ele nam fez, dizendo na pag. 74., que *nam alcanfa o fundamento, que tem o Eborense para querer que sô aja de ser Eroe o que se emprega, e se distingue nas emprezas militares*; o que confirma na pag. 72, e 75, nomeando sempre por Autor o mesmo critico, e dirigindo contra ele toda a segunda carta. A frequensia, com que lhe repete o nome patronimico, bem mostra que nam foi equivocafam. Por outra parte é difficil de crer que mentife quando afirmou na pag. 5. que *ja vio as cartas, e que lhas fiou de Coimbra um Eccleziastico autorizado*. Para julgarmos que foi inadvertensia de nam ter presentes as cartas, que impugnava, tambem é arduo de crer; pois

fendo tam prudente em rever as suas obras, que nam contente com o prazo que confina Horacio: *Nomin servetur in annum*; tem o seu Poeme á mais de doze anos em parto; parece que agora que, por mais velho, deve ser mais cautelozo, nam deixaria de ver exactamente o que intentava imprimir; porque ( como diz na pag. 71. ) dezeja ser lido por todos, e para isto busca industrias, e desfastios, que confesa. Ultimamente para inferirmos que só por antipatia quiz attribuir ao Eborense aquele chamado erro, tambem nam é crível tanta malevolensia em uma pessoa do seo estado; e poderiamos perguntar com Virgilio:

..... *Tantæne animis cœlestibus iræ?*

Eu nam sei que sentido lhe dê: só digo que foi imprudensia imprimir uma tam grande falsidade, que basta ler a apologia do senhor Pina na pag. 2. em dois lugares, e na 3., para conhecer que só o critico de Vila Viçosa tocou este ponto do Eroismo. A ele dirige o senhor Pina a reconvensam, de que o Eborense doutamente o livra na sua apologia, que nam quiz imprimir por nam mostrar o empenho, que nunca teve, de criticar o Poema. Eu refiro um dos lugares, em que prova que o Peregrino nam deve chamar-se Eroe, só por se distinguir nas emprezas Polemicas, para que nam fique o cazo na fé dos padrinhos: e é o seguinte: „ Nos „ primeiros seculos da Igreja nam permitia o „ costume Eccleziastico chamar Eroes aos San- „ tos, como se vê de um lugar de S. Agosti-  
 nho:

„ nho : Hos ( martyres ) multo elegantius , si  
 „ Ecclesiastica loquendi consuetudo pateretur , no-  
 „ stros heroes vocaremus . . . . . Sed a contrario mar-  
 „ tyres nostri heroes nuncuparentur , si , ut dixi , usus  
 „ Ecclesiastici sermonis admitteret . . . . . Non omni-  
 „ no , si dici usitate posset , heroes nostri supplici-  
 „ bus donis , sed virtutibus Divinis horam supe-  
 „ rant : ( de Civ. Dei , l. 10. cap. 21. ) Heroes ;  
 „ como diz Luciano , nam eram deozes , nem  
 „ omens ; porque eram uma , e outra coiza jun-  
 „ tamente : e vinham a ser aqueles semideozes ,  
 „ que os Pagaõs crêraõ ser nascidos do comer-  
 „ cio dos deozes , e das mulheres , ou dos  
 „ omens , e das deozas , como Hercules , filho  
 „ de Jupiter , e Alcmena ; Romulo , de Mar-  
 „ te , e Rhea ; Eneas , de Venus , e Anchises ;  
 „ e ainda Alexandre , de Jupiter , e Olympias ,  
 „ se lho sofre Filipe , e lho nam disputa Ne-  
 „ ctanebo . E estes comercios ( como diz Feijó )  
 „ que entre os Gentios pasavam por favores  
 „ das suas Divindades , entre os Christaõs sam  
 „ atentados de demonios incubos . E fica esta  
 „ qualidade de filhos do demonio sendo um  
 „ belo elogio para os Cortezaõs da Bemaven-  
 „ turança , que , por terem recebido a Christo ,  
 „ lhes foi dado o poder de se fazerem filhos de  
 „ Deos .

Nam é menos vigorosa para convenfer  
 esta autoridade de S. Agostinho , do que o pa-  
 rece para persuadir a ultima propozicam do se-  
 nhor Lisbonense , em que pergunta : *Quem é*  
*mais justamente Eroo , o tyrano , que com robusto*  
*braso*

braso dezembainha o cutelo, ou o martir, que oferece o pescoço ao golpe? Eu respondo que nenhum dos dois: nam o é o martir; porque S. Agostinho nos ensina, que a estes nam é permitido dar tal nome: nam o é o tyrano; porque nenhuma açam illustre obra em empregar os fios da espada em uma garganta, que voluntariamente se lhe umilha. Por isto nam confunda o senhor D. Joaquim os termos; nem fasa bulha com sofismas. E alem disto, é escuzado inquietarmos a autoridade deste grande Padre, quando a temos no mesmo Calepino, para que o senhor Velho, e o senhor Pina nos convidam. Nele vejo que nos tempos antigos se chamavam Eroes aos demonios: *Antiquissimis temporibus Heroes iidem erant ac dæmones*. E como pode ser bom attributo para os santos um nome, que era proprio dos demonios? Daqui vinha o chamarem tambem Eroes ás almas do defuntos; porque estas em quanto unidas ao corpo eram o que se chamava *Genios*; e depois de separadas dele, se denominavam *Manes*; o que tudo tinha em geral o nome de Eroes: e como á influencia destes *Genios* attribuiam o governo das açoens de cada omem, começáram a chamar Eroes a todos os varoens famosos, que obraavam fasanhas, que pareciam transcendentés ao esforço umano; e só executadas por auxilio superior: e esta é a significasam que traz o *Faciolati*: *Vir nobilis, et illustris, et magnus supra humanæ naturæ condicionem, qui, mortalis cum esset, rerum tamen a se gestarum magnitudine quam proxime*

*proxime ad caelestium numen accessit; eamque apud vulgum opinionem emeruit, ut post mortem in deorum numerum relatus existimetur.*

Esta é a autoridade, que por si alegam assim o senhor Pina, como o senhor Velho, que me parece de nada lhe serve. Eu nam quero seguir a opiniam de que só a campanha seja aula de Eros: mas tambem nam acredito que o Peregrino Teologo mereça o nome de Eroe pelas suas açoens; pois lhe nam vejo ao menos uma, que fosse impossivel a qualquer omem. Viajou por todo o mundo: isto faz qualquer mendicante, nam conseguindo com iso mais que o nome de vagabundo. Aprendeo muitas artes: mas outro, que tivefe abilidade, nam necessitando de exercitar só uma para viver dela, conseguiria o mesmo, como á muitos, sem que merefam mais que o epíteto de *prendados*. Curvou muitas aulas: isto faz qualquer estudante de bom entendimento, e memoria; vindo só a coroarse com o gráo de Doutor. Convenceo os sequazes das feitas eterodoxas: isto faria qualquer Teologo, que estudáse bem a Polemica. Brigou contra os Libertinos de tinta, e papel: iso fez D. Quixote, Amadiz de Gaula, Roldam *et c.*, e o fazem todos aqueles, a quem os Italianos chamam *Spaca-trone*: e por final que nam falta quem diga que nesta açam ficára excomungado pela Bula da ceia o Peregrino por dar adjutorio aos Deistas, que sam inimigos de nosa Santa Fé. Nam consta que o Peregrino obráse mais coiza alguma memoravel: e se qual-

quer

quer destas é bastante para o constituir *Varám grande sobre os limites da umana natureza*, entam ja lhe nam negarei o Eroísmo. E com isto se responde a todas as paridades da segunda carta do senhor Lisbonente.

Este foi, segundo entendo, o motivo, porque o Genio veio no Poema sómente *ad honorem* ( a pezar das replicas do senhor Pina, que se escandaliza de que o crítico de Vila Viçosa disése que o Genio era como mudo, e que viera por demais ). Isto se confirma com muitas razoens. Primeira; porque muitas vezes estava tam ignorante como o Peregrino, sem faber nenhum em que se rezolvêse: segunda; porque ouve ocaziám, que o Peregrino se nam quiz sujeitar aos conselhos do Genio. Parecerá isto um falar absoluto; porém os lugares do Poema provarám o meu dito.

Na pag. 14. perguntando o Peregrino que gente era a que estava vendo; o Genio o reprende de lhe chamar *gente*, dizendo que certamente o nam é, porque nam conhece a Deos, a gloria, o abyssmo, *et c.* Porém esta exortasam fez tam pouco fruto, que, acabadas de proferir as ultimas palavras dela, se voltou o Peregrino para os Hottentôts ( que eram os tais oméns ) e muito enfadado lhes dise : *O' gente infame!* E nestes termos nam querem que se diga que o Genio veio como se nam viesse, porque nam foi recebida a sua doutrina, que na verdade era erronea, e nam soube o que dise. O lugar é este:

Que

Que triste miseravel gente é esta?

Gente nam; diz o Genio: se o parece,

Certamente o nam é, negando a Gloria,

O abyfino, a alma, e Deos: Quanto envilece

( Pondera o Peregrino ) esse conceito

A natureza umana! O' gente infame *et c.*

O que faz desculpavel esta dezobediencia, que foi erro craso do senhor Poeta, é o vermos que o tal Anjo sonhado nam tinha razam para negar o nome *gente* aos Hottentots, só porque nam conheciam a Deos. Devia o senhor Pina instrui-lo (ja que o queria digno de respeito) para nam dizer parvoices, visto que nam o poude crear com sciencia infuza. Podia ensinar-lhe que *gente* é o mesmo que multidam de omens, composta de muitas familias, como nos ensina entre outros o Faciolati: *Gens est multitudo hominum, quæ ex pluribus familiis constat*; para que nam negáse este nome aos abitadores da-quele bosque, a quem na pag. 12. do mesmo Poema chama *povo necio, e turba, sociedade unida* etc. quando o mesmo citado Autor ensina que *gente* é o mesmo que *povo*, ou *nasam*, fundado na autoridade de Plinio: *Mithridates rex Ponti duarum, et viginti gentium ore loquebatur*; coiza, que até sabem os rapazes, que dam Rudimenta, e viram a definisam dos nomes collectivos, onde vem por exemplares *populus, gens, turba* etc. Podia finalmente dizer-lhe que com tanta liberdade se pode aplicar este nome *gente* a qualquer multidam, que Virgilio o applicou aos cavalos:

*Nec non, et pecori est idem delectus equino.*

*Tu modo, quos in spem statuis submittere gentis.*

Onde Minelio, e os mais comentadores, expõem a palavra *gentis*, id est, *generis, et gregis equini*. O que tambem praticou com as abelhas:

*Admiranda tibi levium spectacula rerum,*

*Magnanimosque duces, totiusque ex ordine gētis.*

*Gentis*, id est, *generis apum*, dizem os comentarios. Porém como o Anjo do senhor Pina era tam ignorante, entendeo que só era gente quem *Theologice* nam pode ter este nome. *Nequando dicant gentes: Ubi est Deus eorum?* disse David: e mais abaxo no mesmo psalmo: *Simulacra gentium argentum, et aurum*. Foi mal empregado nam se achar presente o Genio para dizer a David que nam chamáse *gente* áqueles omés que nam conheciam a Deos, o Ceo, nem o inferno.

Bem assistido do seu Genio ( sejame licito darlhe este nome ) estava Tobias, que tambem era peregrino; e querendo persuadir a noiva para a demora da consumasam do matrimonio, lhe deo por motivo a obrigasam que tinham de distinguir-se das gentes, que nam conhecem a Deos: *Filii quippe sanctorum sumus, et non possumus ita conjungi sicut gentes, quæ ignorant Deum*. E nam consta que o Anjo S. Rafael, que lhe servia de Genio, o repreendêse de chamar *gente* aos que nam conheciam o Deos verdadeiro. Finalmente deixo a multidam de exemplos, que podia referir para este fim ( que, sem fair da Biblia Sagrada, poderia ajuntar até uns 600 ) porque me envergonho de tomar por empreza  
uma

uma coiza, que todos sabem: e fatigar-me com isto era o mesmo que alegar textos para provar que os omens andam com os pés para a terra; ou ser como o Prégador que dizia que *o mel é doce, como refere Plinio.*

Em outra ocaziam mostrou o Genio a sua ignorancia: pois ouvindo o fuzurro de um bosque, que lhe parecia *roncos do mar ao longe*, ficou tam temerozo como o Peregrino, até que ambos fugiram de medo. Assim se lê na pag. 44.

Do Mar, q̃ ao longe ronca, ou do granizo

O anticipado estrondo, representa

O murmureo do bosque: . . . . .

O Genio, e o Peregrino duvidozo

Nota ibi. *Nam sabem se este alento pavorozo*

De tam rudo, funesto domicilio

Seria fedizã, em vez de auxilio *et c.*

Depois disto se retiráram por *julgar suspeitozo o clima*: e chegando á cidade dos Deístas, pasmáram de ver a diversidade das naçoens, que alí abitavam; sendo que todas eram Européas: até que o Peregrino se lembrou de ter ouvido falar naquela gente, e na feita que seguia, e dise ao Genio: ( pag. 92. )

Sebei que pelo aspetto destas vistas

Temos chegado á estanzia dos Deístas.

Nam falemos no *aspéto das vistas*; porque ja determinei nam fazer cazo destes erros, por evitar trabalho em os repetir, e aborrecimento em os notar: só nam posso conter o rizo vendo que o Peregrino ensinou ao Genio o que ele ignorava. Ja nam me admiro do sucezo dos ron-

cos do mar, em que tam ignorante foi um como outro, como se vê no Poema : *O Genio, e o Peregrino duvidozo nam sabem*: mas chegar a tal exceso a inercia do Anjinho, que era percizo que lhe ensinasse o mesmo que via: *Sabei que estes sam os Deístas!* Sendo percizo depois que o Peregrino perguntáse a um daqueles *modradores, se haveria ali alguns senhores, em quem se acháse o dictame civil.* Forte miseria! Por certo que um anjinho dos que vam ás procisoens ganhar o seu papeliso de pastilhas nam sabe menos que tal mandriam.

No livro 6. diz o senhor Pina que *o seu Genio mostrou nam ter pevide na lingua*: e fez bem em se ostentar sam da gosma, ja que era tam galinha. Eu disera mais que tambem neste lugar deo indicios de nam ser dezázado, pela ligeireza com que fugio tanto que vio o Peregrino em poder dos demonios, que estavam na caverna, onde ele adormeceo: e depois de alguns dias, estando ja livre do perigo, entam lhe appareceo oferecendose para *Auxiliador*, e dizendolhe sem vergonha do que tinha obrado: *Aqui estou para quanto sollicitas.* Ja lhe nam ganha Manoel Gonfaves do Prezepio, que em quanto durava a pendencia estava escondido rezando a ladainha; e depois de tudo acabado sahiã com a espada na mam a desafiar os ventos. Podia o senhor Pina fazer esta fosca em outra ocaziam; menos suspeitoza, e esconder o seu Anjo em tempo que ninguem julgasse ser por medo: ainda que isto de escondidas é jogo de rapa-

rapazes, e devia omitirle. O Genio alí representava o Anjo da guarda; e estes nam dezampáram nos cazos de necessidade; antes entam socorrem com maior esforço, como tem de obrigasam: porém este cuidou tam pouco nela, que deixou em poder dos demonios o pobre Peregrino, cuja guarda, e direçam lhe estáva cometida. É ultimamente, devendo vir no Poema para influir, era dezobedecido, ainda quando com palavras aconselhava: mas como o senhor Pina criminou o Telemaco de muito obediente a Mentor, quiz fugir de Scyla, e deo em Caribdis: devendo ensinar, era ensinado por necessidade da sua ignorancia: devendo animar, era o primeiro a fugir, por effeito do seu medo. Logo para que veio este Genio ao Poema? De que servio ao Peregrino? Em fim eu nam me meto com o que disse o critico de Vila Viçosa a respeito do Genio ser, ou nam ser mudo: só digo que era melhor que ficasse em caza feito duende, visto que no Poema só servio de figura de cantareira.

Ora perdoe a minha confiança, senhor Francisco de Pina: mas ja que vosa mercê tem tanta, que até prezume de ter poder para crear *Espiritus Angelicos*; sejame permítida a de lhe advertir que nam pode servir o officio *ex defectu scientiæ*: e ja que é tam versado nos emblemas de Alciato, veja aquelle (121) que diz:

*Dextra tenet lapidem, manus altera sustinet alas;*

*Sic me pluma levat, sic grave mergit onus.*

*Ingenio poteram superas volitare per auras,*

*Me nisi paupertas invida deprimeret.*

Os

Os primeiros dois pertencem ao seu Anjo, que pertendendo ser espirito, sahio materia rude. Vosa mercê sim lhe quiz dar azas; mas ele nam pôde voar, por ser de pezada natureza. Por isto quando fizer outro Anjo nam o fasa tam material. O 3. e 4. verso asentam bem em vosa mercê; pois o seu engenho o *arrebata ao alto cume do sempre claro incompreensivel Lume*: ( que nam sei onde fica este *cume*. ) Porém quanto o eleva o seu engenho, o abate a sua pobreza. Para fazer versos, e versos bons ( que, se eu assim os fizera, me contentava ). ainda vosa mercê tem instruçam: porém para crear Anjos tem pouco cabedal: e até em se meter niso foi pobre omem. Perdoe a confiança; mas a verdade sempre se pintou nua; e o atrevimento, com que vosa mercê escreveo neste ponto, nam merece mais modestia. Dite o critico de Vila Viçozza que *se em lugar do Genio tivesse o Peregrino ao seu lado a Mentor, nunca mentiria a Confucio*. E a isto responde vosa mercê todo admirado: ( Apolog. pag. 14. )

„ Eu ainda agora me estou a benzer de  
 „ tal ouvir a um Christam, quanto mais a um  
 „ Ministro da Igreja. Supoem que se daria menor influencia em um espirito Angelico, que  
 „ em um Nume do Gentilismo, para que o Peregrino falasse verdade; sendo que quem falava  
 „ nestes Numes era o demonio, que é o Pai da  
 „ mentira: Há quem tal oiça entre Catolicos,  
 „ que nam feche as mãos na cabeça? „ Que tal está a vaidade? Que figura é cá o boneco, que  
 foi

foi concebido na sua ideia , e nascido da sua pena , para que vossa mercê todo serio lhe queira attribuir os respeitos de verdadeiro Anjo? Disto é que eu me benzo , e por isto *fecho as mãos na cabeça* quando o leio impreso. Grande cegueira de amor proprio , que o obriga a dizer em defenſa das ſuas obras o que nas alheias condenára por erezia! Veja agora aqui o ſenhor Liſbonenſe ſe nos livros Francezes uzados em Portugal , e admitidos pela Santa Inquiziſam , cuja liçam condena por ſuſpeita ao Eborenſe , ſe acham coizas que ajam de ſer lidas com mais cautela do que eſta , e outras que direi , e eſtam na apologia do ſenhor Pina , que a ſua mercê tanto lhe ſerve de recreio do corpo , e eſpírito.

Aqui devia eu acabar eſte ſegundo Diſcurſo: mas ja que aſima tratei a respeito dos Hottentots , moſtrando ſerem gente ; agora os quero defender de ſerem Atheiſtas. Nam ſe eſpante o ſenhor Pina de repente , *fechando as mãos na cabeça* ; que eu para lho provar nam eide ir fora do Poema. Define vossa mercê logo no principio das ſuas notas o Atheiſmo ; e diz que *vem do Grego Theos , que ſignifica Deos , e do ſeu ( a ) privativo ; e he o meſmo que ſeita , que nega a existencia de Deos*. Explica vossa mercê na pag. II. quem ſejam os Hottentots , e diz que *eſtes barbaros ja vem nos mapas modernos : e vivem da meſma ſorte que os brutos*. Agora pergunto : Se eles vivem como brutos , para que diz vossa mercê que ſam Atheiſtas? O Atheiſta

*per te* é aquelle, que nega a existencia de Deos: *atqui* eles nam o conhecem: *ergo* nam o negam. Ninguem pode negar a existencia de uma coisa, de que nam tem noticia: se eles nam sabem que ha Deos; como negam a sua existencia? Do ignorar ao negar vai muita diferenca. Que os Hottentots nam conhecem a Deos se prova claramente da pag. 11. do Poema; onde diz que estam estes omens *vivendo em tanta miseravel cegueira, sem nunca ver o Ceo* etc. A allegoria de nam ver o Ceo está bem evidente para o intento; mas ainda mais claramente se mostra na pag. 14., onde diz que *descuidados vivem neste embriam, neste jazigo, ignorantes do premio, e do Castigo*. O que seja *embriam* todos sabem: se eles vivem em embriam, nada negam, nem afirmam; antes estam como materia disposta, tem forma determinada. Alem disto, o verso seguinte claramente explica que estam *ignorantes do premio, e do castigo*; e por final que lhe deveo mais veneralam o inferno que o Ceo, pois escreveo *premio* com letra pequena, e *castigo* com letra grande inicial; uzo, que repetidas vezes se acha no Poema, nestas, e outras materias. Daqui se seguem tambem algumas incoerencias; pois se eles ignoram o premio, e o castigo, que é o Ceo, e o inferno, para que diz logo que negam a Gloria, e o Abismo? E temos o mesmo filogismo que ja fiz a respeito da existencia de Deos. Mais. Se em cima diz que vivem *sem nunca ver o Ceo*; para que escreve mais abaxo:

..... quanto medes,

Quanto julgas do abyfmo até o Emypyreo  
Nas tofcas apreênfoens de tua ideia *et c.*

Se eles nam vem o Ceo, nem o inferno, como lhe medem os intervalos? Vofa mercê senhor Pina ora os faz Filozofos com apreênfoens de ideias, ora os reputa como porcos que nam fábem olhar para o Ceo. Mais. Se vofa mercê diz que *vivem como brutos*: para que nos afirma que os regia Epicuro, Lucrecio, Lizzink, Espinoza, Vanini, e os feus fequazes? Os Hottentots tem lá noticia de Epinoza, nem de Epicuro? ou fábem que tais omens ouve neste mundo? Vofa mercê os defcreve fepultados em um *lugubre fono*, com *gomas de opio*, *modorras*, e *dias negros*, e todo o genero de dormideiras; e quer que os acreditemos tam letrados? Nam, meu senhor; dormindo nam fe pode adquirir a noticia de tantos fiftemas, de que cada um daqueles Autores uzou para negar a existencia da Divindade. E fe nam, julguefe por fi; e veja fe dormindo poderia adquirir a erudifam, que tem, e eu confefo fer grande; mas nam quanta bafte para comunicar ciencia rigorosa aos feus espiritos Angelicos com predicados de Celeftiaes. E aqui pode tambem fervir de testemunha o senhor D. Joaquim; pois a inftrofam, com que tem ganhado a fama de omem douto, fuponho nam foi grangeada dormindo; fupofto que eu julgo que ambos vofas mercês eftam agora verificando a segunda parte do proloquio que diz: *Cobra boa fama, e deitate a dormir.*

## DISCURSO III.

**O** Assunto da 3. carta do senhor Lisbonense é só a defensão da nobreza da palavra *pernas*, de que o senhor Pina uza repetidas vezes no seu Poema, e lhe notou entre outras o Eborense, por menos decente á magestade Epica. Responderei com a possível brevidade: mas nenhuma instancia deixarei sem resposta; pois niso nunca imitarei o senhor D. Joaquim que pasa em silencio a solufam dos argumentos, e só se despica com pulhas. Primeiramente permito que seja licito o uzo desta, e semelhantes palavras, em cazo de necessidade, como no exemplo da descripçam da estatua de Nabuco, que refere o senhor Apologista; porque alí nam só ouve percizam, mas differença, pois as pernas da estatua, formadas de ferro, muito polidas, e aseadas, nam sam o mesmo, que as do Peregrino, nuas, e sujas: e deve dar-se a mesma razão de diversidade, que o senhor Lisbonense concede a respeito das pernas da mulher, que nam devem descrever-se, nem ainda em estilo jocozo, como se vê no exemplo do Graciozo da comedia de Euridice, e Orfeo, que alega. E alem disto diz que  
 „ Quando o Poeta se acha necessitado, pelo  
 „ assunto sobre que escreve, a falar em partes,  
 „ de que a pena deve fugir, para encher as  
 „ obrigaçoens da modestia; para este cazo se  
 „ fize-

„ fizeram as frases, as metáforas, os circumloquios, *et c.* Daqui devemos tirar duas lições: primeira que ade ser em cazo de necessidade: segunda que ade ser quando infalivelmente o pedir o assunto sobre que escreve. Logo se o senhor Pina nam escreveo em assunto que o obrigáse a falar em *pernas*, nam devia uzar deste termo. Se escrevêse de Anatomia, Medicina, Cirurgia, Pintura *et c.*, ninguem lhe notaria a palavra: porém para a Polemica de nada serve. Podiam muito bem convencerse as feitas heterodoxas, e fazerse o *Triunfo da Religiam*, sem que o senhor Pina citáse os seus Catecumenos para ver as *pernas*, *pés*, *coxas* *et c.* (p. 37)

..... *attende aos braços,*

*A's pernas, mãos, e pés, coxas, e peito et c.*

Este conselho só era bom para se dar aos pavos, para que, vendo os seus pés feios, e negros, perdessem a vaidade da sua beleza.

Vamos á outra lição de que os circumloquios se fizeram para quando o Poeta se acha necessitado a falar em partes, de que a pena deve fugir por conservar a modestia. Em um dos lugares ( que é no Poema o primeiro ) em que o senhor Pina faz um retrato do corpo humano parte por parte, principia pela cara; e envergonhandose de lhe dar este nome, chamalhe *lamina vivente*: ( pag. 36. )

O nariz n' hum parentesis concizo

Proporcionar a lamina vivente:  
e daqui profegue logo com as pernas, pés, coxas, *et c.* Donde devemos inferir que *cara* é

palavra menos modesta que *pernas*, porque esta se escreveu, e aquella se suprio com um circumloquio ( que é muito galante no seu tanto ) atendida a doutrina do senhor D. Joaquim, que se enfada de que o Eborense fizese este reparo, depois de ver que o senhor Pina retratou com tanta vergonha a cara do omem, que teve pejo de a nomear pelo seu nome. Porém eu supponho que ele quiz experimentar a sua habilidade; e como vio que a primeira fraze lhe nam sahio boa, resolveose a falar claro, como pratica nesta materia em todo o Poema dali por diante. Nam falando na impropriedade, com que o nariz proporciona a *lamina vivente*, como *parentezis concizo*, porque *parentezis* é uma oraçam intrometida em outra diferente, com quem tem tam pouca conexam, que, tirandose, ou pondose o tal parentezis, sempre a oraçam principal fica perfeita; o que nam acontece na cara, que, se lhe cortarem o nariz, ficará orrivel: por isto muito mal lembrada foi ali a semelhança do *parentezis*; e tambem do officio desta figura, que nunca serve de *proporcionar*.

Os lugares, que o senhor Lisbonense refere para exemplo da decencia da palavra *pernas*, nam vem para o intento. O primeiro de Bacelar, em que diz: *Meteo pernas ao cavallo*: é muito galante exemplar para um Poema eroico, e sacro! Que importa que o escreveu Bacelar, se nam foi em cazo semelhante ao de que se trata? alem de nam ser obrigado o verso lirico á magestade do eroico. Quanto mais que ali

ali aquella palavra entra por uma fraze do idioma, mais de pasagem que Pilatos no Credo. E o segundo exemplo de Jacinto Freire, sem embargo de ser em verso endecasilabo, bem mostra em si a qualidade do estylo:

*Porque de Polifemo uma só perna*

*Calça catorze pontos de caverna.*

Que tais sam os dois versinhos para um Poema Epico? Se o senhor Apologista no seu Poema Indico imitou destes exemplares, sem duvida que ade estar obra nobilissima. Mas o peor é que queira este senhor que tambem para texto da Epica sirvam os livros de Alveitaria, e Cavalaria! Com que porque Galvam, Rego, Sande, Pacheco, e os mais, que tratáram de Picaria, uzam mil vezes, como sua mercê diz, da palavra *pernas*, tambem o Poema Epico pode ter a mesma palavra? Visto isto, uze tambem de atafal, cabresto, e albarda *et c.* porque estas se acham nos Vocabularios, que sam livros de maior considerafam, que os de Galvam, e Rego.

O texto, que alega da Escriitura Santa: *Non fregerunt ejus crura*: tambem nada prova. E se no Poema Epico se pode uzar de todas as palavras, que se acham nas Sagradas Biblias, fez mal o senhor Pina, quando escreveu a concepçam do Peregrino, nam falar claro; pois ali acharia até 145 textos, com que defender-se, tam claros como isto: *Fornicata est Thamar nurus. Uxor tua in civitate fornicabitur. Et fornicata fuerit cum eis et c.* E tambem aqui se lo-grava no verosimil do sucefo o admiravel da  
 expre-

expresam; visto que só por se *lograr o verosimil no admiravel* ( palavras , com que repetidas vezes comenta o senhor Pina as milagreiras do seu Poema ) se encheo o *Triunfo* de coizas bem superfluas. Suponho que com a liberdade de achar na Biblia cento e quatro vezes repetida a palavra *cornos* ( segundo a Concordancia ) uzou tambem dela na sua Epopeia ( pag. 130. )

*Com cabesa de vaca, e com uns cornos.*

Certamente creio que, se ouvésse de falar em Moizés quando desceo do monte, lhe chamava *cornudo*, por traduzir fielmente o texto: *Cornutam Moyse faciem*. Mas que muito que isto disésse, se até achou dignas da magestade Epica as pulgas, e os piolhos *et.c.* com que reduzio o Poema a sólheira de pobres! Envergonhase um escritor prozista de falar v. g. em *burro*, *porco*, et c. de forte, que até o senhor Apologista com o seu estrondo jocozo uza de circumloquio quando lhe é percizo falar no primeiro destes dois animaés que digo, chamandolhe *aquele animalejo, que se deita á margem por inutil*; e isto em umas cartas em estilo. nam só familiar, mas satirico; e entam ade ser licito ao senhor Pina encher de tediozos insectos um Poema Sacro, e Epico, sendo que aquelas fevandijas, ou *animalejos* ( que aqui é onde asenta bem este nome ) sam propriamente produzidos entre a imundicia, e por iso muito mais asquerosos que aqueles animaes!

Diz tambem o senhor Velho que *nam sabe que pernas sejam uma entidade imunda, só se*

*se estiverem sujas , por nam andarem bem lavadas.*

Ora pergunto: e as pernas do Peregrino quando sahio da cova, onde o criou a loba, no fim de tantos anos aviam de fair muito lavadas? Tam sujas sahiram, que em sua vida nam tinham sido lavadas, nem ainda dos ventos; porque, suposto que sempre andou descalço, e nũ, até aquelle tempo estava em uma cova subterranea, onde nam dava Sol, nem Lua, e menos vento; pois tinha a boca tam apertada, que quando o Peregrino quiz fair de dentro a primeira vez, que foi ja *na idade mais florecente*, como consta do Poema, foi percizo que se obráse um milagre; e fez o senhor Pina tremer a terra, para que com o impulso do terremoto cahise uma pedra, que impedia a saida da gruta: milagre por certo bem superfluo, pois podia o senhor Poeta fazer a pedra mais pequena, de forte que o Peregrino a pudese mover, ainda que fosse com muito trabalho; que era melhor agoiro dos successos futuros conseguir com difficuldade a primeira empreza da tua vida, do que desfalecer dela, conhecendo, e mostrando a sua fraqueza; que ficaria sepultada, se nam viesse o terremoto levantarlhe a pedra da cova. Christo nam quiz obrar este milagre na resurreisam de Lazaro; porque vio que os omens podiam mover a pedra: melhor fôra que cá assim se fizesse, pois na difficuldade consistia a gloria da empreza, e em se conseguir estava o premio do trabalho.

Na tal cova nam consta que ouvése agua, em que o Peregrino pudese lavar-se ( que até deve

deve causar admirafam que pasáfe tantos anos sem beber; porque de comer poderia levarlhe a loba; mas agua para beber era impossivel que lha leváfe: nem podemos inferir que se nutrio todo aquele tempo com o mesmo leite: porque nam podia a fera sustentar um omem tantos anos por efe modo.) Logo se ele nam tinha com que lavarfe, eram as suas pernas, por sujas, objetos dignos de se excluirem da magestade Epica, conforme a mesma doutrina do senhor D. Joaquim, que diz que *as regras, que sobre o uzo das palavras nos dicta a razam, e ensinam os mestres, excluem todas as palavras, cujos significados exprimem objetos imundos: e pernas nam sabe que sejam uma entidade imunda, só se estiverem sujas por nam andarem bem lavadas.* E como nas do Peregrino se dava este defeito, devem incluirse no anátoma, e desterrarse da Epopeia. Bem podiamos nós evitar estas disputas sobre afunto tam nojento: porém depois de dar o senhor Pina o motivo, o senhor Lisbonense o fomentou.

Mas ja que falei afima em ter estado o Peregrino defcalfo, e nû até áquele tempo, que fahio da gruta, tomára que alguem me tiráfe de uma duvida, e é: que, se ele estava nû, como diz o poeta que a gente, que desembarcou de uma náó, que lhe cauzou grande admirafam, parecendolhe *um monstro cheio de tecidas plumas*, era quazi do mesmo traje?

Chegou junto da praia onde yomita

Da minha propria especie varios entes,

Quazi do mesmo traje *et c.* (pag. 57.)

Se

Se isto fosse na America, nam me admirava; porque, ainda que ao andar nũ nam se deve chamar *traje*, poderia julgar que os marinheiros tambem vinham nũz, asentando aquele *quazi* na diversidade da cor, por serem os taes navegantes pretos, e ele branco: mas como aconteceu em Marselha, conforme a noticia, que depois deo Polifilo, encontrase difficuldade neste ponto. Se eles fossem estudantes, tambem lhe poderiamos dar alguma semelhança metaforica, por ter estado até entam o Peregrino sempre de loba: mas como o nam eram, e as metáforas estam reprovadas, (nam sei porque cauza) ignoro que foida se lhe possa dar a este ponto. Que o Peregrino estivese ainda nũ ninguem o pode duvidar, lendo o Poema; porque alguns dias, que se tinham pasado depois de sair *do centro infau-*  
*sto da funesta alcoba*, tinhamse consumido todos em pasmatorios, sem ter

..... *outro recurso*

*Mais, que estar-lhe observando o ethereo curso*

*No circulo luzente: et c.*

E algum bocadinho de tempo, que lhe ficava nos outros dias seguintes, era pouco para estar olhando para

*A garganta do monte, que rasgava*

*Na fralda a gruta atroz, em que nascéra:*

até que de todo lhe

..... *levou todo o cuidado*

*Outro prodigio, que no inchado pégo*

*Alterou inda mais o seu socego:*

que este prodigio, que veio a furo por inchasam

do pégo, foi o tal *monstro cheio de plumas* ( que é coiza que ainda nam vi; porque, se acazo ha monstros de plumas, sam cobertos, e nam cheios; que só fei que os colchoens, travezeiros, almofadas, *et c.* sejam cheios de plumas. ) Este monstro pois, que sem dar á costa veio á praia enjoado a vomitar *os entes et c.*, quer o senhor Pina nas suas notas que seja *bom exemplo para nam reputarmos por demonstraçoens fizicas as nosas conjecturas*; porque o Peregrino se capacitou de que a nau era um monstro, e que os omens fahiam vomitados; e enganouse nisto. Ora pergunto, senhor Pina: nam aconteceo isto com a balêa de Jonas? Logo como quer que uma iluzam que teve o Peregrino de uma coiza que accidentalmente foi falsa, sendo realmente possível, e devemos crer sem duvida que ja aconteceo, sirva de dezengano contra os experimentas da filozofia moderna? Eu me admiro de que, sendo o senhor Pina tam inclinado á novidade das palavras, em que *non sumus auctores, sed custodes*, seja oposto á dos discursos, que só devem cativar-se *in obsequium Fidei*.

Para acreditar-mos que o Peregrino tinha vestido a roupa da mãe, isto é, da loba, a quem ele *só reconheceo por mãe*, fazendo alguma cobertura de peles; lembrome de que Adam, tendo ciencia infuza, nam lhe ocorreo esse recurso, e foi percizo que Deos lhe fizese o vestido: *Fecit quoque Deus Adæ, et uxori ejus tunicas pelliceas*; e o Peregrino, a quem cauzavam admirafam, e novidade *os entes da sua especie*, pare-

pareceme que nam teria juizo para tanto. E para entendermos que estava vestido de folhas como Adam, nam entendo como os navegantes vinham *no mesmo trage*. Emfim confeso que nam entendo este ponto.

Tornando agora ao outro, que deixámos, vejo que diz o senhor Apologista, para provar a necessidade que o senhor Pina teve de falar em *pernas*, que *era indispensavel; porque vai pintando as partes do racional artefacto; e neste quadro da sua bem delineada pintura ficaria diminuta a imagem, se lhe faltassem pernas* etc. E nam repara este istoriador *do racional artefacto* em que em nenhum destes retratos se fala em *cabesa*, quando esta é parte mais principal; porque muita gente vive sem pernas, ninguem sem *cabesa*. Uma unica vez, que se intentou falar em *cara*, veio mascarada com o epíteto de *lamina vivente*: e se a imagem ficava defeituoza sem pernas, quanto mais o será sem *cabesa*?

A respeito da voz *coxa*, que tambem quiz defender, nam diz o senhor Lisbonense coiza, que mereca reposta; porque nada prova o texto: *Tetigit femur ejus, et claudicabat*: pois ainda que *femur* só pude se traduzirse com a voz *coxa*, nam era bastante para que tose decente á Epica o acharse aquele termo na historia de Jacob, nam só porque ali houve necessidade de sinalar a parte em que tinha recebido a ferida; mas porque o estilo liberal das Sagradas Letras é todo simples, e livre de circumloquios. Mas ja que sua mercê é tam Escriurario, que para

exemplos da Epopeia alega textos da Biblia, podia nela mesma achar lugares, com que desculpáse a liberdade, que tomou o critico de Evora em uma carta familiar, que nam estava sujeita aos preceitos da Epica, em dizer que *o senhor Pina podia escuzar o fazer o seu Ero filho da puta*. Podia ver, sem sair da carta Apologetica do senhor Pina, o que ele diz que *Put* na acepção Portugueza corresponde ao *meretrix*, ou *scortum* dos Latinos. E sendo assim, devia disimular que o Eborense escreveu o termo *puta* em uma carta, depois de ter escrito S. Jeronimo na Escritura Santa oito vezes a palavra *scortum*, e quarenta e uma o nome *meretrix*; que ambas confessa o senhor Pina serem o mesmo que em Portuguez *puta*.

Chama o senhor Velho do Canto ao termo *filho da puta* nam só baixa, mas baxissima, porquissima, e indecentissima, e tam escandalozza para os olhos de quem a lê escrita. Eu lhe perdoára o escandalô dos olhos, porque as palavras só escandalizam *ouvidos pios*; mas nam passo em silencio aquele pleonafmo *de quem a lê escrita*; pois nam sei que se possa ler se nam o que está escrito. Nam avia eu reparar nele para o criticar, pois seria processo infinito notar todos os que se acham no livro do senhor D. Joaquim: porém lembrome de que o senhor Pina notou na sua carta Apologetica que o Eborense cometêse um *formozo pleonafmo* quando escreveu *Estreiteza conciza*. Podia negarlhe o suposto; porque ser estreito nam é o mesmo que ser concizo:

zo: mas nam quero gaster niso o tempo, que poço aproveitar em lhe advertir que peor é aquelle, que sua mercê escreveu no Poema de *genuflexar o joelho*; porque todos sabem que *genuflexar* nam é palavra Portugueza verdadeira, mas derivada do verbo Latino *genuflecto*, que se forma de *genu*, que significa *joelho*, e de *flecto dobrar*: e se *genuflexar*, só por si significa *ajoelhar* ( que esta é a verdadeira Portugueza ) se quer dizer *dobrar o joelho*, para que lhe acrescenta outra vez *joelho*? Isto nam só é pleonasmio, mas ignorancia. Eu supponho que desconfiou de que *genuflexar* era sómente dobrar um joelho, e quiz pôr-lhe tambem o outro em terra para ficar a postura mais devota.

Porém tornando aos encarecimentos do senhor D. Joaquim a respeito do termo *filho da puta*, vejo que diz que *mais autoridade tinha em Jonatas seu pai Saül; e querendo-o descompor, nam se atreveo a falar com tanta claridade, e só lhe dise: „Fili mulieris virum ultro rapientis,„* Podia tambem o senhor Apologista aqui ajuntar que tambem o senhor Pina tinha autoridade no seu *Peregrino*, e nam lhe chamou se nam *filho de coito damnado*, que é fraze bem ridicula para se uzar em estilo epistolar, e fóra das aulas; porque de três palavras, que tem, só uma é Portugueza; pois *coito* é Latina, e vale o mesmo que vulgarmente dizemos *copula*: e *damnado* tambem é termo, que absolutamente se nam recebe do Latim para o noso idioma, e só se diz *illicito*: e se podemos dizer *filho de copula illicita*, para que

que é dizer *filho de côito damnado*? Danados em Portuguez sam os caes, e os outros animais, que padecem o mal de raiva. E alem disto, nam é o mesmo ser *filho de côito damnado*, ou de *copula illicita*, que ser *filho da puta*; pois ha muita diversidade de copulas illicitas. Por ventura é o mesmo ser filho natural, que filho adulterino? Nem todos os filhos de copula illicita se podem chamar filhos da puta. E na pag. 38. da sua apologia defende este ponto muito bem o senhor Pina: motivo, porque me admiro de que, sabendo ele isto, queira explicar com a fraze de *filho de côito damnado* o significado de filho da puta; sendo certo que todo, o que nam é filho de legitimo matrimonio, é filho de côito damnado, ou copula illicita. Por isto eu dite que a fraze era ridicula: e perdoe, se falei mal ensinado.

Tornemos agora ao senhor Velho, que entra a meter a bulha o Eborense, dizendolhe que *veja lá se encontra por eses livros Francezes, de que bebe as mais saudaveis doutrinas, algum exemplo, ou razam, que lhe autorizem esta sua sentença.* Para isto, senhor D. Joaquim Velho, nam é percizo ir aos livros Francezes, que vosa mercê condena por suspeitos na Fé, e tambem a quem os lê. Na mesma Sagrada Escritura achará vosa mercê a Jephthe, um dos Juizes mais celebres do povo Hebreo, tratado com o nome de *filho da puta*, sem circumloquio algum, que cooneste o epíteto: *Fuit illo tempore Jephthe Galaadites vir fortissimus, atque pugnator, filius mulieris*

*lieris meretricis*. Est nome dá o istoriador Sagrado a um omem governador do Povo de Deos; a um Varám, a quem ninguem disputa o Eroismo, *vir fortissimus, atque pugnator*; e a um Juiz, que realmente existio, e governou os Israelitas. E que muito é que, nam na sua historia publica, mas em uma carta particular, se intituláse com o mesmo nome um omem sonhado, que só existio na mente do senhor Pina; e um Peregrino, que ainda que fose de *altos genitores*, nam pasava de romeiro de bordám, e cabaça? Quanto mais que ninguem teve a culpa de que o senhor Pina o fizese concebido a furto. É se queria que lhe tributafemos respeito, devia fazelo legitimo erdeiro defas onras; pois a sua esclavina nam é mais nobre para lhas merecer, do que a purpura daquele Vice-Rei de Israel: e se o seu Peregrino ( que por nome nam perca ) fez o seu Triunfo, tambem Jephthe gozou o mesmo privilegio; e com diferença, que a um tributoulhe os vivas todo o Povo; e a outro só vosfa mercê lhe levantou as figuras, e os *carros orientantes*, que *orientavam* ao longe.

O senhor Pina na sua carta Apologetica pertende sacudir a garrocha, dizendo que o Eborense *levanta ao Eroe o testemunho falso de ser filho da puta, nascendo, como claramente consta do poem, de legitimo matrimonio*; o que eu, nem pesoa alguma dirá depois de ler o *Triunfo*, ainda que o seu Autor afirma que *o lugar é expresso, e sem contradicam*; e é o seguinte:

..... rizonha,  
 E benigna permite que eu lhe exponha  
 A minha adorasam, e se assegura  
 Na palavra de espozoz, que lhe ofreso:  
 E ocultamente teve em outro instante  
 Do meu empenho o effeito mais constante.

Esta é toda a passagem que refere o senhor Pina para provar que o seu Eroe é filho de legitimo matrimonio; e quem dela o nam inferir assim, manda ele que *tome outro officio, e que em lugar de Poemas se divirta com autos de Maria Parda.* Fala bem forte! Faz bem em lhe meter medo para que se calem: mas eu, que nenhum tenho das suas pulhas, pergunto: oferecer a palavra de espozoz é o mesmo que cazar? Quantos a oferecem, e depois faltam a ela? Se o aljube falláse, ele serviria de testemunha. Se disese que lhe deo a mam de espozoz, mais equivocava a coiza, e nam lhe aviamos perguntar pelos pregoens: mas dar palavra de cazamento é prometer para o futuro: e se ele cazou entam, como lhe prometeo cazamento? Prometer uma coiza ao mesmo tempo, em que se dá, nam vi ainda! Só em materia de pancadas ha fugeitos tam pontuaes, que quando chegam a prometer ja tem dado algumas á conta: mas em outra coiza nam sei que tal se pratique. Quiz Camoens explicar a brevidade, com que um omem de onra deve satisfazer as suas promefas, e dise:

*Quem no mundo quizer ser  
havido por singular,  
ha de trazer sempre o dar  
nas ancas do prometer.*

Esta é a maior pontualidade, que pode dezer-se: de forte que se dá logo depois que se promete: mas sempre a promessa deve preceder á dadia. E principalmente nisto de cazamentos, que só com fiança a banhos, que nam consta que Polifilo tive-se, se podem fazer tam breves. E emfim cazamentos de jardim sam cazamentos de comedia, sendo fingidos; ou clandestinos, se sam verdadeiros. Alem disto, se ele cazou com a tal Dama, para que consumou o matrimonio *ocultamente*? Por ventura é coiza illicita, que haja de occultarse? Ainda entre os Gentios era coiza justa: *Matrimonii jus castum, et legitimum*, escreveo Cicero. Nam falo tambem na prontidam, com que conseguio o efeito do seu empenho *em outro instante*; porque isto dependia de reparos mais licenciosos: mas tambem nam me admiro, visto que a Dama cahio de madura.

O certo é que o senhor Pina, quando escreveo a sua apologia, foi só a empalhar para que nam se disése que ficava calado; julgando que ninguem teria a curiozidade de conferir o Poema. Este foi sem duvida o motivo, que teve para transcrever aquele lugar, e pasar em silencio este que repito:

Desde o feliz momento nunca avara  
 Foi a forte comigo, até que pára  
 Tam doce elevavam no termo injusto  
 De fecundarse o thalamo: rezervo  
 A' vosa intelligencia o horror, e o susto,  
 Que cauzaria um fado tam protervo  
 Na minha adversidade; pois a vida

Só podia salvarse na fugida. (pag.187.)

E querem á forsa estes senhores que, depois de ler isto, acreditemos que Polifilo estava legitimamente cazado com a Dama. E ja que pretende tirarnos os olhos; para que rezerva á nosa intelligencia o horror, e o susto, que lhe cauzou *o fado protervo*? Conceber uma mulher de feo marido é coiza orroroza, ou que possa cauzar tam grande susto? Se o Peregrino apanháse o senhor Poeta com aquele celebrado montante, com que peleijou contra os Libertinos, ele lhe perguntaria quem o obrigou a descobrir as suas faltas, ou as demazias da mãe, que, segundo nos diz, depois que perdeu a primeira vez a vergonha, nam se descuidou do divertimento; que assim se constroe aquele lugar: *Desde o feliz momento nunca avara foi a sorte comigo*. Sem duvida que foi como os ruins muzicos que cantam depois de vinte rogos, e para se calarem necessitam de quarenta. Ou talvez que a cauza da sua esquivança fosse a ignorancia das delicias do *efeito do empenho constante*, em cuja narraçam se deixou ir o senhor Pina atraz do choro, e disse maravilhas, como se pode ler na pag. 187. Como nam ha boda sem baile, introduzio-lhe uma dan-  
 sa

fa de espiritos frecheiros ( que era qualidade que bastava que se dêse no noivo ) vibrando placidos luzeiros. E por fim para ficar a funsam mais alegre poemlhe de uma parte os zefiros gemendo, e da outra a fonte chorando. Eis aqui o que é falar com propriedade! E nam querem que a gente ria! Empenhase o poeta neste epizodio a descrever o jardim mais deliciozo; e depois de fazer o que poudes, sahio um vale de lagrimas. Perdoeme; mas aqui entra bem o *Parturiunt montes, nascetur ridiculus mus.*

Mas tornando ao fio da istoria, pergunto: Se Polifilo estava cazado, para que se veio jactar de ter desfrutado bem o matrimonio? Nenhum omem de juizo se gaba de sua mulher lhe pagar o debito; pois nam é isto novidade entre os cazados; antes obrigafam, como todos sabem, e S. Paulo recomendou aos Corintos, e neles a todo o mundo: *Uxori vir debitum reddat: similiter autem et uxor viro.* Ja o Eborense notou isto mesmo; e o fará qualquer que nam estiver dominado de afeisam ao Poema.

O mesmo critico estranhou tambem que o senhor Pina chamáse á açám pecaminoza *feliz momento*, ao mesmo tempo que nomeia o parto, que dela procedeo, *termo injusto*. Mas a isto responde o Autor que *o Eborense, para notar esta açám, trabalha sobre o suposto falsissimo de imaginar que Polifilo era amante, enam marido da Dama.* Pois de duas uma: ou era amante, ou marido? Se amante, nam devia vosa mercê como Christam chamar ao primeiro acto venereo *feliz*

momento; á continuafam dele, doce elevafam; e á frequencia, com que fe repetio, *sorte nunca avara*: e fe era marido, nam pode como bom Teologo, que é, chamar *termo injusto* ao parto procedido de legitimo matrimonio. Pergunto: fe Polifilo nam queria ter filhos, para que cazou? Nam sabe vofa mercê que o matrimonio fe instituiu a beneficio da prole? Ignora que o fim dele é a propagafam? O primeiro matrimonio, que ouve no mundo, foi o de Adam, e Eva, aos quaes dife Deos: *Crescite, et multiplicamini, et replete terram*. Destruio-fe o mundo com o diluvio; e logo que Noé, e feus filhos fairam da arca, lhes confirmou o Senhor os matrimonios com as mefmas palavras. Entre os Hebreos era a maior afronta para os cazados a falta de fucefam. Entre os Chriftaõs acontece o que o fenhora Pina diz no feo Abfalam pag. 2. que, *como os filhos fam frutos do talamo, fem eles fica defconfolado, e froxo o matrimonio. Na fua falta fe converte em tristeza a alegria do conforfio*. Afim o efcreveo entam; mas oje parece que ja mudou de opiniam. Os que cazam fomite com o fim de fatisfazer o appetite, e fem dezejo de defcendencia, alem de merecerem o nome de brutos, fe fazem fujeitos ao demonio. Afim o dife a Tobias o Anjo S. Rafael: *Hi namque, qui conjugium ita fufcipiunt . . . . et fuae libidini ita vacent, ficut equus, et mulus, quibus non eft intellectus, habet poteflatem dæmonium fuper eos*. E para que lhe nam acontecefe ifto, lhe aconselhou que, pafada a terceira noite, conlumáfe

sumáse o matrimonio, movido do dezejo da prole: *Accipies virginem in timore Domini, amore filiorum magis, quam libidine ductus.* Neste merecimento se fundou a orasam do mesmo Tobias: *Et nunc, Domine, tu scis quia non luxurie causa accipio conjugem; sed sola posteritatis dilectione.* E finalmente, se nos ensina o Apostolo que o matrimonio se deve contrair *Non in passione desiderii*, mas com atensam ao fim para que foi instituido, *propter bonum prolis*; como chama o senhor Pina *termo injusto á fecundidade* daquelle consorcio? A isto responde que,, chamar-se nesta,, ocaziam *termo injusto á fecundidade*, nam foi,, porque nas concepsoens do matrimonio haja,, alguma injustiça, mas pelas infelizes consequencias, que dele se seguiram,, Má desculpa! As consequencias que dali se seguiram, meu senhor, sam as que mais o criminam; e nam vemos que sejam outras, que fugirem os dois chamados espozos, para salvarem as vidas, que (segundo vosa mercê nos diz) só por este modo se podiam livrar de quem quer que era que os perseguia (que ficou no tinteiro) tendo nós neste cazo a liberdade de dizer de Polifilo: *Fugit impius, nemine persequente.*

Chama vosa mercê *fado protervo á prenhez da espoza*: dálhe o nome de *adversidade*; e finalmente poem os dois cazados em fuga, para salvarem as vidas. Ora quem vio que seja crime de morte o parir uma mulher cazada, tendo concebido de seu marido; e que, chegada a ocaziam do parto, seja percizo fugirem ambos para

salva-

salvarem as vidas? Senhor Francisco de Pina, aqui houve traficancia: e se precedeo matrimonio, foi clandestino, e este bem sabe vosa mercê que é proibido. E com tudo isto ainda vosa mercê se atreve a dizer ao critico de Evora que leia autos de Maria Parda, se nam inferir que Polifilo estava cazado com a Dama! Com isto faz vosa mercê muita bulha a quem o venera por oraculo: e eis aqui porque eu dise no primeiro Discurso que as suas repostas tem mais malicia que ciencia; pois nam soube defenderse, e só acodio a empalhar, calando o que o condena, a pezar de toda a sua erudisam. Mas eu desculpára todas estas simulaçoens, se alguma nam tivesse seus fumos de eretica. Digame, senhor; em que Teologia achou que os actos venereos, e libidinosos, antecedentes ao matrimonio, nam sejam pecaminozos? Semelhantes açoens só sam permitidas depois, e nam antes. Bem reconheceo vosa mercê isto; e com malicia grande deixou de dizer *actos*, e escreveu *affectos*. „ Da mesma sorte (diz) é falso o suposto de se imaginar que eu chamáse a uma açám pecaminosa *feliz momento*; pois nam se podia considerar culpa em uns afetos, que tendiam ao conforcio „. Por certo que é muito bom modo de *tender*, que lhe introduzio de sorte o fermento, que logo a fez levedar! Forte giria foi esta para coonestar a falcatrúa! Está boa casta de *afetos tendentes ao conforcio sem culpa*, que a fizeram conceber um filho! Por esta Teologia nenhum cazava se nam na ora da morte, por evitar a

vergonha de ir receberse á igreja; pois com o intento de cazar por fim de tudo, podia pafar a vida fazendo *afetos tendentes ao conforcio*, visto serem *sem culpa*; e no fim pagaria tudo, como mariola, que tem credito na taverna. Destas nam dizem os Transfaganos, senhor Pina; e mais nam sam *aguias* como vofa mercê. Destas doutrinas nam tem cá entrada: se vofa mercê as quer seguir ( *quod absit* ) que lhe preste; mas livrese de que á forfa lhe fofam alguma vez variar o sistema, e se tornem a juntar os papeis, que vofa mercê espalhar, com prejuizo dos compradores, que nam tiverem breve, como o que vofa mercê por fecia copiou no principio do feu Triunfo, como se nam tivesemos visto daquilo muito. Emfim, deixo os mais reparos que podia fazer a respeito da verdade, ou falsidade do despozorio de Polifilo, porque o Ebo-rense respondeo ja, nam *nervozo*, como o senhor D. Joaquim, mas *ofudo*, que é mais duro alguma coiza; e dife o que havia na materia com largueza, erudiçam, e modestia, que eu lhe louvo, mas nam imito, por nam ficar criminozo de *demaziadamente modesto*, como o senhor o está no cartorio do senhor Presbitero Lisbonense.

Acaba este senhor a fua 3. carta perguntando; *que coiza é perna?* E responde logo: *Perna é um membro do umano composto, que consta de diversas partes como sam: o quadril, coxa, joelho, barriga da perna, canela, tornozelo, peito, e planta do pé, calcanhar, sola, et c.* Aqui basta

bafta; que a arenga é comprida. Está bém visto na Anatomia! Aprenderia em Franfa? Tomára quem me explicáfe o que quer dizer aquele termo *fola*; pois eu por *fola do pé* fempre entendi o lugar que cobre a fola do fapato; mas como ifo já estava explicado quando dife *planta do pé*, nam entendo o que fignifica. Porém pafemos adiante para ouvir que diz o fenhór Apologifta que *pode uzarfe deftes termos*. Eu tambem alim digo; mas ade fer falando com gente menos polida; e nunca efcrevendo Epopeias. Seria coiza muito galante introduzir em um poema Epico os tornozelos, unhas dos pés, barrigas das pernas *et c.*! Podia tambem alí ajuntar as nadegas, virilhas, fôvacos, toitiço, cachafo, ventas, efpinhafo, e a concavidade, em que ele fe termina, que todas fãm partes do umano compofto: e nada difto devia cauzar admirafam depois de afirmar o fenhór Apologifta que *até fe pode falar em calos*, efcrevendo Epicas; que nelas, e nam em outro lugar, fe condena o uzo da palavra *pernas*, na qual julgo que o Eborenfe nam repararia, fe nam vife antes tratada com tanto rebufa a cara, debaxo do apelido de *lamina vivente*.

Diz finalmente o fenhór Lisbonense que ainda nam reconhefe autoridade nos dois criticos Tranftaganos para advogarem pelo uzo: e eu digo que tambem nam a reconhefo em vofa mercê para dar licenfa ao fenhór Pina para fer Promotor de palavras, pois diz que *todas as vezes que um omem como ele deo uzo a uma palavra,*

*vra*, fica ja caracterizada para o uzo de todos. Quantas palavras estamos vendo a cada passo nos maiores Escretores, que absolutamente se reprovam, sem que lhes valha o respeito de quem ás uzou! Por ser um homem douto nam está izento de errar. E além disto, se toda uma Academia dos omens mais doutos da Corte nam teve liberdade para a introduçam da palavra *noite-luz*, que nam era nova, como difemos na 1. carta, e nam escapou ás investidas do senhor D. Joaquim, como concede agora tanta licença ao senhor Pina? Emfim, senhor Apologista, se o Autor do Poema quizesse tomar a liberdade que vosa mercê lhe concede, certamente quando poz a mão do Peregrino em parto, e a fez morrer nele, a pintura lansando um alguidar de parias, até que ficasse estendida como um atúm, que é a coiza mais estendida que os nossos velhos quizeram que hovesse; e por outra parte o pai da criança chorando, e fazendo cara de provar vinagrê; que em tudo *se lograva o verosimil no admiravel.*

## DISCURSO IV.

**A** Qui agora confesa o senhor Apologista que se lhe exaltou totalmente a colera: e eu dissera mais; visto que entra a declinar tanto da sua literatura, achando só investidas de estrada de Coimbra para ultrajar o Eborense; até, por ultimo despique, chama á sua crize *peixe podre*, quando estamos vendo que para responder a meia folha de papel, que ella occupava, necessitou sua mercê de escrever um livro tam volumozo, depois de esgotada a Medicina pelo senhor Pina. E todo o motivo, que teve o senhor D. Joaquim para esta impaciencia; foi o ter dito o critico de Evora que *estes titulos de Poema Epico-Polemico, Tragicomedias, et c. sam mysticos; e sendo concebidos no concurso de especies heterogeneas, ficam sendo umas quimeras, que nunca perdem a monstruosidade.* Eu lhe concedêra de boa vontade que assim nam seja: mas nam consinto que com um sofisma nos queira reduzir á sua opiniam o senhor Apologista; intentando provar que *do concurso de especies heterogeneas nam resulta precisamente o quimerico.* E quem lhe disse que o quimerico pode resultar *precizamente?* Uma coiza é *precizamente*, que sua mercê disse; e outra *percizamente*, que quiz dizer: e esta é uma das distincoes, que se dam á quimera, que só pode resultar do concurso das especies heterogeneas simultaneamente; e

concorrendo estas *precizamente*, ja nam ha quimera. O argumento, com que quer provar o feo dito, é este: „ *Animal, e racional* sam „ duas especies heterogeneas, e tanto como o „ ter, ou nam ter raciocinio; *atqui* do concur- „ so destas duas especies nam rezulta quimera, „ antes bem uma entidade existente, qual é o „ *omem: ergo* et c. Se acazo fosse licito, com licença do adagio vulgar, escrever a palavra *mente*, era a resposta mais concordante, que isto tinha: mas supra a boa vontade. Digame, senhor; nam sabe que a palavra *animal* é genero comum a todos os viventes sensitivos, a que *racional* é differença, com que o *omem* se distingue dos brutos, que sam *animas irracionaes*? Para que diz logo que *animal, e racional* sam especies heterogeneas? Digame mais. Quem lhe meteo na cabeça que *racional* era especie? Achou isto em alguma postila das nasoens, em cujos idiomas (segundo nos intima) é tam versado? Bom conceito ham de elas fazer dos Portuguezes quando o virem á vosa mercê, dizendo destas, venerado por *omem grande*! Ouvio ja dizer que neste mundo se possa dar *racionalidade* se nam em *animal*? Poderám subsistir os predicados sem sujeito?

Continúa as provas, querendo que filozofa, e critico sejam especies heterogeneas; sendo tam certo que o filozofa só é filozofa quando é critico, e o critico só é critico quando é filozofa; pois o fim de ambos é conseguir o critério da verdade. Para provar esta hetero-

geneidade diz que *critico*, do seu conceito formal, é um homem, que nota erros. Donde lhe viria esta noticia tam estranha? Eu creio que entre todos os Filozofos dáquem, e dálem mar, os de Africa, Persia, e India, e até os de Guiné, e suas conquistas, nam haverá outro que tal diga, se nam este senhor; pois é coiza sabida que *critico* é aquele que distingue o bem do mal: e o que nota erros nam é absolutamente critico, mas sim censor, ou corrector; porque, ainda que é necessario para notar erros o ser critico, com tudo a açám de notar o erro é censura, e nam criterio; porque o criterio em tal cazo é cauza; e a censura, ou correçam, effeito. E no fim de tam futil argumento fica o senhor Apologista tam cativo do seu juizo, que nam se envergonha de dizer que *se o Eborense desfizer como bom Logico estes silogismos, lhe dirá lá de longe: Dic quibus in terris, et eris mihi magnus Apollo.* Eu nam vi maior vaidade, nem mais mal fundada!

Tudo o mais, que diz nesta carta, que é extensa, como se funda neste primeiro, e principal argumento, fica dissolvido. Sobre os ornatos direi alguma coiza. Alí pertende achar na Sagrada Escritura a noticia de que *para as febres, pleurizes et c. houve-se uzo de sangria*: e como nam achou, nam ouve tal uzo antigamente. Tambem lá se nam fala de Platam, Solon, Catám, et c. nem das suas leis: logo nam as ouve? Refere S. Jeronimo os preceitos do Decalogo escritos nas duas taboas para os Hebreos:

nam

nam fala nas leis das doze taboas instituidas para os Gregos, e Romanos: logo nam existiram tais leis das doze taboas, mas só as taboas da lei dada a Moizes? Senhor D. Joaquim, vosa mercê está costumado a ver no Poema do senhor Pina toda a casta de droga, como na botica; e cuida que os mais Escriitores tem o mesmo vagnar. Talvez que ele, e vosa mercê conservassem melhor o credito de eruditos, se nam quizessem tanto á forsa ostentar a sua instrução, a qual se estende a tratar do que ignoram; como v. g. quando o senhor Pina, metido a falar em termos muzicos, chamou á consonancia *unifona*, e *diversa*, sem saber que esta nam pode ser unifona quando é diversa; nem diversa quando unifona: e tambem quando vosa mercê dise das *periférias*, dos *pirilampos* et c. e outras muitas que direi no Discurso 9.

Alí faz vosa mercê uma feira da ladra, ajuntando toda a farraparia de cazacas, calsoens, sapatos, cabeleiras, e *vestias* ( que é palavra que erdou da avó ) e por fim vai tudo a queimar por seu mandado ( sem ser Juiz da faude ) nam sei se por desconfiança de que os donos morressem tizicos. Alí está meza posta com colhéres, e garfos, mas nam vejo facas, e entendendo que é meza de Judeos que partiam o pam com as maons. Aparece logo a primeira cuberta com varios ragûs, fricandós, gigotes et c., e aqui devia vir logo a *sôpa*, que tambem é prato de novidade; porque antigamente nam era *sôpa*, mas *sôpas*. Na segunda cuberta *houve mui-*

to boa vitela, e recental assado capaz de o comerem os Anjos, á custa do Patriarca Abraham. Na terceira veio cidram, ovos moles, manjar real, bolos da Esperança *et c.* e por fim de tudo os ricos bocadinhos, que em Evora comeo ja o senhor Lisbonense, que nos conta isto como quem diz: *contentate papo, que ja foste farto.*

Depois de todas estas iguarias, faz este senhor a segunda parte do banquete de Erodes, pois (por modo de dar graças, ou de as dizer) pronuncia immediatamente esta sentença contra o Eborense: „ O que visto, e o mais, que dos „ autos consta, condenamos ao critico reo a „ que nam vista outro algum trage, se nam um „ sayo de peles com sua guarnisam de folhas de „ figueira. Outro sim mandamos que para todo „ sempre se prive de asentar-se em meza lauta, „ opipara, e delicada; e que na sua nam uze „ de colher, e garfo; *item* que por espaço de „ dez anos nam coma doce algum de qualquer „ género que seja; e pague as custas. E, para „ que compreenda a todos este noso verbal de- „ creto, e se evitem com a ocaziam tantos pe- „ cados da gula, mandamos com a mesma for- „ sa de lei que no Reino de Andaluzia se lan- „ ce o fogo a todos os trepiches, como na Ame- „ rica a todos os engenhos; visto que a Anti- „ guidade nos nam dá exemplo de Fabricar-se „ asucar, „. Em nome do Eborense devo eu ago- „ ra divertir-me um pouco com este decreto, que o seu Autor chama *verbal*, sendo na verdade impreso. Em primeiro lugar lhe dou o agrade-  
cimento

cimento da onra, que faz ao critico em lhe dar o vestido de noso pai Adam; e pode ele dizer, como D. Feliciano de Milama ElRei D. Afonso VI, quando lhe chamou *Eva*, que respondeo que só sua Magestade a podia fazer a primeira mulher do mundo; e agora cá só o senhor D. Joaquim, que tem poder para tudo, poderia fazer o critico o primeiro omem do mundo. Mas o máo é que para lhe evitar a vaidade o manda logo comer em terra. Ora diga, senhor Velho; quem lhe deo licença para ser reformador geral das barrigas dos criticos de Portugal, e Castela, e Juiz Conservador das mezas *luntas*, e *opiparas*? Se eu tivesse mais vagar, avia de fazer por parte de Eliogabalo uns artigos de suspeição contra o seu decreto, e mover-lhe uma cauza de espolio, visto estar exercitando o officio com bulas falsas, a pezar dos *ricos bocadinhos que comeo em Evora*. Coitado do pobre que o ospedou! E além disto, vosa mercê nam sabe no que se meteo, mandando queimar os trepiches de Andaluzia; pois, se ElRei de Castela pede satisfaçam do cazo, ali teremos nova guerra: e tambem fica vosa mercê excomungado, com absolviçam rezervada, por incendiario.

Pasa logo vosa mercê a tirar as suas concluzoens contra o Eborense, ás quaes, por serem 8, dá o nome das suas 8 Bemaventuranças: e diz na setima que, „ A mulher com cauda de „ peixe, de que fala Horacio, nenhum paren- „ tesco tem com o Epico-Polemico do Pina; „ porque

„ porque esta sua Epopeia por cima, e por baixo, por dentro, e por fora, toda é formozura, toda está ornada de mil belezas, que só conhece quem sabe distinguir „. Em quanto ás belezas, nam sam tantas como se diz; e lhe fez grande favor o Eborense nos elogios, que lhe fez; podendo notar-lhe muitos descuidos na fraze, a que chamou *pura*, na diçam, que intitula *limada*, et c. sendo certo que lá aparece de quando em quando seu Hebraismo, como v. g.

Tam santos, tam illustres pensamentos,  
Tomai por vossa conta o dirigilos.

E aqui temos o *urbem, quam statuo, tua est*, de Virgilio; e o *lapidem, quem reprobaverunt ædificantes, hic factus est in caput anguli*, de David. E ainda que nam condeno isto por erro craso, só o refiro para mostrar que nam é a pureza tanta como se diz. E muito mais quando vemos que tambem nam está livre de seus idiotismos, como v. g.

..... se as nam observa,

Bem que existente á ideia se traslada,

Outra ideia dirá que nam é nada.

Desta fraze *nam é nada* ninguém ja uza; porque todos sabem que o que nam é nada é alguma coisa. Aqui pudera eu falar nas repetidas cacofonias, que no Poema se acham, visto que aquelle *as nam* do primeiro verso nos vinha lembrar isto; mas como é processo infinito, pafe em claro.

Nam é menos ridicula a antigualha de que uza quando, fazendo um formozo catalogo dos melho-

melhores livros de todas as faculdades, e avaliando o merecimento de cada um tam seriamente como pede este ponto, e o officio de contraste das Bibliotecas, diz:

Nos livros de Galeno, e de Avicena,

E nos desta farinha *et c.*

Fez mal nam guardar esta expresám para quando chegáse aos de Direito; pois, alegando o Farinacio, podia entrar mais elegantemente a palavrinha. Por certo que isto basta para lhe nam ficar improprio o *mulier formosa superne*; pois, principiando tam serio, fae de repente com aquele farelorio, para completar o *turpiter atrum desinat in piscem*: e se nam receáse o perigo de se enfadar, lhe havia contar a istoria da Dama Gata, que lhe vinha de molde.

Achase tambem muita impertinensia nas expresoens, com que muitas vezes se explica, por um modo enigmatico, e confuzo, semelhante ás profecias do Bandarra; e examinando da taboada os seus leitores, como quando dise *cem vezes oito, com dez vezes cinco, e duas vezes tres et c.* Tanta vez nam tem um lagar de uvas! Está boa matraca de *vezes*! Nam condeno este estilo de numerar: mas tudo o que é continuado aborrese. Bastava para defensa o exemplo do grande Camoens:

Curfos do Sol catorze vezes cento,

Com mais noventa, e sete *et c.*

Mas se isto uma vez dito tem sua grasa, toda a perde com a repetiçã. E ainda mais quando pasa a impertinensia, como quando o senhor

Pina descreve o decurso de quarenta anos, reduzido a dias, que é necessario que o leitor tenha comfigo papel, e tinta para a conta, se nam quizer ficar jejuando; como se vê:

Quatorze vezes mil, e mais seiscentos,  
Com quatro vezes dez, o Sol dispunha  
Seus raios entre as sombras sonolentas *et c.*

E no fim de tudo quem fizer a conta ade achala errada; porque, ficam os anos todos de 366 dias cada um, e gozando privilegios de bifextos: pois a 365 dias, que tem os anos, que o nam sam, faz a soma em 40 de 14600; e acrescentando a este numero mais dez dias, que sam os que crescem em dez anos bifextos, que devia aver nestes 40, faz a quantia de 14610: e está errada a conta do senhor Pina em 30 dias; *salvo meliori judicio.* Empregou muito bem o trabalho de estar multiplicando os dias para fazer mais enigmatica a narraçam; pois é impossivel que isto lhe lembráse de repente, e sem estudo particular, que lhe louvo muito, pela grande utilidade, que dalí se segue ao publico: mas eu julgo que nos quiz mostrar que estava mais adiantado que aqueles, de quem se diz que sabem quantos dias tem 30 anos. Nam sei como nam multiplicou tambem por oras, e minutos, para ficar a coiza mais inteligivel; porque tudo trocado em miudos está mais explicado. Se nam fôra por parecer investida, propunhalhe o cazo dós 4 com 9, e 14 com 10; porque lhe sinto habilidade de deslindar o enigma. Mas deixemos grafas, e vamos adiante.

A dicçam

A dicçam dise o Eborense que era limada: e na minha opiniam dise bem: mas dêvese entender a limadura em todo o rigor. Eu digo que é limada, porque nam chegou a ser polida, e está ainda imperfeita. Primeiramente é muito dezigual; pois uzando de palavras muito altisonantes, como v. g. *fruiçam*, *trifulco*, *insectivel*, *plaustro*, *conato*, *imolar*, *germinar*, *fragor*, *rotunda*, *inhospita*, *desolado*, *turbilhoens*, *indelevel*, *munificencia*, *aspectavel*, *bifronte*, *phalanges*, *prestigioso*, et c. Ihe mistura outras muito toscas, como v. g. *borrar*, *fartar*, *cornos*, *fralda*, *derradeiro*, *arrebentar*, *corróe* ( que, nam sendo indigna, soa mal ) *borbulha*, *tamanha*, *gadamba*, *fitar*, *trabucar* et c. Esta ultima só se conserva oje naquele rifám, que diz: *Quem nam trabuca, nam manduca*: mas em estilo culto nam sei que se uze dela; porque, depois que se inventáram os petardos, e se perdêram os aríetes, e catapultas, vagou este officio para a Coroa; e julgo se nam proverá outra vez em quanto ouver bombas, e artelharia.

Em segundo lugar tem o senhor Pina muita impropriedade em acomodar adjectivos a substantivos inconexos, como v. g. *incendio canoro*, e *destilado*; *impulso inerte* ( que é impossível dar-se ) *fronozo impulso das arvores*: e esta palavra é bordám, que para tudo serve, e se acha no Poema guizada por mais de 60 modos; *verdor cristalino*, que é côr muito propria do cristal; *donzelas ardentes*, expresám, que mais inculca luxuria, que formozura; e ainda os *belli-*

*geros ferro'bos*; porque, sem embargo de que se abriam as portas do templo de Jano, edificado por Numa Pompilio, quando em Roma se publicava a guerra; e se fechavam quando se estabelecia a paz; nem por isto merecem os ferrolhos o epíteto de *beligeros*: antes bém pelo contrario se deviam chamar pacificos; pois só quando serviam no seu destino, avia paz; e entendiam os Romanos que a guerra estava fechada naquele templo, e debaixo daqueles ferrolhos; como refere Moya: *Quando estaban cerradas era señal de paz; denotando por ello que la guerra estaba encerrada, y presa en aquel templo.*

Outras vezes uza de adjectivos, que, podendo acomodar-se aos substantivos, a que os ajunta, ficam improprios ao lugar, onde os escreve; como v. g. falando das trombetas, que foáram no Sinai na promulgasam da lei do Decalogo, chamar ao seu som *bellicos clamores*. Assim é que o som da trombeta é *belico*; mas sómente o é na ocaziam da guerra: porém quando Deos veio dar as leis ao seu Povo amado, fez-lhe alguma guerra? O sino, que uma vez repica em sinal de alegria, em outra dobra em demonstrasam de tristeza. Nam ha mais do que eserever o que ocorre, venha, ou nam venha proprio ao lugar? Isto só é desculpavel em mim, ou outros tais, e nam em omens da primeira classe como o senhor Pina. Os raios, que naquela ocaziam fulminavam, nam eram raios de justifa, que mostrassem a ira de Deos; mas sim de magestade, que avizayam da Divina  
prezen-

prezença aos que não o podiam conhecer com os olhos.

Não é menos digno de reparo o estilo, com que muitas vezes se explica com frases, que nada dizem, ou vozes, que nada explicam; como v. g.

Não se alcança algum monstro, que se enrosque  
No emmaranhado escândalo do bosque.

Que *escândalo emmaranhado* será este, que tão escandalizados deixou os monstros, que todos fugiram? Suponho que foram os mesmos, que em outra parte appareceram *corruptos*, por estarem de môlho:

Em um charco de escandalos corruptos

Respiram seus alentos dissolutos.  
E também em outra occasião sae o tal escândalo afado lá nas fornalhas das guerras, que naquele tempo tinham ventas, assim como o je as nosas tem boca:

Entre o horroroso estrondo das batalhas

Pulsava todo o incendio das fornalhas,

Respirando as particulas violentas

Pelo horrivel escândalo das ventas.

Ainda no simples uzo das palavras tem muitas vezes o senhor Pina os seus descuidos; como v. g. o adjectivo *rude*, que serve em Portuguez para todos os generos; e o uza sempre com terminação feminina em *a*, *ruda*, *rudas*, ou masculina em *o*, *rudo*, *rudos*. Não é menos bonita a expressão de *mais minimas*, que é companhia do *mais melhor* dos rapazes: e isto em umas notas em proza (pag. 39) que nem ao menos

menos tem a desculpa, ainda que má, de encher o verso; e se conhece muito bem ser vicio natural. Ou tambem onde diz *jugo nutricao*, que devia dizer *suco*. *Jugo* em Portuguez é a çanga dos bois, ou o lugar, onde eles a trazem. Só os Castelhanos assim dizem; porque é entre eles *jugo* o mesmo que no noso idioma *suco*. Eu a principio cuidei que feria erro da imprensa; porque tambem me persuadia a isto ver que o adjectivo *nutricao* estava mal escrito *notricao*: porém examinando as erratas, vi que se tinha emendado o adjectivo, como devia ser, e que o *jugo* pasou livre: de que inferi sem duvida ser assim a vontade do seu Autor. Outras muitas miudezas deixo, por nam ser importuno: e destas nam faria cazo, como das mais, se nam vise o senhor Pina tam cheio de vaidade nesta materia, que diz na sua apologia que *nesta reserva, ou exceptam, que fez o Eborense na lima da diçam, nam pode a gente deixar de sentir, ainda que nam queira.*

Veamos agora a oitava bemaventuransa do senhor D. Joaquim; que consiste em *que todo o rizo dos Pizoens, e de qualquer omem dos que tem caracter de eruditos, está guardado para celebrar aquella crize do Eborense, que ás vezes lá tem alguns vizos de ridicula.* Aqui nam ha coiza, que me obrigue a responder: mas veio lembrarme o rizo, que o senhor Pina nam ponde conter quando vio a versám, que o Eborense fez áquele lugar de Horacio: *Humano capiti cervicem pictor equinam* etc., que diz que o mandou  
construir

construir por um criado, que andava entam  
 aprendendo syntaxe; e que ele o fez deste mo-  
 do: „ *Si pictor velit jungere*: se algum pintor  
 „ quize se ajuntar: *humano capiti*: a uma ca-  
 „ beça humana: *cervicem equinam*: o pescoço de  
 „ um cavallo: *et inducere varias plumas*: e dis-  
 „ tribuir diversas penas: *undique collatis mem-*  
 „ *bris*: por todos os outros membros: *ita ut*  
 „ *mulier formosa*: de sorte que sendo tambem  
 „ esta mulher muito bela: *desinat turpiter in*  
 „ *piscem atrum*: tenha a cauda de um orrivel  
 „ peixe: *admissi spectatum amici*: se fosseis chama-  
 „ dos ó amigos para ver este espectáculo: *teneatis*  
 „ *risum*: seria possível que contiveseis o riso „?

Para ser rapaz ainda syntaxista, nam' o faz mal.  
 Mas tambem o senhor Pina se leva por ditos  
 de rapazes? Quem se deixa guiar por um rapaz,  
 faz papel de cego, ou na verdade o é. Ora se  
 quer ver a elegancia da traducçam, tirelhe os pe-  
 dasos de Latim, que tem pelo meio, e ajunte  
 tudo. Mas como vossa mercê nam' está aqui  
 para o fazer, eu o faço: *Se algum pintor quize se*  
*ajuntar a uma cabeça humana o pescoço de um ca-*  
*vallo, e distribuir diversas penas por todos os*  
*outros membros, de sorte que, sendo tambem esta*  
*mulher muito bela, tenha a cauda de um orrivel pei-*  
*xe: se fosseis chamados ó amigos para ver este espe-*  
*taculo, seria possível que contiveseis o riso?* Que  
 tal? Está elegantissimo! Nam me admira se nam  
 a boa uniám destes periodos. Ora, senhor Pina,  
 N. Senhor lhe dê muita suade para ver bons  
 gostos do seu pequeno, que é espartinho: mas  
 peso.

pefolhe que lhe advirta que, ja que tem habilidade, nam deixe esquecer os atrazados; porque parece mal, sendo ja sintaxista, nam saber linguagens; pois *velit* nam é preterito imperfeito; e *se quizesse*, fala nese tempo. Que avia de dizer, se fose *si velet*? O presente do conjunctivo serve muitas vezes de futuro condicional; como verá no modo de conjugar este tempo na Arte de Gramatica de meu mestre o senhor Antonio Felix Mendes, e na dos Padres da Congregação, escolhidas entre todas por decreto de sua Magestade para educasam dos estudantes Portuguezes. Devia dizer: *si pictor velit: se um pintor quizer*: ou *se houver algum pintor que queira*. E se nenhum destes dois modos lhe agradar, diga como lhe parecer; porque eu nam tenho obrigaçam de o ensinar. Mas sempre merecia seus açoites para lhe tirar o costume de furtar palavras na construcção; porque alí, onde diz *mulier formosa*, deixou em silencio o *superne*, que tambem faz figura na oração, e no sentido. Nam me capacito de que fose ignorancia, visto que constroe pelo pai velho: mas é mau costume. E aquele *ita*, que lhe acrescenta, tambem é superfluo.

Deixemos tudo o que se podia dizer sobre a boa traducção; e vamos ao fim, por onde o senhor Pina principia, que é o ponto sobre que devemos disputar. Eu sigo o mesmo sentido, ainda que com alguma variaçam: mas quero mostrar que o Eborense na versam, que fez, nam disse coiza de rizo, como sua mercê quer,  
antes

antes sem muita difficuldade se poderiam nesta parte trocar as scenas. Como eu construo é assim : *Admissi* sendo vós convidados : *amici* como amigos : *spectatum* para ver : *teneatis risum* contereis o rizo ? Ou de outro modo : *Admissi* sendo vós admitidos : *spectatum* para ver : *teneatis risum* sofrereis o rizo : *amici* ainda que sejais amigos do tal pintor ? E ultimamente nenhuma duvida terei em concordar no vocativo , dizendo *amici ó amigos* , para dispor com ele para o *teneatis* : mas nunca no tempo da linguagem , que certamente está errado do mesmo modo que o *velim* , que assim notei.

Para que eu traduza assim , só me persuade aquela interrogam , que está no fim do verso ; pois , se nam fôra esta , de nenhuma sorte diria senam como disse o Eborense ( que pode ser se nam lembráse dela ; o que é facil escrevendo de memoria ) pois é coiza bem sabida que o imperativo nam admite interrogafomens , nem tambem o conjunctivo quando faz as vezes de imperativo , como devia ser nesta occasiam. E bem se vê que ficava com energia a traducam , e o sentido , dizendo : *Admissi spectatum* sendo convidados para ver : *teneatis risum* disimulai o rizo : *amici* como amigos : pois é açám mais propria dos amigos disimular os defeitos , que escarnecelos. Para provar que aquele *teneatis* no conjunctivo pudése fazer as vezes de imperativo é superfluo o referir exemplos : e basta só lembrar de que Deos nos seus Mandamentos nos fala com imperio ; e com tudo explica-

se pelo conjunctivo: *Non occides*: nam matarás. *Non furtum facies*: nam furtarás et c.

Nestes termos guarde o senhor Pina o seu rizo para outra ocaziam; sem embargo de que nesta o podia empregar muito dignamente na construcção do seu criado, que eu lhe nam noto toda pelo nam envergonhar. Reserve tambem o senhor D. Joaquim a sua oitava bemaventurança para outra vez, ou gozele dela com o seu Romance, com que acaba a 4. carta, que tem mais *A vós*, que arvore de gerasam: *A vós*, a cujo nome: *A vós*, a cujas obras: *A vós*, por quem a Fama: *A vós*, *A vós* et c. e no fim para coroa o *Periodico giro do sacro luminar da quarta esfera.*

## DISCURSO V.

**T**Rata na sua 5. carta o senhor Velho de defender o Peregrino de uma mentira, que lhe estranháram os criticos; a qual sempre ficará manifesta, a pezar de todo o trabalho, com que assim este cavalheiro, como o senhor Pina deitáram a livraria abaixo para provar que nam mentio, ou que ( se mentio ) nam foi ele o primeiro; que é muito boa solufám. Foi o cazo que, andando pela Azia o Peregrino, encontrou um Filozofio chamado Confucio, que se admirou muito de o ver, e lhe perguntou o motivo da sua peregrinafám: e assim a pergunta como a reposta se vê na pasfagem seguinte:

Quem vos tras a um clima tam distante,  
Se é que fois Europeos? a uma Provincia  
Mais oriental da Azia? que dezejo

Vos move, que ambiçám, ou q̃ destino?  
Ver o mundo ( responde o Peregrino )

Nota ibi. *He todo o meu intento: toda a empresa*

*Que me leva a medir a redondeza et c.*

Este é o lugar fielmente copiado do poema. Vejamos agora se mentio, ou nam. Perguntou Confucio ao Peregrino que dezejo o obrigava a andar por tam remotas regioens? E ele lhe responde que *todo o seu empenho, e toda a sua empresa era ver o mundo. O principal empenho, ambiçám, destino, e empresa era converter o mundo á Fé orthodoxa: e o que disse foi que só o vê-*

lo. Nam consiste aqui a mentira em calar parte da verdade; mas em dizer que *todo* o empenho, e *toda* a empreza era ver o mundo. Quem diz *tudo*, nada exclue: e se ele dise que aquelle era *todo* o empenho, nam rezervava sem mentir o principal intento. Ananias, e sua mulher Saphira quizeram oferecer aos Apostolos o producto de um campo, que vendêram com esse fim: mas considerando que ficavam sem outra coiza, determináram dar sómente uma parte. Vieram a S. Pedro; e lhe entregáram o dinheiro, dizendo que aquelle fôra o preço do campo, que tinham vendido. Do que indignado o Santo, depois da repreensam, lhes deo o castigo, mandando que ficassem mortos, porque tinham mentido. O Peregrino dise que aquelle era todo o seu intento, sendo só parte dele: Ananias afirmou que aquelle era todo o producto do campo, sendo tambem parte dele: logo se Ananias foi castigado por mentirozo, o Peregrino porque nam adefer ao menos reprehendido? Dezejarei ouvir a disparidade, porque sou curiozo.

Para provar que isto, que pareceo mentira, nam o foi, traz o senhor Lisbonense varios exemplos; e no primeiro diz que „ Perguntado „ Christo pelo iniquo prezidente se era filho de „ Deos: *Tu es filius Dei?* nam dise Christo o „ que era; antes deo a entender o que nam era, „ chamando-se filho do omem, e nada mais: „ *Ammodo videbitis Filium hominis venientem in nubibus cæli*: logo, porque Christo calou uma „ verdade, inferiremos que dise uma menti- „ ra?

„ ra,,? Pefima illafam, e sobre blasfema, heretical! *et c.* Respondo. Christo fenhor N. quando estava na prezença do iniquo prezidente, estava como reo, e como omem: e sendo perguntado se era filho de Deos, nam podia responder de outro modo: pois se difése que nam era filho de Deos, faltava á verdade, e desmentia a voz do eterno Pai, que no Jordam claramente o tinha nomeado por filho: *Hic est filius meus dilectus.* Para confesar que era filho de Deos quando estava como reo, e como omem, parece que nam podia fer; porque a Doutrina, que profefamos, nos ensina que Christo, em quanto omem, nam tem pai. E que fez neste cazo a sabedoria infinita? Buscou um meio termo diferente, e nam excluzivo dos termos da pergunta. Denominouse filho do omem; e nam confesou, nem negou o fer juntamente filho de Deos: *Ammodo videbitis Filium hominis venientem in nubibus caeli.*

Aqui me admiro eu de que o fenhor Presbitero Lisbonense soltáse uma propozifam, que lá tem seus fumos de blastema; dizendo que o Senhor naquela reposta *deo a entender o que nam era.* E reparo em duas coizas: primeira, que nam se lembre o fenhor Velho que mentir, *est contra mentem ire*: e se Christo na reposta *deo a entender o que nam era* (o que eu nego totalmente) foi contra a mente da pergunta. E veja lá o fenhor D. Joaquim o que diz, e como se dezembarsa deste filogifmo, de que eu tremo ao tirar a ilafam. Segunda, que diga este fenhor

Doutor

Doutor que Christo nam era filho do omem, como se denominou. Podia muito bem aprendelo em S. Agostinho (lib. 2. de consens. Evangel. cap. 1. ) onde expondo as palavras, com que o Evangelista principia a narrar a geraçam de JESU Christo, diz: *Quo exordio satis ostendit, generationem Christi secundum carnem se suscepisse narrandam. Secundum hanc enim Christus filius hominis est; quod etiam se ipse sapissime appellat, commendans nobis quid misericorditer dignatus sit esse pro nobis.* Nam sei que mais claro se posa dizer. E admirome de que o senhor D. Joaquim sendo tam erudito, o nam tenha ja lido; para nam dizer que Christo nam era filho do omem, como naquela ocaziam, e em outras muitas se nomeou. Por certo que me desconcola muito que venha meter a sua foice em seara alheia quem na sua trabalha tam pouco. Podia o senhor Presbitero aperfeisoarse na Predica, e deixarse de crizes de poemas, de que jejua; porque primeiro está a obrigasam do seu officio, que a devosam do seu recreio.

A segunda paridade ( que ja tinha alegado o senhor Pina ) é da cautela de que uzou Abraham com Abimelec, que receando lhe tirassem a vida, para lhe uzurparem sua espoza Sara, cuja formozura se fazia digna de todo o excelo ( como mostrou a experiencia ) lhe disse que, sendo perguntada pelo parentesco, que tinha com Abraham, occultáse a afinidade, calando o ser espoza; e declaráse a consanguinidade, dizendo ser irmã, sendo uma, e outra coiza.

Que

Que isto nam fosse mentira todos sabem ; pois é bem notorio o costume dos Ebreos , que chamavam irmãos a todos os parentes : e que isto tambem nam possa servir de paridade ao noso cazo , tambem qualquer conhece ; pois é muito diferente o dizer Sara que era irmã , passando em silencio ser espoza ; ou afirmar o Peregrino que *todo* o seu intento era ver o mundo. Se Sara tivesse dito que todo o parentesco , que tinha com Abraham , era o de consanguinidade , entam mentia ; porque excluia o da afinidade ; e só assim podia fazer exemplo ao noso cazo : porém dizendo que era irmã , ocultou sómente , e nam negou o ser espoza : mas o Peregrino afirmando declarar tudo , *é todo o meu intento , toda a empresa* , nam ocultou só o principal intento , mas o negou , como é evidente : e quem nega a verdade é certo que mente.

A terceira paridade é do cazo de Jacob quando por industria de sua mãe Rebeca ( ou por permisa Divina ) recebeu a bensã de primogenito , rezervada por seu pai para Ezaú. Em cada palavra deste passo , e ainda em cada açãm ( porque , como diz , *nem só se mente com a palavra , mas tambem com a obra* ) quer que ouvese uma mentira ; nam excluindo desta nota a resposta que deo Jacob , quando o pai se admirou de ter tam depressa achado caça : *Quomodo tam cito invenire potuisti ?* Respondendo que fora vontade de Deos : *Voluntas Dei fuit*. A isto chama mentira o senhor Lisbonense , sem advertir que o mesmo Senhor mostrou tanto ser aquella a sua

sua vontade, que se intitulou *Deus Abraham*, *Deus Isaac*, et *Deus Jacob*; e nam Deos de Ezaú. Quer tambem que mentise em se apelar primogenito, sendo filho de segundo parto: mas nam se lembra de que Ezaú lhe tinha vendido a primogenitura; e que, depois de Jacob a comprar, era ele o primogenito para os privilegios, que o irman mais velho tinha cedido ao interesse. Eu supponho que o senhor Apologista quiz denunciar este morgado á Coroa: se nam é que, por saber que fôra comprado por menos de metade do justo preço, lho queria tirar por mal vendido. Pois, meu amigo, tenha paciencia, que lá estava o dono do conto, que tambem se arrependeo de ter feito a venda, e por final que antes de 24 horas; mas nam a poudes desfazer, porque a tinha confirmado com juramento: *Furavit ei Esau, et vendidit primogenita. Et accepto pane, et lentis edulio, comedit, et bibit, et abiit parvi pendens quod primogenita vendidisset.* E ainda que lhe deo pouca aflicam por entam, depois lhe achou o erro, e concebeo mortal odio contra seu irman Jacob. Em cada palavra e açam deste veneram os SS. PP. os mais altos misterios: e conhecendo isto mesmo o senhor D. Joaquim nam se envergonha de se alegrar por paridade de uma mentira do Peregrino, que ainda prescindindo da irreverencia, tem tanto parentesco como o Sol com a neve.

Refere depois o caso de Micol, quando occultou seu esposo David; e se desculpa que ele lhe tinha ameaçado a morte, se assim o nam fizese.

fizese. Ninguém nega que isto fosse mentira ; mas a necessidade de se salvar a vida bem a desculpa: e no Peregrino nam se dava inconveniente algum para que nam disêse a verdade. Além de que , por se acharem na Sagrada Biblia muitos exemplos de mentiras , ~~nam~~ devemos imitalos: O Istoriador Sagrado escreveu os factos mais memoraveis daqueles tempos , pertencentes ao Povo Ebreo , sem omitir os maos por maos , ou narrar os bons por bons. Que açám mais cruel que o fraticidio de Caim? Logo , porque ali se acha , poderá imitar-se ? Assim tambem , porque na Istoria Sagrada se faz memoria de muitos , que faltáram á verdade , era dicitio ao senhor Pina imitar este vicio no seu Eroe , que pretende inculcar por virtuozo ? Por este motivo é mal feita a comparasam , que traz o senhor Pina , do seu Eroe com Alexandre Magno ; pois em um omem inimigo do sangue humano , e perturbador de todo o mundo , nam era tanto de estranhar uma mentira como no Peregrino do poema , que ( prescindindo da ipoteze ) era prégador do Evangelho. Diz o Padre Vieira que a melhor coiza , que se leva ao pulpito , é o bom conceito dos ouvintes : e se este faltáse ao Peregrino , poderia convencer com a razám as feitas heterodoxas ; mas quando prégáse aos *Incoerentes* , expunhase a lembrarem-lhe o cazo da cobra , que quiz ensinar a filha a andar direita. O ser a mentira officioza nam a livra de ser culpa , ainda que leve : e quem tem obrigasam de dar exemplo , peo fi-

cio de repreender, deve ser limpo de maculas: e muito principalmente fica improprio o dizer mentiras em uma boca que préga verdades: por isto o que em outro nam seria delito, é culpa em um omem que quer converter todo o mundo. Mandou Deos fazer de purissimo oiro a tizoira do candieiro do templo Israelitico: *Emunctoria fiant ex auro purissimo*; porque ávia de servir de cortar as superfluidades da luz: e quem ouver de cortar superfluidades alheias deve ser puro como o oiro. Isto é bem sabido.

Tambem é atrevimento no senhor D. Joaquim chamar mentira ao que respondeo S. Francisco a um omem, que com a espada na mam seguia outro, e lhe procurou se tinha pasado por ali? O Santo meteo as maons nas mangas, e dise que por ali nam pasára. Nesta resposta nam só se nam deo mentira, mas nem ao menos anfibologia; porque, ainda que fosse *contra a mente* da pergunta, o movimento, que fez ao mesmo tempo com as maons, o livrou de escrupulo; pois se o omem, que perguntou, nam percebeo o sentido do Santo, foi por inadvertensia sua, e nam por engano, que se lhe fizese; porque a açám foi bem manifesta, e nam oculta; que só entam se daria anfibologia.

Do mesmo modo respondo ao outro cazo da Rainha Santa Izabel, que sendo perguntada por ElRei D. Diniz do que levava no regaso; respondeo que eram rozas, sendo na verdade dinheiro. Mas ja o senhor Apologista sabe que quando a Santa deo a resposta ainda nam es-

tava feita a conversão do dinheiro em rozas? Onde lhe veio esta noticia? Pois devia assim julgalo; que é obrigação de Catolico julgar o melhor, e não supor mentiroza uma Santa de tanta virtude. Além de que, quando assim não fosse, bastava que ouvesse os motivos, que se deram nestes dois cazos; pois no de S. Francisco era o intento livrar um homem da morte, que outro lhe procurava: no de Santa Izabel, evitar um desgosto com seu espozó. E é certo que nenhuma circumstancia semelhante se dava no Peregrino quando mentio a Confucio, pois nem temia morte, nem desgosto; e foi sómente movido de natural inclinação, que ( com licença dos ouvidos pios ) erdou do senhor Pina. Vai a prova do que digo.

Mentio o senhor Pina quando afirmou no seu poema que Deos escreveu em bronze a lei, que deo por Moisés aos Israelitas; constando claramente de dois lugares da Escritura que a escreveu em pedra: o primeiro no cap. 24 do Exodo: *Dixit Dominus ad Moysen: Ascende ad me in montem, et esto ibi; daboque tibi tabulas lapideas, et legem ac mandata, quæ scripsi*: o segundo no cap. 34 do mesmo livro: *Præcide, ait, tibi duas tabulas lapideas instar priorum, et scribam super eas verba, quæ habuerunt tabulæ, quas fregisti*. Tomára ver agora se o senhor Pina, e o seu fiel Acates, com toda a caterva comitante de apaixonados junta, descobriam alguma teologia para coonestar esta mentira. O lugar do poema é este:

Confeso (o Peregrino continúa)  
 Os raios, com que a vossa lei gradúa  
 Toda a sua excellencia: reconheço  
 Ser um desenho de tam alto preso,  
 Que o mesmo Deos o ordena, e escreve em  
 bronze:  
 Sei que se comoveo dos orbés onze  
 A maquina celeste, quando sentei o  
 Que o dava ao Povo a mam Omnipotente.  
 (pag. 242.)

Tanto poudes com o senhor Poeta a forsa de um  
 consoante, que o obrigon a mentir em materia  
 de Fé. A isto é que deviam responder estes se-  
 nhores nas suas apologias; e deixarem de pe-  
 gar em tranfinhas; nem aproveitarse do verli-  
 nho de Marcial: *Hæc mala sunt; sed tu non me-  
 liora facis*. Por isto eu o nam falo, e outros mui-  
 tos; porque conhecemos que o nam fariamos  
 melhor: e como isto nam é coiza a que ninguem  
 seja obrigado, só no proprio conhecimento po-  
 de darse final de intelligencia. Tambem este é  
 ponto, em que espero reposta; e se nam a de-  
 rem, no cazo que escrevã, nam me criminem  
 de aspera a reconvensã.

Parece que, depois de apanhar o senhor  
 Pina em uma falsidade semelhante, nam se de-  
 via falar mais nesta materia: mas como tambem  
 se podê mentir contra a ciencia, e contra a ra-  
 zãm, tocarei outros descuidos desta especie.  
 Nam falarei daqueles, em que se conhece que  
 só foi cumplice a falta de exprefãm, como v. g.  
 quando escreveo que as doze portas da cidade san-

ta, q̄vio o Evangelista, eram feitas de uma perola:

Todas as doze portas, que abre o muro;

Se formam de uma perola:

Ao mesmo tempo que o texto se explica tanto, que diz que nas doze portas estavam doze perolas; e que cada uma das portas era de uma perola: *Et duodecim portæ margaritæ duodecim sunt per singulas; et singulæ portæ erant ex singulis margaritis.* Falarei sómente daqueles, em que se conhece que o senhor Pina exprimio o seu conceito inteiramente; como quando chamou

*regiã vazia* a do ar, que todos sabem que é corpo, que nam consente vacuo, e muito menos na sua regiã; e isto é mentir contra a Fizica:

Outra cidade q̄ parece assalta ( pag. 240. )

Com soberbos torrioens a regiã vazia.

Outro crime imputa tambem a este elemento, dizendo que é um dos omicidas, que ha fora do corpo umano, assim como sam o fogo, a agua, o ferro, *et c.*

O ente, que se extingue; ou dentro, ou fóra

De si mesmo, tem forsa, que o devora:

Fóra de si o omem tem o incendio,

O ferro, a agua, o ar; *et c.* ( pag. 176 )

O fogo sei eu que o pode reduzir a cinzas: a agua impedirhe a respiraçam: o ferro oprimi-lo. Tudo isto vejo que pode tirarhe a vida, sem lhe entrar no corpo; mas que o ar fóra dele possa matar é para mim bem novo: e me parece tanto pelo contrario, que a falta dele pode matar; como confirma a experiência na maquina pneumatica; e escreve Mr. Boyer: (Effect.

de

de l' Air. pag. 264. ) *L'air est le principe de la vie, sans le quel aucun animal ne sauroit vivre un moment.* Em toda a obra, que o insigne medico Inglez Joam Arbuthnot escreveu sobre os efeitos do ar no corpo humano, se nam acha cazo, em que o ar fóra dele lhe possa ser nocivo. Nam fei que outro escreveu com mais extensam nesta materia: porém creio que nenhum Autor trará semelhante phenomeno, nem ainda em cazos de constipasam: e só per iperbole de melindre se costuma dizer de alguma pessoa que o ar lhe faz mal.

Tambem foi mentir contra a razám o dizer o senhor Pina que ( pag. 146 ) *a verdade só se pode encontrar na pluridade da atestasam.* Contra isto está tambem a experiencia: pois sam mais os que seguem as feitas heterodoxas, que os q̄ profesam a Fé verdadeira: e isto é totalmente oposto ao que se intenta provar; pois o Alcorám tem muitos mais sequazes que o Evangelho, achandose a verdade sómente entre os poucos. Toda a ruina dos Ebreos consistio em quererem seguir a pluridade: *Erimus nos quoque sicut omnes gentes.* Dizia Seneca: *Æstimes judicium, non numeres.* Excelentemente discorre neste ponto o doutissimo Feijó no seu Theatro Critico, tom. 1. Disc. 1., onde sempre asenta que *el valor de las opiniones se ha de computar por el peso, no por el numero de las almas.* E ultimamente sempre ouvi dizer: *Stultorum infinitus est numerus.* Este lugar ( segundo entendo ) é um dos que o senhor Pina devia riscar do seu poema.

Mentio

Mentio tambem algumas vezes sem querer, ja por nam se explicar bem, ja por admitir o que nam deve, como v. g. quando admitio instinto nos omens, que unicamente se supoem nos brutos : e ainda nestes está em opinioens; pois muitos doutos, e mais que todos o sapientissimo Feijó, asentam em que tal nam há, e que esta palavra é um espantalho das aulas; e que ninguem lhe sabe ainda a verdadeira significaçam. Quiz mostrar a liberdade, com que vivem os Ereges, e diz:

Costumados estais, sem algum pejo;

A seguir toda a ansia do dezejo:

E neste vaporozo Labyrinto

Nam ouve mais razam que o voso instinto.

(pag. 305.)

Poderá responderme que uzou desta palavra para ostentar a cegueira, com que aqueles omens seguiam unicamente a sua vontade como brutos. Mas a esta repostta replico eu com um axioma filozofico bem universal, que ensina que o accidente nam muda especie: *atqui* o destino de seguir esta, ou aquela feita, é accidente: porque assim como eu nasci entre Christaõs, podia nascer entre Infeis: *ergo* o serem Ereges nam lhes faz perder a racionalidade, e ficar sómente com instinto.

Agora por despedida quero dizer alguma coiza em um ponto, com que o senhor Apologista acaba a sua 5. Carta; que, ainda que o tratei largamente no 2. Discurso, rezervei duas palavrinhas para este lugar, dirigidas ao senhor

Velho,

Velho, com quem entam nam falei. Diz pois sua mercê, que ( pag. 142. ) *Dado o caso, que nam faláse o Genio, sempre tem lugar na scena deste Triunfo, porque serve de testemunha ao famoso intento do Peregrino.* Neste caso pergunto eu: De que servem as testemunhas, que de propozito vam assistir a qualquer acto? Todos me diram que de depor a seu tempo o que viram. Bem está. Digame agora quando fez o Genio este depoimento; que logo eu confesarei que, ao menos, teve esse prestimo. E baste por agora, porque me ade ter ainda percizo falar nisto no Discurso 6; e me está chamando a outra crize o que o senhor Lisbonense continua dizendo que ( *ibi* ) *a necessidade das testemunhas até tem lugar na sabedoria. Que importa que eu saiba, se ninguem sabe que eu sei? Daqui vem aquele vulgar aforismo: Scire tuum nihil est, nisi te scire hoc sciat alter.* Eu supponho que este foi o fim, com que sua mercê escreveo, só para nos mostrar o muito que sabe. E nestes termos eide calarme? Senhor D. Joaquim, aquele, a que vosa mercê chama *vulgar aforismo*, é um verso das fatiras de Persio, em q̄ ele faz zombaria dos que querem ostentar ciencia; e lhes diz por ludibrio o que vosa mercê avalia por conselho. Isto é entendê-lo! Ora oiça o lugar, que é da 1. fatira:

*Quo didicisse, nisi hoc fermentum, et quæ se-*  
*-o. . . mel intus . . .*

*Innata est, rupto jecore, exierit caprificus?*

*En pallon, seniumque: o mores usque adæne*

*Scire tuum nihil est, nisi te scire hoc sciat alter?*

Se assim entende todos os lugares de Persio, bem pode fazer dele um comento, que pela novidade ade ter muito gasto. Este texto bem se pode ajuntar com o de Lucrecio que traz na 1. carta: pois lá entende como preceito o que é desculpa; e aqui julga por conselho o que é irrizam. Nam quiz Lucrecio seguir em profecia o sistema do senhor Pina, que nam podendo fazer o seu poema totalmente conforme ás leis da Epopeia, escreveu um prologomeno em que estabeleceo as leis conformes inteiramente ao seu poema; seguindo neste particular a maxima de Calvino, e Lutero, que, nam podendo sujeitar os seus costumes ás leis verdadeiras da Religiam Orthodoxa, fizeram outras leis reguladas pelos seus costumes, deixandoas como norma a seus miseraveis sectarios, como se vê no mesmo poema:

Todo o empenho da sua diligencia

Foi fazerem nos fardidos volumes

Huma fé semelhante aos seus costumes

(pag. 313.)

Acaba enfim o senhor Lisbonense a sua 5. carta pondo um exemplo das retractaçoens de S. Agostinho, e persuadindo com ele aos criticos que se desdigam de *preferir um Mentor gentio a um Anjo custodio*; e diz que isto é *reventar de Humanistas, e esquecerem-se de Christãos*. Eu tambem acabo aconselhandohe que se desdiga disto; porque as materias de Religiam devem tratarse com mais respeito; e nam se deve dar a mesma veneraçam ao Genio, que foi

Anjo sonhado, e creado pelo senhor Pina, como se fosse verdadeiro. Para o senhor Pina crear um Anjo, que mereça respeito, ainda Deos lhe nam deo poder. Bem deve saber o senhor Apologista que o omem é de esfera inferior ao Anjo; como cantou David: *Minuisti eum paullo minus ab Angelis.* Logo como pode o Creador ser inferior á creatura? Nam vê que é axioma indubitavel dos Filozofos que nenhuma cauza pode produzir effeito mais nobre que ella mesma; pois a razám ensina que ninguem pode dar o que nam possui? Logo como quer que uma pouca de terra, como é o senhor Pina, possa crear um espirito puro como pertendem que seja o Genio? E se nam pertendem isto, para que diz que os Criticos se esquecem de Christãos quando preferem Mentor ao Genio, a quem sem vergonha das gentes chama atrevidamente *Anjo custodio?* Devalhe isto alguma reflexam; e asente em que esperamos do seu juizo, e docilidade que torne para si o conselho, que dá aos Transtaganos, e publicamente se retrate da injusta adorasm, que dá, e quer que demos ao Anjo fabuloso do senhor Pina, que para ser idolo de Pagodé só lhe faltava até agora o ter seu Sacerdote, para cujo ministerio se lhe veio voluntariamente oferecer o senhor D. Joaquim, querendo ser Capelam de Anjos fantasticos; e persuadindo ja as gentes a que o adorem. Isto nam é bom; senhor D. Joaquim Velho do Cantó. Veja que, destruido o idolo, não ficará ilezo o Sacerdote. Retrate-se do que disse; que lhe fica

fica melhor ; pois S. Agostinho se nam envergonhou diso , e modernamente o sapientissimo Feijó fez o mesmo. Eu asim o espero: e no caso que siga o contrario , acautelese de algum descuido da pena; que nestas materias pode ter mais consequencias , que as de uma crize.

## DISCURSO VI.

**A**Ntes que principiemos a discorrer sobre o assunto da qualidade da fabula da Epopeia, de que trata a carta 6. do senhor D. Joaquim, devo estranharlhe o reparo, que faz na pag. 150, no principio da mesma carta, por terem os criticos louvado o senhor Pina em algumas coizas, e censurado em outras. Por certo que segue este Cavalheiro umas maximas bem estramboticas! Em outro lugar condenou a modestia do senhor Pina por demaziada: aqui condena o juizo dos Criticos por muito recto. Chegámos a tempo de ser delicto o dar as coizas a quem pertencem. Destroese a maxima Evangelica, que nos ensinou Christo: *Reddite quæ sunt Cæsaris Cæsari, et quæ sunt Dei Deo.* Acabase o equilibrio na balança da justiça; e deve pender sempre a lingua para a parte da censura, ou do louvor. Crimina-se o juizo remunerativo, dizendo (pag. 150) que *isto é o que faz a inteira incorruptivel equidade dos dois Censorinos Catoens: venha o minino á palmaria quando merecer o castigo; mas quando gánhar o trofeo, vá o rapaz para sua casa, carregado com o pezo da bandeirola.* Quer o senhor Lisbonense que, chegando a censurar, se diga mal de tudo; e, principiando a louvar, nada fique por engrandecer. Nam sei que mais efeitos possa produzir a cega paixam do odio, ou a do amor!

amor ! Quem cegamente ama , em tudo vê perfeito o objecto amado : quem cegamente aborrece , tudo acha odioso no objecto aborrecido. A simpatia , e a antipatia são os dois tyranos do mundo. Ao amante representam-se belezas as maiores deformidades : ao inimigo parecem vícios as maiores virtudes. Nisto nos mostra o senhor Apologista a maxima , que segue na sua crize contra os Transtaganos ; pois principiando a dizer mal das suas criticas , deve impugnar , com razam , ou sem ella , quanto nelas apparecer ; sob pena de incorrer ( a pezar do direito de legislador ) no crime de inconstancia de genio , ou hipocrizia de palavras , de que os acuzava dizendo ( pag. 150. ) que *ou foi muita inconstancia de animo , ou foi a lingua hipocrita do que dizia o corasam.*

O maior attributo de Deos , cujo conhecimento nos é preciso *necessitate medii* para a salvagam , é o ser Remunerador : *Credere enim oportet accedentem ad Deum quia est , et inquirentibus se remunerator sit* : nos diz o Apostolo ( Hebr. II ). Este attributo essencial da Divindade consiste em premiar as obras boas , e castigar as más. Sejame licito uzar agora deste exemplo , ja que nos é recomendada a imitação das Divinas açoens : *Estote ergo imitatores Dei* ( Ephes. c. 5 ). A maior semelhança , que Adam teve ao Altissimo , foi a-de conhecer o bem , e o mal ; como disse o mesmo Deos : *Ecce Adam factus est quasi unus ex nobis , sciens bonum , et malum* ( Genes. c. I. ) E se avaliar o bem , e o mal , segundo

gundo o merecimento, é açám, que faz que um homem seja como Deos: *Quasi unus ex nobis*: como crimina o senhor Presbitero Lisbonense que os Transtaganos louvem o bom, e dezestimem o mau? A açám, que Christo ade obrar quando vier ao mundo com toda a gloria de seu eterno Pai, ade ser a geral remunerasam de pena, ou premio, conforme aos merecimentos de cada um: *Et tunc reddet unicuique secundum opera ejus* (Matth. 16). E porque razám nam seguiremos nos nosos juizos os procedimentos daquelle Divino Mestre, se temos obrigaçam de o imitar? Dirá a isto o senhor Apologista que ninguem nos constituiu juizes. Eu digo que nesta materia nos deo S. Paulo liberdade: *Vos ipsi judicate*. Deo-nos depois exemplo: *Laudo autem vos fratres, quod præcepta mea tenetis . . . Non laudans quod non in melius* (Cor. c. 11). E finalmente reflectindo no que era digno de louvor, ou de repreensam, repartio conforme o merecimento: *Laudo vos? In hoc non laudo*. No mesmo capitulo nos persuade a que o imitemos: *Imitatores mei estote, sicut et ego Christi*. Julgue pois o senhor Velho a quem devemos seguir; se a sua mercê em medir tudo pela mesma medida; ou a S. Paulo em louvar, ou nam louvar, conforme o merecimento. Nam o reputo tam soberbo que se avalie em mais que o Apostolo: mas ainda que iso fose, eu nam quero que em mim asente o texto de Izaías: *Væ qui dicitis malum bonum, et bonum malum* (cap. 50): Ai dos que chamais bem ao mal, e mal ao bem!

Asen-

Alentando pois em dizer o que entendo, quero por um pouco unirme á opiniam do senhor Pina a respeito da fabula da Epopeia ( ainda que podia seguir o contrario, visto ter muitas autoridades para iso ) sem que esta uniám me impossibilite para depois impugnar o que nam me parecer acertado. Isto digo, nam concordando em que a fabula deva ser fingida, mas sim em que nam seja defeito substancial o nam ser fundada em facto istorico: ainda que assim o disse o Eborense, fundado no exemplo dos maiores Epicos, além da opiniam de muitos doutos, que o podia livrar de ser esta sua propositam repreensivel. Digo com o senhor Pina que ninguem lhe deve censurar por defeito capital a eleisam, que fez da fabula fingida: mas nam concordo com ele em que esta seja a opiniam mais acertada: posto que nam a condeno, visto que nesta materia na ha preceito infalivel, e só uma opiniam fundada em probabilidade. Estribamse os sectarios da fabula fingida em que, devendo a açám do poema Epico ser illustre, exemplar, e admiravel, nam podem todas estas qualidades unir-se em um sucefo verdadeiro, sendo precisa a concurrencia da ficam para aperfeioar os factos istoricos. Esta razám, além de ser frivola, tem outras muitas em contrario. Dizem que a açám ade ser illustre, admiravel, e digna de imitasm. Eu digo o mefmo: mas pergunto: ou esa açám illustre é possível aos omens, ou nam? se é possível, pode achar-se nos sucesos verdadeiros: e se é impossível,

vel, nam é digna de imitafam; porque ninguem deve intentar impossiveis. Mais. A fabula deve fer verosimil; e nam sei que possa ter este predicado um sucefo, que nam pode acontecer: logo, se é naturalmente possível, que difficulda-de ha para que nam tenha acontecido, visto que nos diz Salomam que nenhuma coiza se pode chamar nova, que nam tenha acontecido nos seculos antigos: *Nihil sub sole novum: nec valet quisquam dicere: Ecce hoc recens est: jam enim precessit in sæculis, quæ fuerunt ante nos.* (Eccl. c. 1). Mais. Os predicados, que se requerem na fabula Epica, só se podem encontrar em factos verdadeiros; porque só estes, sendo eroicos, sam admiraveis; pois os fabulozos a ninguem cauzam admirafam. Depois de se saber que o Eroe de um poema nam existio no mundo, e que é mentira o que dele se escreve, ninguem se admira de que matáse v. g. dois mil omens, quando o matar vinte mil lhe nam custava ao Poeta mais que uma cifra. Por ventura admirouse algum leitor da mortandade que fez o Peregrino no exercito dos Libertinos? Sabendo que aquella açám é fabuloza, e nam verdadeira, ninguem a reputa admiravel. Núnca Saul invejaria a gloria de David, se reconhecêse fabulozo o triunfo, e as aclamaçoens das filhas de Siám: *Percussit Saul mille. David decem millia.* (1. Reg. c. 18).

Deve a açám do Poema fer exemplar, e de tal qualidade; que mova os animos a imitafam. Esta é a principal esenfia da fabula; por  
fer

ser o unico prestimo , que se pode attribuir á introduçam de um fingimento; e, de outra forte, deviam ser os Poetas degradados por embusteiros, escrevendo sem outro fim que enganarem os leitores. E se nam, digam-me que utilidade se pode seguir ao publico de um embuste? Pergunto agora: Qual moverá mais os animos á imitafam, uma açám, que se sabe ter acontecido, ou outra, que se conhese por fingida? Responda por mim a maxima dos Sabinos, e a industria dos Romanos, que, para incitarem ao valor os seus soldados, traziam nas bandeiras o final rememorativo das suas victorias, e dos progresos de seus antecessores. De Cassio contam as istorias que quando entrava nas batalhas trazia no dedo um anel com a representafam de uma das peleijas, em que ficára vencedor: na batalha contra Caio Cezar cahiolhe do dedó; e de forte perdeo o animo, que pedio a Pindaro, seu pagem, lhe tiráse a vida. Só por imitar ao grande Alexandre conquistou segunda vez todo o Oriente, desde os muros da China até os bosques da Moscovia, o valorozo Quinguí Rei da Tartaria. Pór isto digo que, se o fim da Epopeia é persuadir á imitafam, melhor se conseguirá com um exemplo verdadeiro, do que com um successo fingido.

Diram que, prégando Christo Senhor noso, nam explicava a sua doutrina com factos istoricos, mas com parabolafam supostas. A isto respondo que as parabolafam, ainda que supostas, eram tam verdadeiras, que todos os dias estam

acontecendo. A do rico avarento como se vê executada continuadamente! A do outro rico descuidado com que excessão se pratica! E finalmente todas as mais parabolâs do Evangelho nam acontesem milhares de vezes a cada hora? Logo nam podem reputarse cazos fingidos os que eram successos verdadeiros.

Deve tambem a açâm ser perfeita. Esa perfeisam se acha melhor na natureza, que na arte. Nam pôde aver açâm illustre, que nam seja perfeita em si; pois, nam o sendo, nam deve chamar-se eroica. Dirâm que nunca esta virá acompanhada daquellas qualidades verdadeiras, com que se deve ornar o poema para agradar aos leitores. Nestes termos me parece que tem o seu lugar o preceito de Aristoteles; porque assim poderá a arte ajudar a natureza: *Perspicuum autem ex dictis, et quod non ea, quæ facta sunt, dicere; hoc Poetæ opus est; sed qualia utique fieri debuerunt; et ea, quæ effici possunt, secundum verosimile, et necessarium.* Deve-se entender o texto a respeito dos episodios, com que se adorna a fabula: ainda que o senhor Pina diz que *nam lbe darâm bastante razam para que só se entenda naqueles, e nam nesta.* Vejamos se eu a acho. Só se deve admitir a fílam quando ouver necessidade: *atqui* nam é preciso fingir a açâm: *ergo* só nos episodios se podem admitir os fingimentos. Provo agora o silogitmo. Todo o fingimento, ainda que seja verosimil, nam deixa de ser falso; e a mentira sem necessidade deve evitar-se: *ergo* et c. Tam-  
bem

bem é superfluo fingir a açám, quando no mundo se tem obrado as mais heroicas, que se podem tomar por assunto. Mais. Ou a açám ade ser verosimil, ou nam? Se nam é verosimil, falthalhe uma das circumstancias mais essenciaes, e recomendas por Aristoteles; e nam pode ser admiravel, nem digna de imitaçam: se é verosimil, ade ter exemplar verdadeiro, a quem seja semelhante; pois, nam sendo parecida a alguma açám ja executada, nam é verosimil; pois o que está ainda contingente, e futuro nas açoens dos omens, nam é verdadeiro; mas incerto, e duvidozo. Este privilegio só tem as coizas Divinas, que sam verdadeiras antes de acontecer, por estarem *ab eterno* presentes á mente do Altissimo.

Julgo que esta razám é sufficiente: e no caso de o nam ser para o senhor Pina ( que isto pouco importa ) vai a experiencia que está contra ele. Pergunto, senhor Poeta: ou a fabula deve ser fingida, ou verdadeira? Se verdadeira, acabouse a questam, porque isto é o que eu digo, e vosa mercê nam segue: se fingida, errou em escolher para assunto do seu Poema uma açám, q é a mais verdadeira que pode aver no mundo, qual é o Triunfo, que a Religiam Critiãa consegue sobre todas as outras falsas Religioens. Desta segunda parte do meu dilema nasce outra questam, que é de ser, ou nam ser o *Triunfo* a açám do Poema. E vai segundo dilema: Ou é, ou nam é? Se nam é, estamos no que disse o Eborense que o *triunfo nam é açám, mas só o premio dela;*

e que as victorias são as que podem ter o nome de açoens : e ahí temos o Poema do senhor Pina com oito, ou nove açoens, e lá vai a unidade tam recomendada, e indispensavel no conceito dos Mestres: e além deste erro ( que é o maior que ha na Epopeia ) tem o de nam ter acertado no titulo do Poema. E se o triunfo é açám, estamos no que eu digo, que errou em a escolher por assunto, visto que na sua opiniam só é propria a fingida, e nam a verdadeira.

Venham agora os exemplares dos maiores Epicos, referidos pelo senhor Pina no § 22 do seu Prolegomeno, onde diz que „ A *fabula* das „ quatro principais *Epopeias* se reputa por ver- „ dadeira, e nam fingida; porque está na opi- „ niam de suceſo iſtorico a expugnafam de „ Troia; e a redução, que Ulises fez deſta ci- „ dade para Ithaca; se bem que a caſtidade, e „ os amantes de Penelope tem ſuas duvidas; „ e nenhuma a conquista de Jeruzalém por Go- „ dofredo de Bulhoens; nem o descobrimento „ da India por Vasco da Gama „. Disto mes- mo se desdiz depois o senhor Pina na pag. 22. da ſua apologia, dizendo que é verdade ter dito que *a fabula das quatro principaes Epopeias se reputa por verdadeira: mas que uma coiza é reputar, outra ser.* Pertende aqui negar o que além diſe: e tanto, que affirmou que o exemplo deſtas quatro Epopeias podia deſzatar a queſtam, ſe a fabula deve aſentar na verdade, ou no fingimento; depois de ter dito que *nenhuma duvida tinha a conquista de Jeruzalém, nem o descobrimen-*

to da India, que sam duas daquelas quatro principaes Epopeias, de que agora diz que *uma coiza é reputar, outra ser.* Aqui torno eu a dizer que na reposta aos Transfaganos ouve muita malicia, e pouca ciencia. E se nisto ha ainda recurso, eu espero que o mostre ou o senhor Pina, ou o senhor D. Joaquim; de outro modo, julgarei que nam puderam fugir.

Finalmente digo que de pouco importa tambem para um poeta Cristam que deixe de observar algum preceito, que nam for muito coerente aos bons costumes da Cristandade, que encontram a alguns, que nam se reputavam maos entre o Gentilismo. Dos mestres deste tempo sabemos que fundavam nas fabulas todas as suas moralidades, como explica Moya, mostrando o sentido moral de cada uma; e ainda muitas destas, ou quazi todas eram fundadas em factos istoricos. Nas de Ezopo, e Fedro (que sam as mesmas em substancia) resplandece bem a moralidade, porporcionada á instrução dos omens mais do que ao divertimento dos leitores: fim, que tinham tanto diante dos olhos os antigos Escriitores, que ainda as suas satiras eram dirigidas a reformar os costumes; como muito especialmente se vê nas de Persio, e Juvenal. Os Gentios obravam conforme o seu costume: nós devemos escrever á proporsam dos nosos asuntos, quando sam mais serios, e mais sagrados. Tanto se deve atender a isto, que bom seria que o senhor Pina dispensáse na parte eroica do Poema do *Triunfo*, por nam introdu-

introduzir uns amores profanos, e pouco exemplares á Cristandade dos leitores, em um livro, cujo assunto é tam sagrado. Para os antigos era indispensavel este adorno; porque tinham niso um deleite, entre elles licito: entre nós, que nam somos, ou nam devemos ser como eles, nam pode ter lugar. E emfim, se a necessidade dos Epizodios é para encher, e ornar a extensam do Poema, nam faltam outras imagens, com que onestamente se possa recrear a curiozidade dos leitores; e ainda estas sem o socorro do fingimento, que eu evitaria sempre, achando mais deleitavel a liçam de um suceſo verdadeiro, por nam ser daqueles de que fala S. Paulo, que deixam de ouvir a verdade, por se agradarem mais da fabula: *Et a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur* (Tit. c. 4).

O ſenhor Apologista meteſe a falar niſto ſem entender coiza alguma; poſto que nos diga que tem lido ſobre eſta materia: e querendo defender ao ſenhor Pina, poem-ſe contra ele, dizendo que *a fabula do Triunfo da Religiam é uma verdade vulgariffima nas iſtorias*; para o que alega por exemplo a variaſam das Igrejas proteſtantes de Boſſuet; a iſtoria Cronologica dos Papas *et c.* O ſenhor Pina quer que a ſua fabula ſeja fingida; e diz no § 22 do ſeu Prolegomeno que *depois de varias reflexoens, ſe rezolveo a conſpirar com os votos da fabula fingida*. Aja agora quem decida a duvida, e diga qual dos dois tem razám. Ambos ſalam da fabula do

Poema do Triunfo da Religiam; e um diz que é fingida; outro que é uma verdade vulgarissima nas historias. O objecto é o mesmo: os pareceres totalmente opostos: logo algum deles ade ser falso. Eu nam me meto em decidir, para que o senhor D. Joaquim me nam chame ( como aos criticos ) *Juiz da balansa*. Digolhe só que dezempenha bem o officio de *Defensor*, visto que trabalha por provar o contrario do que intenta o defendido. Feliz afillhado, que tem tam bom padrinho!

Profegue logo fazendo um grande elogio ao Poema; e diz com grande pasmo: „ Ora „ aquele Peregrino, aquele Genio, aquelas jor- „ nadas, aqueles encontros, em uma palavra, „ aquele todo está tam dentro dos limites da „ verosimilhança, que a fiçam parece que se „ desmente de fiçam, e se converte em reali- „ dade „. Eu confeso que, se nam fizera tam bom conceito da sua sinceridade, avia julgar que estava metendo a bulha o poeta: porém, como fala serio, vamos por partes. Vejamos primeiro a verosimilhança *daquele Peregrino* desde o seu nascimento. Nasce: e apenas principia a dar as primeiras respiraçoens, quando vem uma loba, e o rouba com a maior avareza, estando ainda aos pés de sua mãe, levando para a sua cova, onde o cria depois com o seu leite. De Romulo, e Remo fingiram os Romanos serem criados por uma loba. Isto foi mentira: e aqueles, que a querem coonestar, dizem que os achára no campo um pastor, chamado Faustulo, e que

os dera a sua mulher, que tinha o nome de *Lupa*, ou Loba, para que os criasse. Valha a verdade: mas eu nam creio que sem milagre criasse uma fera indomita uns mininos entre os seus cachorros. Para acreditar que se deo, nam consta a necessidade dele. Logo se só por milagre podia acontecer isto, nam deve chamar-se este successo naturalmente verosimil: e muito menos com a circumstancia de vir de propozito a loba roubar a crianca; o que nam coube nem ainda na ideia dos Gentios para o prodigio de Romulo, que foi casualmente achado pela fera, e nam espontaneamente procurado, e roubado ( como o Peregrino ) a sua mesma mãe.

Cresce este: e mais bruto, que a mesma loba, vive dentro na cova até á *idade mais florente*. Via sair para fóra a fera, e os cachorros; e nam lhe dizia o corasam que sahise tambem; mas que estivese metido no estojo tantos anos; até que quando se resolveo a sair era ja omem, e nam coube pela porta *da funesta alcoba*. Isto será verosimil; mas nam o parece. Sae emfim, por um *prodigio*, com que milagrosamente tremeo a terra, e se desfez a gruta. Isto podia acontecer naturalmente; e ficava assim mais verosimil, do que acontecendo por modo sobrenatural: pois para o que pode acontecer sem o socorro dos milagres, é escuzado inquietar prodigios, quando ainda Deos os nam obra sem necessidade. E ja que o senhor Pina turtou esta ideia de Lourenso Gracian, podia imitala em tudo, e nam á desfigurar; que niso consiste a abili-

abilidade. Principia logo o Peregrino a aprender artes, e ciencias; a cujo estudo eu o deixo agora entregue; porque, sendo *Ars longa, vita brevis*, teremos tempo de lhe averiguar a vida, em quanto ele se applica á disciplina. Venha pois o segundo pasmo do senhor D. Joaquim.

*Aquele Genio!* Aparece a primeira vez ao Peregrino; dizlhe quem é; oferece-se para lhe assistir, e o acompanhar: e prometelhe que sempre terá nele um bom amigo. Poem-se ambos a caminho, chegam ao bosque dos Hottentots; e logo na primeira admoestação, que faz, é de zobedecido; como ja notei com mais extenção no Discurso 2. Aqui vai o primeiro defeito. Com muitos cuidados indagou o Peregrino ao principio, e antes de fazerem a primeira jornada, se o Genio era bom, ou mau; e depois de exacta averiguação, asentou firmemente que era bom. Logo com que razão um homem de virtudes zobedeceu aos conselhos expressos do seu Anjo custodio? Isto é ação imitavel? Obrar contra os influxos do Genio pode ser virtude, sómente quando ele é mau: mas nam o seguir quando é bom, é grande erro. Promete Deos ao seu povo um Anjo custodio, e dizlhe: *Eu mandarei o meu Anjo que vá diante de ti, e te guarde no caminho, e te introduza no lugar, que te tenho aparelhado. Obedece-lhe, e ouve a sua voz; e nam fasas pouco cazo do que ele te disser... Se a ouvires, e fizeres tudo o que te digo, serei inimigo dos teus inimigos, e castigarei aqueles, que te maltratarem. Irá diante de ti o meu Anjo, e te intro-*

duzirá nos paizes Amorreos, Eteos, Ferezeos, Eveos, e Jebuzeos, os quaes todos eu destruirei (Exod. 23). Nam fei que lugar mais oportuno se possa dezejar para norma do Genio, e do Peregrino. Se o senhor Pina o imitáse, poderia conseguirlhe a verosimilhança, ja que lhe não é possível a realidade. Para que o povo entráse a destruir os Amorreos, Ferezeos, Cananeos, et c. lhe punha Deos a condiçam de atender, e obedecer á voz do seu Anjo. Para o Peregrino entrar nas povoaçoens dos Ateos, Libertinos, Ebreos, et c. visto ter um Anjo, que o governava ( prescindamos de ser fabuloso ) devia obedecerlhe. Fazer o contrario é açám indigna de ser imitada, e só acreedora de castigo. Em todo o livro primeiro nam diz o Genio mais palavra alguma: e com razám se amou, vendo que nam fazia fruto com o seu conselho.

No segundo torna a fazer sua figura: e ahi teve medo de uns roncós, que ouvio ao longe; e sem saber o que era, persuadio ao Peregrino a fuga. Ora acha o senhor D. Joaquim que isto é açám digna de louvor, e imitafam? Dirá que tambem ás vezes o fugir é prudencia; e que esta virtude deve ter o Eroe. Eu tambem assim digo que deve ser prudente: mas tambem fei que fugir, sem saber de que, só é açám de um omem criminozo: como nos ensinou Salomam: *Fugit impius, nemine persequente* ( Prov. 28 ). Se sua mercê entende que é louvavel, empregue ahi a sua retorica: e se é digna de imitafam, fasa o mesmo; que deixará nome á posteridade.

ridade. Semelhante açám só podia ser verosimil em um omem fraco como o Peregrino, e nam em um Anjo como querem que seja o Genio. Estando Tobias lavandose á margem de um rio, sahio um grande peixe para o devorar: temeo aquele Peregrino a morte; e gritou para que lhe acodise o seu Anjo: dizlhe este que nam fuja; mas que vá direito ao peixe, e o tire para fóra: ele lhe obedece, e sem repugnancia executa o preceito: *Apprehende brachium ejus, et trabe eum ad te. Quod cum fecisset, attraxit eum in siccum, et palpitare cœpit ante pedes ejus.* Que bem se parece uma com outra açám! Mas isto natce da qualidade do Genio. Se o do Poema fose verdadeiro Anjo como era o de Tobias, ele lhe infundiria animo para que nam fugise, ainda vendo o perigo: mas como o nam era, logo lhe persuade a fuga, antes de ver de que. E pode ser isto verosimil? Nada mais obra, ou diz o Genio no segundo livro.

No 3. torna a fazer o seu papel, e por final que foi papel de tolo; porque necesitou de que o Peregrino lhe ensináse o mesmo que ele via; como notei no Discurso 2. Recebeo o senhor Genio o documento, e nam articulou palavra antes, nem depois. E acha o senhor D. Joaquim que isto é proprio de um Anjo custodio? Em vez de ensinar, necessita de ser ensinado. Isto é verosimil? Assim é que tem verosimilhança; mas só em Anjos desta qualidade. Principia Zacarias a ter as suas vizoens profeticas; e apparecelhe logo um Anjo. Perguntalhe

o profeta que era aquilo, que estava vendo: e ele se lhe oferece para lhe explicar tudo. *Et dixi: Quid sunt isti, Domine mi? Et dixit ad me Angelus, qui loquebatur in me: Ego ostendam tibi quid sint hæc.* Continuáram as vizoens; e sempre que o profeta recorria á explicafam do Anjo, o achava pronto. Isto é o que fazem os Anjos verdadeiros; mas obram assim, porque sabem: e mal o podia fazer o Genio, que era um ignorante. Nam se fala mais em Genio neste livro 3.; e assim no 4., e 5. Lá andou o Peregrino por onde quiz; foi á guerra; matou; fez as pazes; convenceo tres feitas; e o Anginho sem aparecer.

No 6. livro se diz que *novamente se entregou o Eroe ao globo do mundo acompanhado do seu Genio.* Pouco tempo lhe durou a sociedade; porque nam se falta mais que um verso para chegar a ver uma boca do Inferno, que se abriu junto a um lugar, em que tinha adormecido, e onde o deixou o Genio entregue ao sono, e aos demonios, que estavam ajustando-se para o arruinarem; dezaparecendo por muitos tempos, como claramente diz o Poema que *se ausentou.* Andou o Peregrino por alguns dias perdido: entrou na Persia, no Indostan, na Tartaria: pasou á Siria: até que foi achar o seu amigo Anginho nos lugares Santos, onde lhe fez sua caramunha; e ele se lhe tornou a oferecer para *Auxiliador.* Ora julga o senhor D. Joaquim que fez bem a sua obrigafam o tal Custodio? Isto é verosimil? Se ele é Custodio, deve guardar sempre,

pre, e em toda a parte. Assim o disse o profeta Rei: *Angelis suis mandavit de te, ut custodiant te in omnibus viis tuis* (Ps. 90). Apareça outra vez o nosso exemplar, que para o nosso intento é singularíssimo. Chega a ocasião mais perigosa de Tobias perecer á violencia do demonio na noite do despozorio, como tinha acontecido aos outros sete maridos, que antes dele intentaram a consumação do matrimonio de Sara: entam S. Rafael prende o demonio em uma terra dezerta no Egipto, para livrar assim a vida do seu Peregrino: *Tunc Raphael Angelus apprehendit dæmonium, et religavit illum in deserto superioris Ægypti* (Tob. 8.). Que bem se parece esta com aquella açám! Grande Genio, senhor D. Joaquim! Grandes ofertas de focorros! Porém na ocasião mais apertada logo mostra ser coiza do senhor Pina, que na descrepção, que faz da alma espiritual, e seus predicados, conforme as diferentes partes, que ánima, lhe dá a qualidade de *agil* sómente nos pés:

Agil nos pés; nas vozes eloquente;

Livre no coração; no peito, ardente.

(pag. 151).

Nada mais disse, ou fez o Genio no 6. livro: passou em claro o 7., e 8., e só no 9. se transformou de homem em Anjo de procição; porque fez esta figura na do Triunfo: nascêram-lhe azas como ás lagartas; e diz o Poema que, *batendo uma, e outra*, se foi sem dizer *a Deos*, talvez por não deixar saudades. Não fez assim o Anjo S. Rafael: manifestou a verdade (até en-

tam

tam oculta) de ser Anjo, e nam omem: dise que Deos o tinha mandado para livrar do demonio a Sara: que era Rafael, um dos sete Anjos, que assistem diante do Altissimo (Thob. 12), que era tempo de tornar para onde tinha vindo: e despedindose, dezappareceo, deixando todos prostrados por espaço de tres oras; *Cumque hæc audissent, turbati sunt, et trementes ceciderunt super terram* et c. Nam foi o Genio assim; porque, depois de ter estado sempre em silencio na ultima funsam do Triunfo, em que dizem que ele foi testemunha, nam se converteo em espirito, mas sempre ficou material, pois necessitou de *bater as azas* para subir ao espaço imaginario, e foise como um pasarinho. Isto é verosimil, senhor D. Joaquim? Isto é admiravel? E tam pouca admirasam cauzou a presenca de um Anjo, que ainda quando vizivelmente se mostra gloriozo, ninguem faz cazo dele! Isto é posivel? Mas vamos a diante.

*Aquelas jornadas!* Este é o terceiro objecto da admirasam do senhor Apologista: e para mim um dos motivos principais de rizo. Aquelas jornadas em tudo se parecem com as jornadas de comedia, que em um instante transportam uma figura a mais distansia de trezentas legoas sem mais trabalho que embarcar em uma scena, e desembarcar em outra. Eu nam sei que verosimilhanza aja em que um omem ja *no meio do caminho da sua vida*, principiando a peregrinar, caminháse apé todo o mundo, sem lhe escapar cidade, vila, ou reino, como se lê no liv.

9., consumindo em cada povoasam algum tempo em averiguar, e confutar os ritos, e feitas de todas as naçoens Infieis: e nam contente em entrar nos povos, penetráse tambem os mais inacesiveis bosques, como o dos Hottentots, para converter os Ateistas; o dezerto, em que achou Confucio na Azia; a caverna de Mahumed, que estava guardada de mais monstros que a porta do Inferno; a gruta do Rabino *et c*. Estas jornadas feitas apé por um omem de idade crescida, é crível que fosse concluidas em tempo de ter o pai vivo, sendo principiadas no meio do caminho da vida, e depois de ter estudado todas as ciencias, e artes? Isto é verosimil?

*Aqueles encontros!* Esta é a 4. admirasam. Por querer ser concizo, nam falo em muitos, que me ofereciam materia, como o de Mahumed, que para se chegarem a falar foi preciso dispensa do Gram-Turco. Escolherei sómente para exemplo o cazo dos medos. Encontrouse o Peregrino com uma caterva de monstros, os mais orrozozos, que poude descrever a eloquensia do senhor Pina; e meteo logo mam á espada, que lhe servia de bordám (que, como tinha o officio de Apostolo das gentes, devia ter tambem no montante a insignia de S. Paulo). Suponho que o alto genitor do Peregrino descendia de *Guilherme da longa espada*, e lhe vinha esta folha na de partilhas por eransa. Com a colera perdeo logo o noso Eroe as estribeiras; e por nam faltar á regras de Cavalaria, apé se despi-

despicou á espada, porque era cazo d'isso: ferio, e matou; e enfim nada lhe poude rezistir, sem pagar com a vida o atrevimento. Outro tanto nam fez Hercules, a quem os antigos aclamáram nume do valor, e foras: quiz com a espada matar a hydra; e como esta a cada golpe multiplicava as cabefas, conheceo ele que nam avencia por forsa, e valeo-se de industria: tomou o arco; e despedindo a seta, na felicidade do tiro conseguiu a victoria da empreza. Nada d'isto foi precizo ao noso Peregrino; porque quando os monstros vinham a devoralo, metia-se debaixo deles, e com o montante lhe dava o primeiro, e ultimo golpe, com que ficavam estendidos. E entam senhor D. Joaquim será isto verosimil?

Acabados estes pasmatorios, continúa o senhor Velho a sua carta; e para engrandecer mais a felicidade do senhor Pina em seus escritos, assim de proza, como de verso, poem em odio a Oratoria com a Poezia, attribuindolhe qualidades mutuamente excluzivas. Que bem concorda isto com o que diz Teofrasto, que a liçam dos poetas dá grande utilidade aos oradores! Quintiliano afirma que muitos seguem esta opiniam, e ele nam menos a aprova: *Plurimum dicit Oratori conferre Theophrastus lectionem poetarum: multique ejus judicium sequuntur: neque immerito* (Inst. Orat. lib. x. c. 1). Cicero, mestre dos Oradores, recomenda muito este estudo: ainda que a ele lho nega o senhor Apologista, dizendo que só fez um, ou dois versos.

Bem

Bem mostra ter lido pouco nos AA., de que fala. Em Quintiliano Dialog. de Orat. n. xxi, podia ter visto que, falando de outros Escritores famosos, diz que nam fizeram melhores versos que Cicero: *Fecerunt enim carmina non melius, quam Cicero.* Isto lhe bastava para saber que tinha feito mais de um, ou dois versos; quando nam fosse tam vulgar a noticia do seu Poema da Tradução de Arato, que ele fez na sua mocidade, como refere Walchio; *Adolescens Cicero vertit ex Græco Aratea.* No seu Faciolati verbo *Arateus* pode sua mercê ver que obra é esta, visto nam lhe ter chegado á mam, nam obstante nam ser muito rara: *Arati phenomena a Cicerone in Latinum conversa carmine heroico.* Foi discipulo de Archias, poeta Grego: e os dois versos, que o senhor Lisbonense diz que só ha dele, supponho que sam uns, que se lhe notam pelo defeito de uma grande jactância, e louvor proprio; que por isto diz Quintiliano que *In carminibus utinam pepercisset, quæ non desierunt carpere maligni: Cedant arma togæ, concedat laurea linguæ, et c.* O fortunatam natam, me consule, Romam: *Quæ sibi ille sequutus quædam Græcorum exempla permiserat.*

Acaba finalmente o senhor Lisbonense a carta 6. com as suas costumadas chufas de historias de papagaios, em que é muito bem instruido, em contos de Abades da Beira, e mais arengas, que lhe contava a avó em pequeno, as quaes eu dou aqui por copiadas, e applicadas a sua mercê: e muito principalmente lhe lembro

a recomendalam, que faz de que o critico se acautele de toda a falsidade, ou impostura sobre a materia criticada; porque o leitor prudente, e advertido, vendo a mentira, reconhece a paixam, poem de parte o livro, e perde o conceito do Autor.

Agora acabo eu com as suas palavras, dizendolhe que á vista deste dictame prudentissimo meta a mam na consciencia, e veja nam só as imposturas, que escreve sobre a crize, mas ainda aquele falso testemunho tam evidente de que tratei no segundo Discurso: e daqui pode inferir o bom conceito que de sua mercê devem fazer os leitores, e a estimasam, que podem dar ao seu livro.

## DISCURSO VII.

**A** Caba o senhor D. Joaquim a carta antecedente horrorizando a falsidade em qualquer critico; e principia logo esta 7. levantando dois falsos testemunhos a dois Autores. Diz que *Asinius Gallus* escreveu contra Cicero uma invectiva satirica, a que deo o titulo de *Ciceromastix*; sendo que este Autor nam escreveu tal livro, de que o foi Largio Licinio; e o mais que fez foi antepor seu pai Asinio Poliam ao eloquente Cicero; como pode ver em Walchio cap. 9. § 8. *Asinius Gallus, cuius idem Seneca meminit, editis libris patrem Ciceroni præferre non dubitavit.* E no mesmo lugar: *Largii Licinii liber ferebatur infando titulo Ciceromastix.* Veja agora o senhor Lisbonense se lhe pareceria bem que outro qualquer mentise tam livremente?

Continúa dizendo que *Asinius Pollio* é de tam diverso dictame, que diz: *Ille se profecisse sciat, cui Cicero valde placebit:* citando por testemunha a Quintiliano. Dele sam estas palavras, com que acaba de explicar o conceito, que faz de Cicero no livro x. das Instit. Orat. cap. 1; nam de Asinio Poliam, que tal nam dise; antes foi inimigo declarado de Cicero, como refere Walchio cap. 9: § 15; onde diz que *Infestissimus fame Ciceronis fuit:* e em outro lugar do mesmo cap.: *Iniquus fuit in Ciceronem, ac Casarem:*

*rem* : e ultimamente no § 8. fala mais claro, dizendo que foi tal o seu odio contra Cicero, que nam poudesofrer que depois de morto lhe dese louvores Cornelio Severo : *Iniquo tulit animo Ciceronem jam occisum, laudatum esse a Cornelio Severo poeta.* Veja agora como se parece uma coiza com outra. Ora envergonhese, senhor D. Joaquim; e veja que o trucar de cacha só é bom para jogadores de taverna. Estes livros, que voza mercê alega, nam sam unicos na sua livraria: ha mais quem os tenha, e quem os leia mais: e nam queira perder o credito de omem grande por tam pouco.

Sae daqui a tratar da unidade da açám do Poema criticado, que lhe negou o Eborense, e censurou por defeito substancial. Concede sua mercê que *seria justo o reparo, se nam fosse falso*: e para provar a falsidade traz um exemplo, que é o seguinte: „ Hum General venceo em bata-  
 „ lha ao exercito inimigo; depois de o vencer;  
 „ foi perseguindoo, e acabou de o derrotar;  
 „ depois de derrotado voltou a senhorearse do  
 „ campo; feito senhor do campo, ouve ás mãos  
 „ a caxa militar; recolheo, e repartio entre os  
 „ soldados o despojo; mandou meter nos arma-  
 „ zens todas as munisoens de guerra, e boca;  
 „ depois de tudo isto remeteo á sua corte a no-  
 „ tisia; e para testemunhas da victoria, vinte,  
 „ ou trinta bandeiras, e outros tantos estan-  
 „ dartes; depois ordena que se cante o *Te Deum*  
 „ em açám de grasas; depois agradece, e en-  
 „ grandece aos soldados o esforso, e boa dis-  
 „ ciplina,

„ ciplina, que tiveram. Quem nam dirá que  
„ estas açoens todas sam entre si distintas, e  
„ e isto nam só *numericè*, se nam tambem *spe-*  
„ *cifice* „?

Está notavel paridade! Tem grande parentesco uma coiza com a outra! Digame, senhor Apologista: se ese General, depois de conseguida a victoria, pasados alguns tempos, for dar batalha a outros inimigos, e dahi outras em diversos lugares, e tempos, dirá vosa mercê que tudo é uma só açám? No exemplo do seu General conclue vosa mercê dizendo que aquellas se devem reputar por uma só, por serem dirigidas ao mesmo fim: mas do Peregrino nam se pode tal dizer; porque venseo os Ateistas no bosque dos Hottentots, que é no Cabo de boa esperanta; e dali foi vencer os Politeistas á China, que tendo boa viagem por mar se gasta neste caminho um ano. De lá caminhou por um dezerto, que diz o mesmo Poema que *durou muito tempo* o caminho; e na verdade assim avia de acontecer para tornar outra vez á Europa, onde o senhor Pina lhe situou a cidade dos Deistas, donde sahio a dar batalha aos Libertinos: peleijou com valor; mas nam venceo: veio a noite, e deixou indeciza a victoria: emfim foi por Embaixador á cidade dos Libertinos, onde ajustou a paz: convenceo de caminho os Cirenaicos: e aqui se festejou logo um triunfo. Vai dali á Persia, e Tartaria, que é maior caminho que á China, entra no Indostan, volta á Siria, vizita os lugares Santos, e mete-se

se em um dezerto da Arabia Feliz, onde aconteceu a briga dos monstros, até que chega a argumentar com Mahumed, e convencer nele a todos os sequazes do Alcoram. Dali vam ambos buscar outro eremita, que vivia em uma ferra vizinha, que era um Rabino Hebreo, em quem convense a todo o Hebraismo. Pasa logo a Genebra; e ahi combate as feitas de Lutero, e Calvino: e vindo segunda vez á cidade dos Deistas, faz o ultimo triunfo. Estes sam todos os movimentos, que se podem considerar como açoens distintas, asim *numerice*, como *specifice*. Antes que entremos a seguir o ponto, admiremos a bela ordem destas jornadas, e a verosimilhança que ha em que um omem fosse apé da Europa á China, da China outra vez á Europa; dali logo á Tartaria *et c.* Diga agora, senhor D. Joaquim: *Aquelas jornadas!* Pasme com o queixo caído, que tem muito de que. Nam disse eu que eram jornadas de comedia? Parece-me que só na aguia de Ganimedes, ou no cavalo de Perseo, se podia caminhar tanto; mas no cavalo dos frades de S. Antonio nam creio que se posam fazer taes jornadas.

Tornando pois ao ponto da unidade da açám; vejo eu que o mesmo Autor do Poema desconfiou dela, pois se prevenio no § 21 do seu Prolegomeno, dizendo que *repartindo o Poema em 9 livros, e ao parecer, em diferentes combates, facilmente se pode imaginar que cada combate produz uma açám; e que nam é uma, mas que sam muitas as fabulas do Poema.* Eu nam digo que  
 sejam

fejam nove ; mas nam creio tambem que é só uma. E se nam, digam-me : ou o Triunfo é a açám do Poema do senhor Pina, ou nam ? Se nam é, errou em lhe dar ese titulo ; e tambem errou em se querer defender da acuzasam, que lhe fez o Eborense de que *o Triunfo nam é açám ; mas premio dela ; e que as victorias sam as que podem ter o nome de açoens*. Mas como trabalha muito o senhor Pina por persuadir que a açám do seu Poema é o *Triunfo*, quero darlhe que assim seja ; e depois infiro deste modo : logo se o triunfo pode ser açám, tantas ham de ser as açoens, quantos os triunfos. Como esta ilasam é inegavel, vou mostrar que no Poema ouve mais de um Triunfo, ainda que nam fosem 9.

Primeiramente, se considerarmos o Triunfo como em outro tempo os Romanos, que era quando se festejava a victoria com publicas aclamaçoens, e aplauzos ao vencedor, acharemos que estes foram no Poema dois ; um no liv. 5., e outro no 9. E ja no cazo de quererem que o Triunfo, considerado deste modo, seja açám do Poema, temos duas açoens. A primeira foi quando se acabáram de convenfer os Deistas, e Libertinos, como se vê nestes versos, que nam me deixarám mentir :

Vós me tendes chegado ao dezengano :  
 ( Lhe diz o Libertino ) as minhas Tropas  
 Todas vos seguirám : tambem conspira  
 Nos outros a mudansa : o campo gira  
 Em sucesivos jubilos : os ares  
 Se inundam de clamores populares :  
 Repetemse nos circulos velozes  
 Vivas, aclamaçoens, aplauzos, vozes.

Nam ouve procisam com andores ; nem *carros orientantes* ; mas fizeram-se muitas festas , e nam fei-se tambem cavalladas ; porque aquilo de *circulos volozes* em ocaziam de festejos assim se constroe. Com o segundo Triunfo nam é preciso gastar tempo , que foi aquella procisam dos *Epinicios* : e este nam se nega , nem se disputa.

Mas ja que falámos agora na tal procisam , nam é justo que nos pase pela porta sem a vermos com curiozidade desde o principio , com toda a mais funsam. Acabando o Eroe de converter o mundo , tornou á cidade dos Deistas para vir buscar o premio no Triunfo , cuja diresam tinha encomendado ao pai quando dele se despedio : e por final que nese lugar confirmou o Peregrino o que eu digo , que ouve mais de um Triunfo ; pois no livro 6. lhe dise :

Na vosa diresam , e patrocinio

Fica o Triunfo , que oje aqui se alcanfa

Com perfeita , com firme seguranfa.

Chegou pois o noso Eroe á cidade : e é coiza bem galante que até , para ficar a funsam mais completa , ouve , sem ser esperada , sua torre de fogo ; que o nam era na realidade , mas as  
 expre-

expresões, com que está representada, a fazem parecer tal; porque diz que

Entre tudo, o que avia mais distincto,  
Era um templo, que a regra de Corinto  
Edificado tinha: o seu desenho  
Enchia de esplendor todo o horizonte:  
Cornijas, capiteis, fastoens, cimalthas,  
Claraboias, colunas, e medalhas  
Despediam de raios hum diluvio.

Eu lhe perdoára os *fastoens*, visto que nos Autores de Architectura se nam acha esse adorno na ordem Corintia, e só é proprio da Compozita, que tem adquirido toda a liberdade, especialmente entre os Francezes. Eu bem vejo que isto nam é da profissam do senhor Pina; mas quem nam sabe calase, e nam faz cesia com superficies: se queria falar nos termos da faculdade, podia, ainda que nam estudáse no Vinholla a pratica, ver em Vitruvio a teorica; pois é Autor estimado entre os curiozos de Latinidades, ainda que Olau Borriquio lhe note o estilo de plebeio, e peregrino nas palavras; coiza, que Scipio lhe considerará preciza, atendida a novidade da materia; e do mesmo modo Walchio. Alguem dirá que isto em mim é demaziada miudeza: mas nam me sofre o corasam ouvir cesias fantasticas: além de que tambem Feijó nam era muzico de profissam, e com tudo foi impugnado pelo amigo do senhor D. Joaquim, o senhor Pomba, em um ponto que tocou no Teatro Critico a respeito de Muzica, de que se publicou um Discurso, onde mostrou ser insigne profesor.

Deixando porém este reparo, em que fui mais extenso do que queria, torno ao ponto, que deixei. Publicouse pois a vinda do Peregrino; e concorrêram todos a darlhe os parabens, *em quanto se cuidava no aparato da funsam*; cujas dispozisoens nam duráram tam pouco, que nam ouvêse tempo de *virem tambem os Chins* a ver a festa, como na pag. 302 poderá ver quem quizer rir, e admirar a facilidade com que chegou á China a notisia da procisam, ainda antes de feita, e a curiozidade com que eles *corriam* a ver. Muito verosimil é isto, senhor D. Joaquim! Chegou emfim *o dia da glorioza pompa*; e foi toda a nobreza buscar o Peregrino, e todo o povo com aplauzos, e vivas. Ah Peregrino, Peregrino; e quam pouco te lembras do que diz S. Gregorio Papa Homil. 11. in Evang.: *Bona, quæ agitis, cum magna cautella teneatis: ne per hoc, quod a vobis rectum geritur, favor aut gratia humana requiratur; ne appetitus laudis subrepat, et quod foris ostenditur, intus a mercede vacuetur!* Por bem pouco quiz o senhor Pina que o seu Eroë perdêse o credito de virtuozo, e ainda o merecimento dos seus trabalhos, aceitando louvores e aplauzos umanos. E pode ser isto digno de imitasam, senhor D. Joaquim?

Emfim vejamos a procisam; porque nam posso demorarme mais: nem dela referirei mais que um grande descuido, que deixa totalmentê defectuozo o Triunfo, ou aclamasam dele: vejamos primeiro o texto, e depois irá o comento:

A Erezia na setima carrofa  
 Sobre um dragam se afenta, ou se entroniza:  
 Com as garras pestiferas destroça  
 Tudo o que a Igreja ordena, e soleniza *et c.*  
 Sem duvida devemos crer ( porque assim se faz,  
 e fez sempre ) que todas as figuras, que vam  
 nesta procifam, sam aluzivãs ao Triunfo. Di-  
 gam-me agora como fica proprio que o dragam  
 da Erezia vá destrosando tudo o que a Igreja  
 ordena, e soleniza? Se a Igreja aqui vai triun-  
 fante da Erezia, como tem esta ainda poder  
 para ir destrosando as determinasoens da sua  
 vencedora? Eu nam fei qual das duas mostra  
 aqui mais vencimento. O Triunfo é da Igreja: e  
 quem faz o destroço é a Erezia! Esta, senhor  
 Pina, nam escapa a um cego. Faziam os Ro-  
 manos os seus Triunfos, e neles iam as repre-  
 zentasoens das victorias conseguidas: iam os  
 inimigos prezos; as bandeiras arrastadas; os  
 Generaes cativos, ou prizioneiros *et c.* mas vosa  
 mercê cá leva a Erezia ainda *entronizada*; e o  
 seu dragam destruindo a Igreja, ou destrosan-  
 do tudo quanto ela ordena. Boa casta de victo-  
 ria! Senhor Francisco de Pina, Epopeia de dois  
 mezes ainda nam é para vosa mercê. Silveira  
 tem uma grande gloria de trabalhar com con-  
 tinua fadiga no seu *Macabeo* por espaço de 22  
 anos: vosa mercê vem fazer a cefia de que fez  
 o seu Triunfo em 2 mezes. Alguem poderia  
 mandarlhe ajuntar certidam do Paroco: eu  
 só pergunto quem o obrigou o fazelo tam de  
 presa? Assim expoem um omem o seu credito,

só pelo appetite de abreviar uma obra? Ora conheçafe; e nam se repunte ainda maior que todos. Veja que só é sabio aquele, que continuamente se lembra do que lhe falta para saber. Emfim nam falo mais em tal procifam, depois de mostrar tam patente este defeito, que é o maior, que podia ter; e de que eu espero tambem satisfasám na resposta do senhor D. Joaquim, ou de algum curiozo, que queira tomar este trabalho; porque ja tenho noticia de que sam sinco os meus opozitores.

Tornando agora ao fio da crize principal, que por um pouco interrompi com esta digressam: temos que, se o Triunfo se considera no tempo em que se celebra, que entam se reputa premio das victorias, há no Poema dois Triunfos, como ja mostrei; e este nam quer o Autor que seja o que serve de açám ao Poema; mas só considerado como *victoria*; pois diz na sua apologia que *imaginava que até os rapazes de carta, e ponteiro, sabiam que nós uzavamos de triunfo como sinonimo da victoria*. Asentando pois em que o triunfo, que serve de açám ao Poema, se deve considerar como *victoria* ( em tudo lhe quero fazer as vontadinhas ) torno a inferir segunda vez: Logo se o *Triunfo* é o mesmo que *victoria*, tantos amde ser os triunfos, quantos os vencimentos. Ninguem pode negar isto: e infiro mais: Logo se a *victoria* é a açám do Poema, quantas forem as victorias serem tambem as açoens. Bem está. Vendo nós agora quantos foram os triunfos, ou vencimentos, saberemos quantas sam as açoens.

Triun-

Triunfa o Eroe a primeira vez no livro 5, acabando de convencer os Libertinos Religiosarios, e Cirenaicos, e os Deistas, que estes todos se devem unir, porque ouve mutua dependencia da conversám de uns, e outros: de forte, que o Peregrino, para estabelecer a paz entre eles, os unio todos, depois de convencidos, persuadindo-os a seguir a Fé Catolica Romana. Triunfou segunda vez quando convenceo o Hebreo, de cuja conversám dependia a do Turco, que vendo que o Rabino ja confessava o engano, em que tinha vivido, se resolveo a seguir o mesmo dictame, como se vê no fim do 7 livro. Triunfou 3 vez quando convenceo os Luternos, e Calvinistas, cedendo publicamente o ministro, que por eles falava. Estas açoens sam todas realmente distintas entre si: ficando assim o Poema nam com as 9 açoens, que receava o Autor no § 21 do Prolegomeno, nem com uma, como ele quer, mas com 3 muito diferentes, e divididas. Vamos a provar isto.

Em primeiro lugar devo dar a razám, porque nam conto por victoria a contenda contra os Ateistas no livro 1, e contra os Politeistas no 2. Verdade é que os Ateos se caláram, e nam instáram mais as doutrinas do Eroe: mas o silencio nam é final evidente de ficar vencido; ainda prescindindo do proloquio, que diz: *Quem cala vence*. Devia dar-se outra demonstram certa de que tinham abjurado as feitas do Ateismo, e Idolatria, e abraçado a Fé Romana: mas o senhor Pina o mais, que diz no principio

cipio do livro 2, é que as vozes do Peregrino fizeram alguns ecos nos Ateos figurados nos troncos secos do bosque:

Destes vehementes brados varios ecos

Formou a refraçam nos troncos secos.

Logo parece que nam ficáram convenfidos, quando as vozes apenas lhe fiziam eco, e nam impresam. Além disto, prova-se tambem o ficarem como dantes; porque o Peregrino, e o Genio

Julgando suspeitozo um clima, aonde

A lei com a razám nam corresponde,

Se apartáram de um sitio, em que podia

Ser virtude a traíam, e a aleivozia.

E se o Eroe, quando se apartou dos Ateos, os deixou em estado de observarem uma lei, que nam concordava com a razám, é certo que ainda depois de ouvirem os argumentos, e se calarem a eles, nam abrafaram a Fé verdadeira, que em tudo é coerente á razam, e ficaram inuteis as prégaçoens do Peregrino.

Pelo mesmo motivo nam conto por açám a do livro 2; porque Confucio, que defendia a cauza dos Politeístas, nam recebeu a Fé, antes consta do Poema que

..... o afombro, a ira,

O enredo, a confuzam, no mesmo estado

Talvez, que o deixaria sepultado.

Onde está logo aqui o vencimento, e o fruto da misam do Eroe? O seu fim foi converter a Idolatria; mas deixando-a *no mesmo estado*, nam confeguiu o intento. E se diser o senhor Pina que

que talvez nam é certo; e dizer que talvez que o deixaria, nam é o mesmo que afirmar que o deixou; respondo com o mesmo Poema em quatro versos mais abaixo, onde diz que

Entre as sombras deixando a Idolatria,  
Seguem a estrada por contraria via.

Julgo que, depois de ler isto, ninguem dirá que o Peregrino fez fruto nos sequazes destas duas feitas; porque os primeiros ficaram observando *uma lei oposta á razám*; e os segundos permanecêram entre *as sombras da Idolatria*.

Isto é entendelo, senhor Pina! Cuida que nam ha mais que fazer Epopeias em dois mezes? Vá conhecendo os perigos da espada. A nosa Fé sempre triunfa em toda a parte: mas vosa mercê fez a coiza de forte, que parece que ficou indeciza a victória, dizendo que os Infieis ficaram como dantes. As armas sam muito fortes; mas o Peregrino nam soube uzar delas. Melhor feria que as despise, como fez David com as de Saul, e se pegase ao çurrám, e cajado, tomando outro officio, visto que a nosa Fé nam necessita deste socorro, porque o Poema nam traz argumento algum, que seja novo, e nam esteja nos livros Polemicos.

Ajuntei eu os Deistas, Libertinos Religiosarios, e Cirenaicos, para formar o primeiro triumpho; porque, além de o fazer tambem assim o senhor Pina, sam leitias, que tem concessam mutua, e que conduz muito para conyertter uma o ter convenfido as outras. Se entre todas as mais ouvêse esta mesma cerrelaçam

( como

( como averia , se o senhor Pina lha foubése achar ) entam digo eu que estava conseguida a unidade da açám ; mas venfendo a cada uma separadamente , faz outras tantas açoens , quantos combates. E se nam , pergunto : Ou a Religiam triunfa perfeitamente em cada um desses vencimentos , ou nam ? Se triunfa ; em cada feita , que vence , temos uma açám separada ; porque em cada uma se dá triunfo completo. E se nam triunfa em cada uma , nam pode triunfar em todas juntas ; porque de partes defeituozas nam se pode constituir um todo perfeito. Daqui ou o senhor Pina ade conceder uma propozifam eretica ; ou confesar que o seu *Triunfo* tem muitas açoens distintas , que lhe destroem a unidade , que é o maior defeito , que podia ter.

Uni eu tambem para a segunda açám o Mahometismo , e o Hebraismo ; porque estas duas feitas tem tal parentesco entre si , que nam se pode contrariar o Alcoram sem incluir o Thalmud ; porque como os Mouros , ou Agarenos , descendem de Ismael , filho de Abraham , que era Hebreo , sempre ficáram conservando em parte alguns principios da lei do seu patriarca , que depois corrompêram com os seus vicios , e mais com o credito ás ampliaçoens do maldito Mafoma , seu principal profeta , filho de mãi Hebreo , e pai Gentio , de cujas feitas fez mistura , tirando de uma alguns principios , de outras muitas superstiçoens. Por iso com acerto fingio o senhor Pina que Mahumed , ja inclina-

do

do á doutrina do Eroe, lhe dilatava sómente o total credito, em quanto nam via convencido o Hebreo: confesando depois ambos juntos o engano, em que tinham vivido. Aqui é onde tem lugar a paridade do senhor Apologista sobre o cazo do General, que venceu a batalha; dominou o campo; repartio os despojos, *et c.* e no fim mandou cantar o *Te Deum*. Assim é, como diz o senhor Lisbonense, que as açoens sam distintas *specifice*; mas se o General nam tivesse vencido, nam chegaria a dominar o campo: se nam domináse o campo, nam recolheria os despojos *et c.* emfim para conseguir o ultimo complemento do Triunfo, deviam preceder estas açoens encadeadas umas nas outras; o que nam se deo nas do Peregrino.

Concede o senhor Pina que *se nam pode formar uma Epopeia dos trabalhos de Hercules*: e a razam, que dá, é: *porque cada um deles pela sua dezuniam pode fazer uma açám principal*. Bem está. Ora *sic affumo*: *Atqui* cada uma das victorias, que conseguiu o Peregrino, podia fazer uma açám principal: *ergo* nam se devia formar a Epopeia, que compoz o senhor Pina. Ele mesmo me dá a prova de q̄ qualquer dos combates do Eroe podia fazer uma açám principal, quando defendendo o titulo do seu Poema, diz que *Mr. Nolin, famoso Geografo do Rei de França, na sua descriptam da Africa, tratando da victoria, que alcançou o Concilio Niceno da seita de Ario, lhe poem o titulo de Triomphe de l'Eglise Catholique*. Logo, se a victoria, que conseguiu

o Concilio contra uma só feita muito menos numeroza, que qualquer das confutadas no Poema, foi bastante para que Nolin, tratando dela, dêse ao seu livro o titulo de *Triunfo da Igreja Catolica*; seguese que cada uma das feitas, que combateo o Peregrino, como mais numerozas que a de Ario, podia por si só servir de açám principal a uma obra separada, com o mesmo titulo de Triunfo da Religiam. E daqui infiro segunda vez com as palavras do senhor Pina, que assim como se nam pode formar Epopeia dos trabalhos de Hercules, por serem açoens separadas, tambem se nam podia formar do combate das feitas eterodoxas, sendo açoens realmente distintas. Nam me dirá que alego com mortos: brigo com as suas mesmas armas, que sam nestes cazos as mais fortes; porque contra um Autor ha outro; e contra si mesmo nenhum quer ser.

Disputada a unidade da açám, e provada, segundo me parece, a falta dela no Poema, quero satisfazer brevemente ao escandalo, que recebeo o senhor Pina de que chamafem ao seu Peregrino *D. Quixote Religiozo*. Nam é o caso para afoites, como sua mercê quer. E se nam, digame: Que diferenfa tem as aventuras daquele, e as brigas deste com os monstros? Aparese o primeiro bicharoco tam feio que podia meter medo a um Sansam, com *as orelhas tronchas*, que parece que alguém lhas tinha cortado em pequeno, como cam dogue; mas o Eroe sem medo, esperou que ele investise ( que até  
niso

niso quiz observar as regras de tourear ) e encoftandolhe o ferro, matou a alimaria. Veio logo a *Quimera* com os dentes acezos, como dos das maons de finado, de que falam as velhas. Depois o *Minotauro*, que tinha vindo de arribafam do labirinto de Creta para aquele bosque. Seguiramse logo as Gorgonas: e averia muito mais que ver, se os bichos nam escarmentafem em cabefa alheia. Monstros eram eles, mas brutos nam. Viram arder as barbas do feu vizinho, e deitáram as suas de remolho. Até nisto faltou o senhor Pina á verosimilhanfa. Menos ferocidade inculca um toiro, e com tudo recebe o primeiro, segundo, e terceiro rojám, e muitos mais, e sempre investindo até que se lhe acaba primeiro a vida que o furor. Por certo que acho abilidade no senhor Pina para converter o cam Cerbero em cachorriño de estrado. Quem vê toda aquela bulha fica afustado, e poemse a esperar quando vem o lagarto de Penha de Franfa fazer a sua figura: até que indo ver nas notas do Poema a explicafam deste sucefo, acha que *a victoria, que alcanfou o Eroe dos monstros, simboliza a que confeguiu das difficuldades orrorozas, que se lhe figuravam na imagina am.* Digam-me agora que mais fez D. Quixote? Vio uns moinhos de vento: representáramfelhe gigantes; e investio com eles. Vio um rebanho de carneiros: pareceolhe um exercito; e foi direito a eles. E afim nas mais aventuras. Ainda eu acho peor o Peregrino; porque D. Quixote via objectos materiaes, que

se lhe representavam diversamente do que eram em si; mas o Peregrino só tinha objectos fantasticos. Mais. D. Quixote formava ideia de gigantes, que tem avido no mundo, e de exercitos, que tambem existem: mas o Peregrino via a Quimera, Minotauro, Gorgonas, e bichos, que nam ha, nem ouve.

Além disto é improprio o lugar, onde vem esta pendencia: porque se esas difficuldades, que lhe pareciam orrozos monstros, lhe occorressem antes de principiar a empreza, bem estava: mas ja no 6 livro, depois de ter combatido cinco feitas, isto é fraqueza. Bem se lhe podia dizer o que Christo a S. Pedro: *Modicæ fidei, quare dubitasti?* ou o mesmo Senhor a S. Camilo de Lelis: *Eja pusillanimis, quid times? inceptum sequere opus.* Mais. Que ele receáse contender com as outras naçoens, cujas feitas, ainda que falsas, tem ao menos algum aparente fundamento para a defensta de seus falsos dogmas, era fraqueza; mas podia admitir desculpa: porém temer o combate contra o Alcoram, cujas futilidades, e incoerencias podem conhecer os rapazes, isto é coiza digna de rizo. O certo é que o senhor Pina escreveu as coizas quando lhe lembráram, e nam quando deviam ser; a pezar do senhor Apologista, que diz que os Epizodios vem muito em seu lugar.

Em quanto a unir o Eborense ao nome de *D. Quixote* o attributo de *Religioso*, nam lhe cauze espanto; porque esa é a unica diferensta, que tem este Eroe daquelle cavaleiro andante,

dante , no paflo dos monftros , e outros taes : de forte, que o Manchego andava vingando agravos , e dezagravando ofenfas , como a do Marquez de Mantua , feu tio , que lhe custou o juramento de *nó comer pan a manteles hasta vengarla*: e o Peregrino vencia todos aqueles bichos com o fim de chegar a executar uma obra Religioza: por ifo nestas brigas fantafticas foi *D. Quixote*; e no fim, para que as executou, era *Religiozo*. Além de que, *D. Quixote* nam é nome excluzivo de virtudes; e pode um omem fer fanto, e chamarfe *D. Quixote*. E neste cazo pode o fenhlor Pina rezervar os afoites para quando vierem a tempo.

Continúa o fenhlor *D. Joaquim* com a fua repreenfam aos Criticos; e pergunta: *Se o Pina tem imagens belifimas, e rafgos bem poeticos; como dizeis que lhe falta a Peripecia, e rofnais nam fei que fobre os epizodios?* Para aqui queria eu o rizo dos Pizoens, ou de Perfio, que nam podia conterfe em vendo deftas: *Quid faciam? sed sum petulanti splene cachino.* Tanto fabe o fenhlor *D. Joaquim* que coiza é *peripecia* ( fequndo mostra ) como eu fei o que nesta ora fe faz na India. Que parentefco tem cá Judas com a alma dos pobres? *Peripecia*, fenhlor Apologifta, é o mefmo que *mudansa de fortuna*, ou de mal para bem, ou de bem para mal. Veja agora que conefam tem uma coiza com a outra. Pode aver em um Poema a *peripecia*, e faltaremhe as *imagens belifimas*, e os *rafgos bem poeticos*: e ao contrario, tendo todas

das esas qualidades, faltarlhe a *peripecia*, como se vê no do senhor Pina. Ora aprenda primeiro; e depois falará. Saiba antes o que diz; e escuzará de dizer o que nam sabe. E vem cá falando em *pilbar a dente*, e em *ripios*! O Eborense achou de menos, ou, por melhor dizer, nam achou a *Peripecia*, porque a conhecia: mas vosa mercê fala nela sem saber que prestimo tem. Veja qual dos dois pilhou a dente a palavrinha, se vosa mercê, ou se ele.

Voltemos agora para o senhor Pina, que a respeito deste ponto diz na apologia que, se o Eborense *nam acha a Peripecia no Triunfo*, veja se a pode descobrir lendo o § 31 do Prolegomeno. Eu, que sou muito bem mandado, fui ver o tal lugar com curiozidade; e achei que *principiou a mudar-se a fortuna quando conheceo o Peregrino que Polifilo era seu pai; e soube a sua istoria, e o seu illustre nascimento*. Em pouco estava a sua infelicidade! O certo é que omem pobre com pouco se alegra. Isto aconteceu no livro 5, depois de ter combatido cinco seitas. *Dali em diante*, diz o senhor Pina que *foram felices todas as suas açoens, até fazer triunfar das seitas a Religiam, que era o fim da sua empreza*. Logo as açoens antecedentes ficam sendo infelices. Esta ilaſam é certa; pois, sendo a *Peripecia mudansa de fortuna*, e esta mudou para felicidade, devia antes ter sido infeliz. Logo se o Peregrino foi desgraçado nas suas açoens até áquele tempo, seguese que nam conseguiu até entam victoria contra os inimigos da Fé; pois, sendo ese o seu

unico

único fim, nam merecia o nome de infeliz, se o tivesse alcançado. Bem está. Logo como poderemos dizer que ele fez triunfar a Religiam em todas as feitas eterodoxas? E nestes termos, pergunto: Ou o Peregrino triunfou de todas as feitas, ou nam? Se triunfou, em todas foi feliz, porque conseguiu o fim proposto: se nam triunfou, ahi temos que por culpa sua ficou incompleto o Triunfo da Religiam; pois só convenseo as tres feitas, que se seguem dali por diante; ficando por converter as 5 primeiras, e antecedentes ao lugar da Peripecia. Além de que, se niso estava a infelicidade do Eroe, nam devia alí entrar a Peripecia, porque ja a ese tempo tinha convertido ao menos tres, que eram os Deistas, Religionarios, e Cirenaios. E se era infeliz até entam por padecer trabalhos, muito mais o foi dahi por diante; porque logo no principio do 6 livro se vio dezamparado do Genio, metido entre os demonios, e rodeado de monstros indomitos, que o queriam devorar. Estes trabalhos nam experimentou ele no tempo, que lhe confinam de infelicidade; e só depois soffreo tanto, que ficou provada a sua constancia, de que o Genio lhe pafou carta de aprovasam absoluta para poder vencer dali ao diante todos, e quaesquer trabalhos, dizendolhe:

Sem fadiga, e trabalhos nunca a gloria  
 ( Responde o Genio ) e as luzes da memoria  
 Se podem conseguir: mais pronto, e forte,  
 Para vencer o acazo, o fado, a forte  
 Te considero agora *et c.* Nestes

Nestes termos devemos asentar firmemente em que nam ha tal Peripecia no Poema; porque, se o senhor Pina, sendo o Autor, nam lha poude achar em outra parte, conhecendo nós que nam pode aqui ter lugar, onde ele a acha, devemos asentar em que só se lembrou dela no Prolegomeno, e nam quando escreveu o Poema. Isto digo, porque o senhor Pina nos dá esta liberdade no § 31 dizendo que *os instruidos nos estudos Poeticos é que devem julgar se tem satisfeito ao caracter da Peripecia*. Eu nam me quero inculcar por um destes: mas a continuacão de ler o seu poema nam pode deixar de me comunicar algum conhecimento destas coizas. Assim confesou de si Hipocrates sendo chamado pelos Abderitas para curar a Democrito da loucura, que lhe supunham. E dando conta depois aquele grande Medico a seu amigo Damageto, lhe disse: *Non insanit Democritus, sed super omnia sapit, et nos sapientiores effecit*. E eu poderei tambem dizer que a lição do Triunfo *me sapientioreffecit*, e quazi capaz de julgar sobre o caracter da Peripecia.

Prosegue o senhor D. Joaquim a sua crize, avaliando por falso testemunho que o Eborense disse que os amores de Polifilo com a Dama *eram alacaiados, porque logo pasáram ás do cabo*. Aqui chega a tal extremo a paixam do senhor Lisbonense, que nam satisfeito de chamar uma, e muitas vezes ao Eborense *falso, falsissimo, blasfemo, impostor*, et c. diz ultimamente que *leva o empenho de vincular á sua pena o*

*morgado das imposturas.* Parece-me que isto merecia reconvenção mais forte, em que se falasse Portuguez; mas quero com a minha moderação repreender a sua imprudência. Só copiarei agora uma das razões, com que ele pretendendo defender o seu afillado, o crimina mais orrorosamente; e é a seguinte: „ Para arguir a „ falsidade de tam insolente impostura, nam é „ necessario andar buscando provas, se nam fazer uma madura reflexam na materia, que „ escreve, e no alto Mecenas, a quem dedica „ a obra. A materia é a mais Sagrada; pois tem „ por objecto o Triunfo da Religiam. O Mecenas nam é menos que um Vigario de Christo, e sucesor de S. Pedro „. Esta reflexam, com que pretende averiguar a impostura, é a que faz mas feio este erro. A verdade é que parece impossivel; mas tambem é certo que assim aconteceu. Por isto eu disse no Discurso 6 que de boa vontade dispensaria no Poema a parte erotica, visto ser a materia tam sagrada, e oferecerse o livro ao Pontifice; e em semelhantes circumstancias nam se devia admitir este adorno poetico; por evitar a narraçam de uns amores profanos, que, se nam se representam com viveza, ficam sem graça; e se acazo se descrevem com ternura, e verosimilhança, facilmente lembrarám aos leitores o que sempre lhes deve esquecer: e isto deve evitar o poeta Christam, que nam quer ser reputado por pouco exemplar.

Para averiguarmos a verdade, ou falsidade da acuzaçam devemos ver primeiro o lu-

gar do Poema, e depois a defenſa do ſeu Autor, ponderando ultimamente com atenſam ſe os amores merecêram o nome de *alacaiados*: e de caminho ſatisfarei ao dezejo do ſenhor Liſbonenſe, que diz que *deviam os Criticos indigitar o ſitio, em que eſtes amores abitam v. g. em tal, ou tal verſo; em tal, ou tal palavra.*

A purpura das faces inflamava,

Se alguẽm de amor, ou Venus lhe falava;

E neſe meſmo incendio, que respira,

Entre a vergonha diſimula a ira.

Eu nam ſei que o lacaio com a cozinheira faça mais do que logo no tempo da pertenſam entrar a falar de Venus: ſe foſe ſó o falar de amor, ninguẽm poderia dizer que iam *às do cabo*; porém falar de Venus, iſo ſó acontece quando o cazo eſtá muito adiantado: ou, por melhor dizer, as peſoas de alta eſfera, como era a dama, nam devem falar de Venus, ainda quando tratam de amores. Eu capacitome de que o ſenhor Apologifta ſabe muito bem que *falar de Venus* é o meſmo que dizer palavras dezoneſtas, e que provocam a luxuria; porque Venus nam é outra coiza que o deleite carnal; como todos ſabem, e explica Moya Fil. Secr. lib. 1, c. 10. Por iſo diſe muito bem o Eborenſe; pois, nam podendo chegar os amores profanos a outro fim mais que ao acto venereo, entrando Polifilo a falar logo deſte, é certo que *foi às do cabo*, e principiou por onde outros podiam acabar. E além diſto, do modo, com que o ſenhor Pina ſe explica neſte lugar, ſe pode inferir que a tal dama

nam

nam ouvia aquelas petulancias a Polifilo sómente, pois diz que *se inflamava a purpura das faces, se alguém lhe falava de Venus*. Aquele termo *alguém* nam se pode referir sómente ao mesmo Polifilo, que estava narrando o caso; e certamente denota que avia outro, que tinha a liberdade de lhe falar na mesma materia: e parece-me que isto nam é improprio aos *amores alacaiados*.

Finalmente o modo, com que a tal dama se portava em semelhantes ocaziões, nam é muito grave; pois diz o Poema que quando lhe falavam de Venus, ainda que se envergonhava, nam mostrava aborrecimento, porque dissimulava a ira; como se vê nos ultimos dois versos sobreditos. Nam deve deste modo proceder uma senhora distinta; pois, vendo ofendido o seu respeito, está obrigada a conspirar com indignasam manifesta contra o ofensor da sua onestidade: e bem pode ser que, se ela assim o frzese ao principio, nam viesse a cair miseravelmente, e deixarse vencer da palavra de casamento, que lhe deo o amante quando a encontrou no jardim, onde lhe *permitio rize-nha* o que até entam lhe negava vergonhoza. E com tudo isto pergunta o senhor Pina ao Eborense *que mais queria ele que fizese a donzella mais onesta da sua familia?* Por certo que nam cuidava eu que este lugar pudese servir de norma á onestidade das donzellas: mas se assim é, senhor Pina, pratique-o, mas nam o aconselhe: e as donzellas da familia do Criti-

co nam escrevêram contra o seu Poema , para vosa mercê as vir tirar a terreiro. Emfim nada mais digo sobre este ponto da onestidade da mãe do Peregrino, porque me reporto ao Discurso 3, onde se disputou esta questam.

## DISCURSO VIII.

**B** Em podia eu dispensarme de responder á 8. carta, visto que o seu assunto é tam impertinente para o noso cazo; e em nada diz respeito ao Poema: mas como tambem o senhor Pina na sua apologia fez cazo dele para o arguir, é justo que eu tome o trabalho de o defender. Pudera, seguindo o costume ordinario, despicar o reparo com outros semelhantes, feitos nas cartas do senhor Velho, e ainda na do senhor Pina: porém é uzo, que me aborrese; porque, mostrando eu que os mais erram, nam emendo os meus defeitos. Consiste o delito em dizer o Eborense que *parto de dois mezes nam costuma gozar vitalidade*, aludindo ao tempo em que diz o senhor Pina que fizera o seu Poema. Sobre isto escreve o senhor Lisbonense uma carta grande; mas como o senhor Pina, dizendo pouco, diz muito mais, merece reposta em primeiro lugar. Diz pois que *Gaba a galantaria da comparasam; mas que pudera lembrarse o Critico que a diuturnidade da concepsam nam prova a vida do feto, nem a grandeza do seu espirito. Bem de vagar emprenham os montes, e saem quazi sempre com um rato.* Eu tambem lhe gabo a galantaria: mas tomára que me disése donde adquirio a noticia de que os montes emprenham de vagar; pois Horacio, que é quem fala neste parto dos montes, só diz:

Partu-

*Parturiunt montes, nascetur ridiculus mus.*

Em quantô ao ponto principal, em que diz que *a diuturnidade da concepção nam prova a vida do feto, nem a grandeza do seu espirito, nada convenle; porque no que se fala agora é em parto de dois mezes; e nam deve vir respondendo com concepção diuturna; pois nam é o mesmo o parto, que a concepção. E quem lhe meteo na cabeça que a concepção pode ser diuturna? Suponho que foi carapetam de algum estudante de Medicina. A concepção, senhor Francisco de Pina, nam ocupa mais tempo, que aquelle, em que se recebe a materia, de que se deve formar o feto: e nisto nam pode aver diuturnidade. Se assim fosse, muitos nasceriam sem orelhas, ou nariz, por esquecimento dos pais, ou por falta de tempo na tal diuturnidade, que só pode admitirse na geração, ou formação do feto, até receber a ultima forma, que lhe dá o ser.*

Voltemos agora para o senhor D. Joaquim, que entra a alegar exemplos de produções repentinas, que prezenceou; entre os quaes vem o de um poeta do seu tempo, e patria, que em 15 dias escreveu 500 oitavas. Foi forte escrever! Se tiver o jejum como o oitavario, eu afirmo que o senhor Lisbonense lhe nam seja tam devoto. Queira Deos nam ande por aqui o Poema Indico, que tem mil, e oitocentas. Outro poeta fulminou oitavas de repente até lhe dizerem *basta*: coiza, que sem dificuldade me poderia acontecer; porque os ouvintes aborrecidos

recidos me pediriam que me caláse, dizendo nam só uma, mas mil vezes: *basta*. Outro falou em romance Eroico por espaço de uma ora. Resta saber se falou bem; que é onde está a difficuldade: o certo é que falou muito, e nam deixaria de errar muito; porque *quem muito fala muito erra*. Invejolhes a vastidam a êses poetas, e nam o costume Na poezia vocal é prenda a prontidam: na escrita é vicio perigozo: porque *verba dicta transeunt, scripta autem permanent*. Além de que, nam é o mesmo fazer muitas oitavás, que compor uma Epopeia. Os maiores omens, que tem escrito, se jactam de consumir nos seus Poemas muitos anos de trabalho; e com tudo nam puderam evitar todos os defeitos. Virgilio trabalhou 12 anos na *Eneida*: Tasso quazi outros tantos com a sua *Jerusalém*: Camoens perto de 18 com as *Luziadas*: Sannazaro mais de vinte com o Poema *De Partu Virginis*: Silveira 22 com o *Macabeo* & etc. E no fim de tudo isto, depois de notar defeitos em todas as mais famozas Epicas, sae o senhor Pina dizendo que *para merecer desculpa nos seus erros basta o dizer que o seu Poema foi obra de dois mezes; a tempo, em que estava combatido das maiores affiçoens do corpo, e espirito*. Pois quem o obrigou a que o imprimise tam de presa? Quem quer fair a publico a ser admirado, deve ir prevenido, e evitar quanto lho for possível todos os defeitos. Além de que, sem certidam do Paróco nam estamos obrigados a crer que a scripção foi de dois mezes, principiada em 23 de Maio, e acaba-

acabada a 23 de Julho, nem mais ora, nem menos ora; e isto entre afluções de corpo, e espirito. Admirome de que no tempo, em que nam padese estas afluções, nam faz maiores milagres. Se assim foie, nam caberiam ja nas livrarias as suas composições. Bem parece que foi effeito de melancolia o fair a brigar com todo o mundo; visto que nam pertencia ao seu estado aquella empreza.

Continuando agora com o senhor Velho do Canto, que principia a zombar do Eborense com as suas ordinarias chufas, tenho alguma coiza, que dizer. Concede sua mercê ao Eborense que possa dizer para seu dezafoço, *que assim como a criansa dada á luz em dois mezes de concebida nam pode naturalmente viver, assim tambem a produçã da criansa da Epopeia gerada, e parida em dois mezes, não pode gozar da vitalidade.* Porém no caso de que isto diga o Critico, replica logo o senhor Velho, muito alegrinho da sua vida, e satisfeito com a sua agudeza: *Nam é isto o que responde? Pois saberá que nada tem respondido. Esse parto de dois mezes nam se chama parto, se nam aborto.* Dize vosa mercê maravilhas senhor Lisbonense. Ora ja que se veio meter a destre, appare lá o *duo contra.* O parto de dois mezes nam é aborto, é abortão. O abortão é nos primeiros mezes; e o aborto é quazi no fim do tempo ordinario da prenhez. Veja o Faciolati ( verbo *Aborsus* ) que diz: *Differt tamen, quia aborsus est in primis mensibus; abortus prope tempus pariendi. Deinde abortus ducitur ab*

ab-

aborior; et abortus ab ordior. Por esta nam esperava vosa mercê; mas veio buscar lãa, e foi tosquiado. Veja quando torna por cá com outra distinsam; que lhe pagarei o seu trabalho. E além disto o parto *est actus pariendi*: e se o aborto, e aborto se fazem do mesmo modo, tudo é parto. O parir nam é outra coiza que lançar o feto, e se entende tanto nos animaes viviparos, como nos oviparos; como escreve o mesmo citado Autor: *Parere est fœtum, vel ovum emittere.*

Nam á nesta 8 carta mais coiza alguma, a que deva dar-se reposta. O senhor Pina tambem nam diz mais sobre a materia. Quem quize se ostentar erudisam em Medicina, e Fizica, poderia dizer muito sobre o ultimo ponto da animasam do feto, que o senhor Apologista trata no fim desta carta, sómente por satisfazer a um escrupulo, que consiste em ignorar a razam, porque o varám se anima aos 40 dias, e a femia aos 80. Diz a isto que *ninguem foi lá espreatar naquela recondita officina de tam prodigioza fabrica o tempo da animasam de um, e outro sexo.* Ainda que assim nam o afirmasem os melhores Fizicos, e tivessem observado os mais perspicaces Anatomicos, a Escritura Santa nos persuade que entre o feto varám, ou femia, ha grande differença nas circumstancias dos seus tempos. No cap. 12 do Levitico determinou Deos a Moizés a purificasam das mulheres, e lhe disse: *Si peperit masculum, immunda erit septem diebus. Sin autem fœminam, duabus hebdomadibus.* E no mesmo lugar consina ao parto de varám 33 dias de

purificafam; e ao de femia 66 dias; duplicando fempre na femia os dias: e parece que a opiniam de duplicarlhos tambem na demora da animafam, nam é coiza, que pofa cauzar *remorfof na confenfia* ao fenhon Lisbonenfefe.

Mas ja que é tam efcrupulozo nefta materia, quizera eu que o fofo em outras, que lhe lembrarei agora. Diz o fenhon Pina no feuo Poema, tratando das delicias, que eftam guardadas para os bemaventurados, que

..... nas fubftancias,  
Em que borbulham celeftiaes redomas,  
Ha de encontrar um gofto conducente  
O nofo paladar

Acarreta logo para provar ifto a S. Agofthinho, S. Anfelmo, S. Lourenfo Justiniano, e S. Profpéro. Mas o texto, que refere, nam lhe faz muito bem; porque diz: *Indicibilis quædam cæleftis omnis delectabilium melliflua jucundabit oris palatum.* Parece-me que ifto nam é o mefmo que dizem os vérfinhos do Poema. Além de que, o Santo Padre confiderou como inexplicavel o modo, com que fe gozará efta delicia: *Indicibilis*; mas o fenhon Poeta meteofe a deftro, prézumindo ter melhor dom de clareza; e prézumindo poder explicar o que o Santo reputou por impofivel de fe dizer: para o que ajuntou *fubftancias borbulhantes, redomas celeftiaes* et c. Nam fei cómo nam lhe pôz o mel pelos beigos; viftto que aquele *melliflua* podia patrocinar a interpretafam. Eu nam vi quem feja mais liberal! Ora pergunto, fenhon Pina: Ou avemos entender ifto  
literal-

literalmente, ou misteriozamente? Se misteriozamente, venha o comento das *substancias*, e a definifam das *redomas*; visto que nam se poderá achar esa expozifam nos SS. PP. E se deve entenderse isto literalmente; pergunto mais, sem alterar as formaes palavras de um lugar do Poema p. 224.

..... nesta bemaventuranfa

Ha fome, e sede, ou nam? Se ha sede, e fome,  
 Triste gloria será: se o Beato come,  
 Ou se bebe, sem ela, como alcanfa  
 Quem bebe, ou come, o gofio, sem q̄o excite  
 Das taças, dos manjares o appetite?

Este argumento pôs o Peregrino para convenfer o Moiro, e mostrarlhe a falsidade da gloria, que lhe promete Mafoma: e 8 paginas adiante representa a gloria, que Deos omnipotente, e verdadeiro, tem destinado para os bemaventurados, e poem logo a meza de substancias nativas, que estam fervendo, e borbulhando nas redomas, como o melaso em frascos. Eisaqui porque o Eborense teve razam em dizer que estes afuntos nam deviam tratarse em verso. Bom seria que a explicafam deste lugar devêse algum estudo ao senhor D. Joaquim, para que se prevenise o reparo de algum leitor pouco instruido nas materias da Religiam, que vá entendendo as coizas como filozofa natural; que a isto se expoem quem escreve na lingua vulgar semelhantes controversias; que sendo dirigidas a convenfer abuzos, devem desfazer as agudezas de um erege maliciozo, e as ignorancias de um Christam mal instruido, que, por fal-

ta de intelligencia, duvida como filozofó discorrendo, o que devia crer como Catolico Romano, cativando o entendimento *in obsequium Fidei*. Devia o senhor Pina advertir que um livro escrito no idioma vulgar pode chegar ás maons de muitos ignorantes, que entendem literalmente tudo o que acham escrito, para nam traduzir neste sentido o que os SS. PP. disseram por allegoria, metafora, ou misterio, para educasam dos inteligentes.

Depois de nos expor o senhor Apologista este lugar, poderia muito bem declarar o sentido de outros, em que ha alguma duvida, procedida de impropriedades da narraçam: como v. g. onde diz o senhor Pina:

Do Solio, aonde Deos sempre prezide,  
Purissimas correntes se desprendem.

Estas correntes, que diz que se desprendem do Solio de Deos, sam as aguas da vida, que vio S. Joam no Apocalipse: *Fluvium aquae vitae, procedentem de Sede Dei*; as quaes nunca estam; nem estiveram prezas *ad sanitatem gentium*, para que entam pudesem desprenderse. E além disto *desprender correntes* mais indica dezatar cadeias, do que manar aguas: e foi mal escolhido para aquele lugar o verbo *desprender*.

Em outro lugar, reprezentando uma boca do inferno, introduz o senhor Poeta um demónio orador, persuadindo aos mais demonios a diligencia de perseguir o Peregrino, e impedir as suas victorias; visto o muito proveito que delas rezultava ás almas dos Catecúmenos. Mas

é para admirar o desembaraso, com que o tal diabinho, falando com outros como ele, por dizer a verdade, diz mal de si, do seu artificio, das suas obras, e da sua tirania. Por bem pouco que nam. pertendeo o senhor Pina converter tambem os demonios, visto que os poem em termos de confesar as suas culpas; e se pudefe darlhes a condifam de *cordis contritio*, como lhes concedeo a de *oris confessio*, entrando a penitencia onde falta a ordem: *ubi nullus ordo, sed sempiternus horror*, chegaria a redensam aonde nam se esperava: *ubi nulla est redemptio*. Oigamos o lugar do Poema:

Daqui a pouco tempo algum vasalo

O abismo nam terá, em que se veja

Contra a luz Evangelica da Igreja

Profeguir a soberba tirania

Da nosa antiga infausta monarchia.

Donde estam os impulsos turbulentos,

Com que dais nova furia aos elementos?

Donde aqueles adulteros concursos,

Que pervertem dos omens os discursos?

Donde aquele execravel artificio,

Com que triunfa da virtude o vicio?

Nem *el diablo predicador* podia dizer mais verdade. A isto é que se chama cortar direito. O demonio confesando a sua *suberba, tirania, impulsos turbulentos, adulteros concursos, execravel artificio* et c., e reconhecendo todas as suas maldades. Outro tanto nam fazem muitos omens, que sempre inconfitentes sustentam os seus erros, chegando deste modo a exceder ao demonio na suberba.

Tambem

Tambem nam posso perceber o fundamento, com quem o senhor Pina destinou o ardor do seu dezejo a comprehender a lei Divina:

Que ardor mais digno de immortal cadencia,

Que aquelle, em que o dezejo se destina

A sabia comprehensam da lei Divina?

David fazia a sua continua meditasam na lei de Deos: *Lex tua meditatio mea est*: pedia ao Senhor que lhe d'esse entendimento para a investigar: *Da mihi intellectum; et scrutabor legem tuam*: mas nam sei que chegáse com toda esta applicasam a comprehender a lei do Altissimo; antes se umilhou reconhecendoa incompreensivel: *Ego vero legem tuam meditat'us sum: Bonum mihi quia humiliasti me, ut discam justificationes tuas*. Talvez lhe aconteceo o mesmo que a S. Agostinho quando intentava a comprehensam do misterio altissimo da Trindade de Deos; que, recebendo de um Anjo o dezengano, se umilhou dentro no seu corasam, crendo só o que ouvia, como David: *Ego autem in toto corde meo scrutabor mandata tua. Bonum mihi lex oris tui*. Nam se contenta o senhor Pina com a contemplasam da lei, se nam á uma *compreensam sábia*; sem advertir no que diz S. Paulo: *Incomprehensibilia sunt judica ejus*. E Jeremias: *Magnus consilio, et incomprehensibilis cogitatu*. Nam ignora sua mercê isto; e o dise na pag. 68.

E se é demencia de um objecto humano  
 Pertender alcançar o umbroso arcano,  
 Que será dese objecto, em que naufraga  
 Da triste fantazia a ideia vaga,  
 E que inda está mais longe á negligencia  
 Da nosa limitada intelligencia?

Dise bem; mas explicouse mal: pois, tendo dito que a fantazia naufrága no objecto Divino, diz que ainda este dista mais da intelligencia. Daqui poderemos inferir que os brutos conhecem o creador melhor que os omens, pois nos diz que ao entendimento, que só se acha nestes, está mais distante o conhecimento, que á fantazia, que tambem se dá naqueles. Ora sempre lhe ficamos muito obrigados. Poderia disimularse que nos puzese em paralelo com os irracionaes; mas fazer a potencia intellectiva inferior á fantazia, é lograsam.

Tambem me deixa alguns escrupulos o que afirma o senhor Pina na sua apologia a respeito da palavra *thalamo*, dizendo que só significa o *leito conjugal*; para provar com isto que, para explicar que o Peregrino era filho de legitimo matrimonio, bastava o ter dito no Poema que quando ele nasceo se fecundou o talamo. E assim dezejo que o senhor Lisbonense me explique como avemos de entender o himno de S. Joam onde diz: *Senserat Regem thalamo manentem*. O Rei, que estava no talamo, era Christo senhor noso no ventre purissimo de MARIA santissima: e como a Senhora é Mãe, e nam espoza de seu santissimo Filho, ficame algum escrupulozinho, visto que tam seguramente nos afirma o senhor Pina que esta palavra nam pode ter outro significado. Alguns

Alguns me ficam tambem em que o senhor Poeta diga que frutos das arvores da vida, que estavam pela margem do rio da cidade celestial, eram de ouro:

Da vida varias arvores se extendem

Pelas márgens do rio: carregadas

De aureos pomos se vêm *et c.*

Por certo que é muito bom modo de pôr a gloria no jardim das Hesperides, depois de reprehender o Moiro de situar a sua bemaventurança nas ortas de Epicuro. Talvez que, se os pomos da arvore da vida do Paraizo fossem como estes se descrevem, nam seria necessaria a expulsam de nosos primeiros pais: *Ne forte mittat manum suam, et sumat etiam de ligno vitæ, et comedat. Emisit eum Dominus Deus de paradyso.* E sem que Adam fosse Midas, que por especial dom os convertêse em ouro, ficaria sendo Tantalo, que dezejáse, e nam pude se comer os. Senhor Francisco de Pina, nam é o mesmo descrever poeticamente um edificio terrestre, que uma cidade celestial. As vizoens, as profecias, e emfim todos os lugares da Escritura, que sam admirados por misteriozos, devem uzarse sem ornato, que os desfigure; e só se poderia admitir mais alguma liberdade nos pátos historicos, em que pela maior parte nam se incluem tantos misterios nas palavras, como nos factos. Bom fôra que nisto nos dêse o senhor D. Joaquim alguma expozisam, que nam ficava impropria do seu officio; e gastava melhor o tempo, do q̃ em criticas de Poemas, para que lhe sinto negasam em quanto observar as coizas como paresem, e nam como sam em si. DIS-

## DISCURSO IX.

**E** Scolheo o senhor Velho para afunto desta carta a voz *ulular*, de que uzou o Eborense quando louvando o senhor Pina de ter imitado a Virgilio, fazendo ulular as Ninfas quando ajuntou os amantes: e tambem a palavra *gazofilacio*, de que uzou o Critico de Vila Viçosa. Principiando pois pela primeira, diz o senhor Pina que *quem se resolveo a dizer ulular bem podia consentir que se tivese dito orientar e analizar*. Aqui respondo eu que se nam deo a mesma razám, que podia aver para que o Eborense uzasse daquela palavra, que sendo a dominante do lugar de Virgilio, que quiz trazer á memoria, lhe pareceo que bastaria só ella, sem referir as formas do Poeta. Poderia o senhor Pina fazer esta paridade, se lhe tivessem condemnado algumas, com que no seu Poema pratica o mesmo uzo; como v. g. quando dise *superseminar*, que é verbo, que nunca sonhou naturalizar-se em Portugal; e com tudo foi louvavel o seu uzo, porque assim traz á memoria mais facilmente a parabola do omem inimigo, de quem diz o texto que *venit, et superseminavit zizaniam*:

Crescendo o gram nos aridos caminhos,  
Sem que superfemine o infame arrojo  
Do inimigo comum com mam grosseira  
A zizania infeliz na sementeira.

Em outra parte uza do adjectivo *inconsutil*, que

nam é Portuguez; mas tambem nam merefe cri-  
ze, porque com ele faz melhor lembrar a *tunica*  
*inconfutil*, de que ali fala, por ser esta a palavra  
de que uza o texto: *Erat autem tunica inconfu-  
lis, defuper contexta per totum*:

Vós rasgastes a tunica inconfutil

Da Igreja com a feita.

E do mefmo modo fe deve reputar o uzo da voz  
*trifulcada*, que ferve para lembrar a imitafam de  
Virgilio, quando defcreveo as serpentes furio-  
zas: *linguis micat ore trifulcis*.

..... A lingua trifulcada

Da colera parece fulminada.

Perfuadome de que bafitam eftes tres exem-  
plos, fem fair do Poema, para que nam fe pofa  
censurar tam rigorozamente a voz *ulular*, nas  
circunftancias, em que a uzou o Eborenfe, que fir-  
va de unico afunto a uma das cartas do fenhor  
D. Joaquim; que é quem menos podia falar nes-  
ta materia; em que tem mais erros, que o fenhor  
Pina defcuidos. Digo *defcuidos*; porque nam pofó  
acreditar que muitas coizas foſem escritas com  
advertencia, quando ſam de tal qualidade, que os  
indoutos as ſabem: como v. g.

Reparai nos aneis, com que as videiras

Se enlafam nos efpeques das parreiras.

Como fe a arvore, que dá as parras, e fe chama  
*parreira*, nam foſe a meſma que tem as vides, e  
fe pode chamar *videira*: ou como fe diſeſe com  
Alciato:

*Arentem ſenio, nudam quoque frondibus ulmum*

*Complexa eſt viridi vitis opaca coma:*

Aſim

Assim tambem a *fluxivel afluensia*; que, além de pleonasma, nam se une bem com a *subsistensia*; porque aquilo, que corre, nam subsiste:

Nas aguas se figura a subsistensia

De tam fluxivel, provida afluensia.

A agua, que corre, existe, nam subsiste. *Correr*, e *subsistir* sam contraditorios. Grande seria a nosa felicidade, se isto fosse possível: escuzariamos de chorar perdido tanto tempo, que ja passou, e nam pode tornar; correo, e nam pode subsistir. Do mesmo modo que o tempo é a agua, nem ha coizas mais semelhantes. Discretamente o disse Ovidio:

*Ipsa quoque assiduo labuntur tempora motu,  
Non secus ac flumen; neque enim consistere flumen,  
Nec levis hora potest et c.*

Nam percebo tambem como pudefe o Peregrino estar elevado no abismo de uma profunda ideia:

Quando mais elevado neste abismo

De tam profunda ideia, a mente inflamo.

Ser elevado a lugar profundo, nam ví ainda. Dirá que a ideia nam é lugar; e que isto é modo de dizer: mas eu respondo que é mau modo; e podia dizer *arreatado*, *abstracto*, *aplicado* et c. Replicará a isto que muitos AA., para explicarem o mar profundo, lhe chamam *alto*; como Virgilio: *Postquam altum tenuere rates*: porém isto nam faz exemplo; porque o mar, sendo plano na superficie, que conserva em nivel por natureza do liquido, só pode ser alto onde é fundo, considerando a altura a respeito da superficie da

terra. Além de que a palavra *elevado* em Portuguez é o mesmo que *levantado*; e nam ha licença de a uzar na significafam contraria, como faziam os Latinos, que com o verbo *elevo* explicavam umas vezes o mesmo que *tollere in altum*, outras o mesmo que *extenuare*, *minuere*. E a palavra *abijmo* tambem denota significafam inconexa com a elevafam; ainda que algumas vezes possa limitarfe; posto que nam na prezente.

O verbo *anteceder* em lugar de *antepor*, ou *avaliar por melhor*, é tambem para mim bem novo. Dele uzou em proza o senhor Pina nas notas do feu Poema pag. 60, onde diz que *Dionizio Longino compoz em Grego um tratado de sublime, que os Francezes julgam por texto da verdadeira eloquensia, e o antecedem a Aristoteles*. Quem construíse este lugar segundo a significafam do verbo, sem se lembrar da época, diria que os Francezes faziam este Autor mais antigo que Aristoteles, que isto é em bom Portuguez *anteceder*.

Tambem é muito mal entendido o nome de *Guiam* falando de muzica; e nam percebeo, nem soube traduzir o senhor Pina o texto de Aristoteles: *Quod in navi gubernator: quod in curru agitator: quod in choro præcentor: quod denique lex in civitate, et dux in exercitu, hoc Deus est in mundo*. A traducçam que lhe faz é esta:

Aristoteles diz que o Nume excelso

He como o picador na picaria,

O piloto no mar, na melodia

O Guiam, o decreto na cidade et c.

Nam quero notar que diga que *agitator in curru*

é o picador na picaria; que nunca tal foi, nem será: só estranho o significado de *Guiam da melodia*, que supponho que cuidou que era como o Guiam das irmandades, que guia os irmãos aos enterros: pois nam, meu senhor; errou vossa mercê em tomar a coiza pelo tom. O Guiam na Muzica é um final, que se poem no fim da linha, que serve como de chamada para mostrar o signo, em que principia a linha seguinte: nam ha outro guiam; e cahio sua mercê miseravelmente, por falar no que nam entendia. Agora quero ensinarlhe o que é *Præcentor*, visto que o ignora: vale o mesmo que *mestre de capela*, que é o que está diante dos muzicos fazendo o compasso, com que se governa o coro. *Præcentor*: *qui canendo præcedit*, diz o Calepino: e ja que é curiozo de Grego, verá que  $\chi\omicron\rho\rho\sigma$ , *chorostates*, que ele traz, é o mesmo que eu digo.

Tambem custa a entender aquele *mizero garrote*, com que diz que os Hebreos sam desprezados em todo o mundo:

Nam padeceis o mizero garrote,

Com que todo o universo vos despreza?

Porque se o *garrote* se toma pela qualidade da pena, com que se costumam castigar os delinquentes de semelhante culpa, isto nam acontece em todo o mundo; e só se pratica em uma pequena parte da Christandade com aqueles, que nascêram Christãos, sendo castigados como ereges, e nam por Hebreos. E se o *garrote* se considera como desprezo, tambem nam é universal; pois em muitas partes vivem livres, muito á sua

vonta-

vontade, ainda que nam em reino propriamente feu. Eu julgo que o tal *garrote* só veio servir de consoante a *sacerdote*, que nam tem muitos, e fazer figura como boneco de jogo da péla. Podia darlhe um *piparote*, que tambem é desprezo: e se os quizefe afogar de outro modo, metelos de gigote em algum vazo, cujo nome acabáse em *ote*, por lhe fair tudo ao consoante.

Pafemos agora outra vez á carta do senhor D. Joaquim, que continûa dizendo, *que nam é muito licito, antes superfluo, introduzir na lingua palavras escuzadas, quando ela tem outras para exprimir os conceitos.* Veja logo sua mercê quantas superfluidades destas se acham no Poema do *Triunfo*: se nam podia dizer *sacrificar*, quando escreveo *imolar*; *destruido*, quando dise *desolado*; *excelente*, quando uzou de *prestantissimo*; e outras muitas. Rarissima é a ocaziã, em que no Poema se lê palavra introduzida por necessidade: e com tudo alí ham de ser licitas, porque sam do senhor Pina; aqui censuradas, por serem dos Criticos? Mas ja que vem cá meterse a esperto, ha de tirarme de uma duvida. Diz vosa mercê que em lugar de *gazofilacio* podia o critico de Vila Viçozã escrever *tezouro*, que significa o mesmo. Sendo isto assim, quizera eu que me disêse porque razãm no livro 2. de Esdras cap. 12. se faz distincãm entre *tezouro*, e *gazofilacio*: *Recensuerunt quoque in die illa viros super gazophilacia thesauri?* Se tudo é o mesmo, para que se diz: *os gazofilacios do tezouro?* Se vosa mercê cuidáse mais no que lhe toca, nunca chegaria eu a fazerlhe guerra  
com

com os livros da tua profissam, de que eu sou um pobre leigo.

Diz mais vosa mercê que *nenhum escritor da primeira nota faz vulto no conceito de Quintiliano para a licença de introduzir palavras*. E em outro lugar da carta 3. diz que *todas as vezes que um omem como Francisco de Pina deo uzo a uma palavra, fica ja caracterizada para o uzo de todos*. De sorte que quer vosa mercê aprovar no senhor Pina o que Quintiliano nam tolerou nos maiores omens. Por iso vosa mercê tomou a liberdade de dizer *expungir, indultar, indigitar, prematurar, alindar, arrulbar, lauta, opipara, bilis, ginetarios, ripio, proibidade, pintiparado, equestre, periódico et c.* Por ventura quando dise que *as palavras uma vez uzadas por omem de tamanha esfera ja ninguem se atreve a expungilas do idioma*, teve alguma necessidade para nam dizer em lugar de *expungir*, *expulsar, rejeitar, desterrar, lançar fóra et c.*? Quando escreveo *indultar*, nam podia dizer *conceder*? O substantivo *indulto* está oje recebido no noso idioma; mas do verbo *indultar* nam ha necessidade. O mesmo digo de *indigitar*; pois temos *apontar, sinalar, mostrar com o dedo et c.* que explicam muito bem. E finalmente em nenhuma das sobreditas palavras, e de outras que me nam lembro agora, ouve necessidade para o seu uzo: e mais que tudo me admiro de que tam de pressa se esquecêse o senhor Lisbonense do que dise em toda a carta primeira, provando a liberdade da introduçam de termos; e aqui ja diga o contrario. Isto tudo, e a pouca necessidade, com  
que

que das palavras exoticas uzou assim o senhor Velho, como o senhor Pina, deixo eu ao exame dos curiozos; que eu, por nam ser importuno, nam continûo este Discurso.

## DISCURSO X.

**N**A ultima carta intenta o senhor Apologista completar a sua crize, ajuntando nela alguns pontos, que diz nam devem ficar sem nota. O primeiro destes consiste em ter dito o Eborense que o senhor Pina escolheu para o seu Poema um assunto *arido, descarnado, e sem doçura*. Neste ponto faz o Autor do Poema grande bulha; e agora o seu apolo-gista grande gritaria. Principia, como costuma, dando investida; e logo dizendo que ja lhe perdoa o *arido*; mas que o termozinho *descarnado* nam lho pode perdoar. Entra a considerar materialmente esta palavra com o significado literal; e sobre isto diz maravilhas. Alí tras a *carne sem osos, guizada com seus agilis mojilis*; e varias coizinhas mais, todas suas. Diz mais que *a carta do Eborense é que é carne, e juntamente sangue*. Em outro lugar lhe chama *peixe*, ainda que *podre*. Ao menos ficará o Transtagano consolado, sabendo que da sua carta se nam pode dizer que nam é carne, nem peixe. Diz o senhor Lisbonense que *é carne bem magra, em que nam ha coiza de substancia*. Aqui havia muito que dizer; porque eu julgo que a substancia nam está na gordura, que é uma superfluidade do corpo. Diz tambem que a carta do Eborense *é sangue; porque ofaz nos golpes, que iniquamente dá*. Parece que achou onde cortar, visto que com os seus golpes fez

Z

sangue.

sangue. Nam se inquieta a Lua com o ladrar dos caes, porque estes lhe nam podem morder:

*En latrat, sed frustra agitur vox irrita ventis,  
Et cursus peragit surda Diana suos.*

Critica, que faz sangue, nam merece o nome de *peixe podre*. Mas o certo é que tambem se pode dizer por louvor o que em outras ocazioens se diz em vituperio. Será carne magra; mas é por ser toda fevra, e nam ter superfluidade: será peixe podre; mas é porque ao senhor Pina lhe soube mal, e nam a ponde engolir, ficandolhe na garganta, atravessada a espinha. Foi em si carne magra pelo que teve de solida: para o criticado, peixe podre pelo que lhe achou de dezagradavel. Porém deixemos metáforas, que de nada servem ao noso cazo.

Pasa o senhor Apologista da carne, em que se ceva a gula, para a carne, em que se recreia a lascivia; que, como falou em carne, era justo que se esbrugáse a metáfora até ao oso. Prosegue dizendo que o Eborense *quer que o Pina escolhése uma fabula mais carnuda, ou que só escrevése sobre a materia vasta: mas isto era muito albeio dos anos, da Cristadade, e da sezudeza do Pina*. Ora ja que nos fala tam farto, eu lhe falo tambem claro. Senhor D. Joaquim, se o Eborense quizesse tomar o termo *descarnado* na significasam, em que vosa mercê o toma, certamente nam chamaria descarnado ao Poema. Nele se acha toda a casta de carne. Ha carne morta, e carne viva. Ha carne da gente morta na batalha dos Deistas, em que o Peregrino se fez cortador de cabeças.

beſas. Ha carne de vaca, ou de toiro, no lugar dos monſtros, onde ſe matou o Minotauro: ha carne de cabra, de ſerpente, e de toda a caſta de bicho, que alí rendeo a vida aos golpes do montante do Eroe: e emfim ha carne de quiméra, que vale por muitas, porque conſta de diverſas eſpecies de animaes, como a pinta Ovidio:

..... *mediis in partibus hircum,*

*Corpus, et ora leæ, caudam serpentis habebat.*

E finalmente até ouveram *carnes tollendas* (e tam *tollendas* que eram dignas de ſe tirar do Poema) pois paſáram os amores de Polifilo por jogo de entrudo, tomando a liberdade que permite o abuzo deſe tempo. E ſe nam ouve deſta carne, digame como foi aquilo de *falar de Venus*, e o eſeito *conſtante do empinho* do ſenhor amante mór, executado no jardim occultamente. Ninguem re- pare em que eu lhe chame *amante mór*; porque *Polifilo* é nome Grego, compoſto de *ΤΑΤΗΣ*, *poly*, que ſignifica *muito*, e de *ΠΟΛΥ*, *philus*, que quer dizer *amigo*. Eſte nome deo o ſenhor Pinao ao pai do Peregrino; e julgo que nam ſeria ſem miſterio, viſto que é curiozo da lingua Grega: porém depois dezempenhou-o mal; porque era amor de cada canto. Principiou a amar muito um Francez, que tinha por companheiro, de forte que ficaram a perder de viſta os maiores exemplares de amor excefivo, que tem avido no mundo, *deixando eſcurecidos os afetos de Pylades, e Oreftes*. Mas ſendo indispensavel a ſeparafam, ſentio Polifilo a deſpedida com tal extremo, que

Com menos afigam divide a morte

Do corpo a alma, do que a auzensia dura

Rempeo desta amizade a ligadura.

Até aqui mostrou ser *Polifilo*, isto é, ser *muito amigo*: mas pouco depois, vendo uma Dama, se preocupou de tal sorte do amor lascivo, que lhe fez esquecer o natural; trocando o licito da amizade do Francez pelo ilicito da mancebia da femia:

Entre o horror desta subita tristeza

Acazo vi um dia a chama aceza

De etherea luz no angelico semblante

De uma rara mulher... ..

Nam foi preciso mais para ficar perdidinho. Começou logo a esquecerse do amigo, e empregou todo o cuidado *na empreza da conquistada Dama*. Bem se lhe podia dizer com Petronio: *Quam facile mulieres adamarent; quam cito etiam philorum obliviscerentur*: Quam facilmente se rendeo ao amor de uma Dama; tam de presa se esqueceo do amor do amigo, como depois o mesmo Polifilo confesou, que *o novo excessõ do amorozo incendio lhe foi riscando tudo quanto outro objecto está lembrando*.

Tornando agora outra vez ao ponto, que deixei, quero dizer sobre ele alguma coiza ao senhor Pina, que entra a tratar dele, inculcando-se profeta, como se pode ver nas seguintes formaes palavras da sua apologia: „ Porque eu „ bebi o entuziasmo, nam daquelas correntes, „ que fabularam os poetas entre os penhascos „ do Pindo, mas daquele rio de agua viva, „ *splendi-*

„ *splendidum tamquam crystallum*, procedentem de  
 „ *Sede Dei, et Agni*, é que julga o senhor Critico  
 „ que o assunto é *arido, e descarnado*. Quem po-  
 „ deria imaginar que tal proferise um Catoli-  
 „ co? *Descarnado, e arido o assunto* da nosa Fé! „  
 Tá, senhor Pina; menos bulha: nam grite; que  
 nam fala com lapoens: nam tome as coizas a vul-  
 to. Se vosa mercê disése que tinha bebido as dou-  
 trinas nesa fonte, acreditaria eu a sua verdade,  
 porque me dizem que é grande Teologo: mas  
 dizer que bebo o *entuziasmo*, iso é mais: nam  
 me consta que o Espirito Santo lhe estivese di-  
 ctando ao ouvido; visto que nam era preciso isto  
 para vosa mercê copiar o que achou nos livros,  
 sem acrescentar um só argumento importante  
 para o intento, que seja seu.

Em quanto á admirafam, que faz de que  
 o Eborense disése que o assunto era *arido, e des-  
 carnado*, devo julgar que quiz fazer o cazo mui-  
 to feio, e fazer patacoada. Ora digame, senhor:  
 em que falava o Critico? Nam era em Poemas?  
 Pois porque razám nam diria que para estes era  
 improprio aquele assunto? O Poema deve ser re-  
 vestido de adornos, que o enfeitem; de epizo-  
 dios, que recreem; de imagens, que agradem  
*et c.*: e por ventura damse estas qualidades pro-  
 priamente no assunto de convenser as feitas? As  
 batalhas sempre sam orrorozas: e as disputas sam  
 batalhas. E em quanto se disputa sobre a nosa  
 Fé nas controversias dos Infeis, nam devemos  
 nós ter muito recreio; porque quando a segun-  
 ranfa do Triunfo nos consola, a caridade com

o proximo nos entristece. Temos a gloria de ver triunfar a nosa Religiam; mas como profefores dela devemos sentir amargamente que tantos Infeis se nam queiram sujeitar á observancia, acreditando ou a verdade da revelafam, ou a evidencia da luz natural, com que tanto se conformam os preceitos da Lei. Em outro qualquer afunto poderia com o vensimento ficar completo o gofio; mas neste entam se aumenta a compaixam quando se vê inutil a doutrina. Triunfa a Religiam Cristãa; e difto se nos segue grande gofio: mas como nam vemos sujeitos á fua observancia os vencidos, mais lugar nos fica á lastima, que á gloria. Quem poderá alegrarfe com a perfidia dos Ereges? Quem com a cegueira dos Moiros? Quem com a obstinafam dos Judeos? *et c.* Eu julgo que ninguem: e afim digo com o Critico que o afunto por fi é *arido, descarnado, e fem dofura*. Além difto, se o Poema (como fua mercês querem) deve fer todo adornado de fingimentos, nam se deve misturar a mentira com as mais ferias verdades. Nam ha coiza mais bela que a verdade: se a quizerem adornar de mentiras, nam a ornam; antes a desfiguram: e se a pintam como devem, ham de pintala nua: e afunto, que de fua natureza é nũ, e nam só despido de adornos, mas impossibilitado para os receber, nam é proprio para um poema Epico: e dife bem o Eborense quando lhe chamou *arido, e descarnado*; e falou muito materialmente o senhor Pina quando reputou ifto por erezia, e se admirou de que um Catolico tal difefe.

Segue-

Segue-se a reprehensão, que leva o mesmo Critico por dizer que o Poema nam serve ao publico de utilidade. Eu dissera o mesmo, se estes senhores me dessem licença: pois para converter os Infeis, nam é bastante; para illustrar os Cristãos doutos, nada traz de novo; e para instruir os ignorantes, nam só é inutil, mas nocivo. Digo que é *inutil*; porque o estilo nam é proprio á intelligencia de taes leitores, que nam podem perceber muitas palavras, e menos os discursos: que é *nocivo*; porque, dado que alguns o percebam, na gente indouta deve a fé ser cega. E se nam, digame a razão porque é proibida em lingua vulgar a Sagrada Biblia? Achase nela alguma coiza contra nosa santa Fé, ou bons costumes? Sem duvida que nam. Pois muito mais o devem ser as Controversias para quem nam as estudou, nem aprendeo ao menos a conhecer a forsa de uma solusam, ou o sofisma de um argumento.

Aqui agora se justifica o senhor Lisbonense, dizendo que nam é capaz de levantar falsos testemunhos; sendo certo que obra repetidas vezes o contrario, como temos visto, e notado nesta obra. Aqui se torna a ratificar em que *leo as cartas originaes dos Criticos, que por um raro caminho chegáram á sua mão*. Em outro lugar diz que lhas fiou de Coimbra um Ecclesiastico auctorizado, que é o mesmo, a quem o senhor Pina dirigio a sua apologia, e a quem o Critico de Vila Viçosa escreveu a sua carta, e remeteo a de Evora. Parece-me que nisto há embrulhada; porque

cu nunca vi que fose *caminho raro* de conseguir as coizas, quando estas se recebem da mão de um amigo, que as possui. Muito pouco costumado está o senhor D. Joaquim aos favores dos seus amigos, visto que a um semelhante modo de emprestimo chama *caminho raro*. Grande memoria é preciza para evitar incoerencias!

Mas vamos ver o que sae desta justificasam. Que ha de sair? o costumado: outro testemunho falso; e em materia tam grave como é fazer erige o Critico de Evora: pois diz o senhor D. Joaquim que ele escreveo que *Este Poema é arriscado; porque pintando com tam vivas cores as opinioens eterodoxas, mais facilmente se perverterá o fiel, do que se converterá o impio*. Quem ouvir isto julgará que o Critico com mais facilidade se inclinaria a seguir os sofisticos argumentos dos Infeis, do que os solidos fundamentos dos Cristãos. Oçam agora os meus leitores as formaes palavras, como foram, e *de verbo ad verbum* copiou o senhor Pina na pag. 41. da sua Apologia, e sam as seguintes: „ *Publicarse um Poema vulgar neste assunto, além da inutilidade, tem o perigo de que, pintandose muitas vezes, por forsa do entuziasmo, as feitas eterodoxas com cores mais lizongeirias, que a crensa ortodoxa, se pode mais facilmente perverter o fiel, que convertér o impio*. Vejase agora a grande distancia, que vai de uma coiza á outra. Atendase á malevolencia do senhor Apologista. Senhor D. Joaquim, nam é o mesmo dizer que *ha perigo de que se pintem*, que afirmar que *se pintam*. O mesmo é ser *in actu*,

actu, ou in potentia? O mesmo é tambem mostrar cores mais lizonjeiras, ou existirem com cores muito vivas? Com a omisam de algumas palavras, e mudansa de outras pertende voa mercê arruinar o credito do Eborense, e com tanta cegueira, que nam tem pejo de se abater ao vil recurso de tam evidentes imposturas.

Muito me admiro tambem de que chamem estes senhores novo ao argumento; e digam que com ele cabio o Critico da ponte de Aristoteles mais miseravelmente, que ninguem até agora tem cabido; quando os fundamentos, que ele teve, sam tam certos: eu direi alguns, que alega na sua defensa, e me tirarám o trabalho de responder a muitos. E vai o primeiro: ,, O direito Canonico proibe com pena de excomunham que  
 ,, nenhum leigo publicamente, ou em particular,  
 ,, possa disputar da Fé Catolica. ( Habetur in  
 ,, cap. 2. § Inhibemus. de Hereticis in 6. his ver-  
 ,, bis ): *Inhibemus quoque ne cuiquam laicæ perso-  
 ,, næ liceat publice, vel privatim de Fide Catho-  
 ,, lica disputare: qui vero contra fecerit, excommu-  
 ,, nicationis laqueo inodetur.* E se quer saber quacs  
 ,, sam os perigos, que ha, ou pode aver, leia o  
 ,, Cardial de Lugo explicando as condiçoens,  
 ,, que deve ter quem entrar nestas disputas. ( De  
 ,, virtut. Fid. Div. disp. xxii. sect. v ). 4. *Con-  
 ,, dicio ex parte auditorum, ne forte illis nocere pos-  
 ,, sit disputatio audita: quod magis cavendum est  
 ,, quando non sunt docti, vel ita perspicaces, ut  
 ,, rationes nostræ Fidei callere non possint, sed simpli-  
 ,, ces, et rudes, qui aliàs in Fide quieti debebant;*

„ et fieri facile potest ut argumentis contra Fidem  
 „ comoveantur, non ita facile solutionis vim capien-  
 „ tes, vel certe turbari incipiant, cogitantes posse  
 „ indubium revocari ea, de quibus antea nunquam  
 „ dubitarunt. Os PP. deputados pelo Concilio  
 „ Tridentino para fazerem as regras do Index,  
 „ tambem temêram perigo nos livros de Con-  
 „ troverfias em lingua vulgar; e por isto orde-  
 „ nam Regul. vi. que *libri vulgari idiomate de*  
 „ *controversiis inter Catholicos, et Hereticos nostri*  
 „ *temporis differentes, non passim permittantur;*  
 „ *sed de his servetur quod de Bibliis vulgari lingua*  
 „ *scriptis statutum est.*

Parefeme que estes textos tam terminantes  
 bastam para que o Eborense se defenda inteira-  
 mente, e convenfa sem contradifam afim o senhor  
 Velho, como o senhor Pina. Que muito que ele  
 difése que avia perigo de se pintarem por forfa  
 do entuziasmo as feitas eterodoxas com cores  
 mais lizongeiras, depois de ter dito o citado  
 Cardial, que facilmente pode acontecer que os ou-  
 vintes se comovam dos argumentos contra a Fé, nam  
 percebendo com tanta facilidade a forfa da solufam?  
 Duas coizas devemos advertir na razám do Car-  
 dial; e duas na propozigam do Critico. Diz este,  
 que ha perigo de se pintarem: e attribue este pe-  
 rigo á forfa do entuziasmo: e aquéle escreve que fa-  
 cilmente pode acontecer; pondo a razám desta fa-  
 cilidade em nam perceberem a forfa da solufam. O  
 Eborense poz o perigo em contingencia, di-  
 zendo que pode ser que o poeta nam se expli-  
 que bem: o Cardial poem o feu em facilidade,  
 afirman-

afirmando que é facil que os ouvintes entendam mal. E se ele achou neste perigo tanta facilidade quando se trata a questam em proza, quanto mais razám ha para se temer quando se disputa em verso? E para que o senhor Pina nam fique totalmente izento deste receio, lembrese daquelle lugar do seu Poema, que notei no Discurso 8, onde diz que os bemaventurados amde exercitar o paladar em *substantias burbulhentes* que estam em *redomas*: e alegando para isto textos de SS. PP. ainda é mais facil que alguém entenda que tambem no Ceo se come, ou bebe: e querer certificar estas coizas a quem só as pode, ou sabe entender literalmente, é abrir caminho a dezordens, dar motivo a duvidas, e fomentar controversias. E assim em outros muitos lugares, em que os *simplices; et rudes, qui aliàs in Fide quieti debebant*, movidos de alguma instancia, que lhe subministre a sua tosca idea, ou diabolica iluzam, contra o fundamento mal entendido por eles, ou pouco explicado pelo poeta, nam sabendo dilolver a propria duvida, *turbari incipiant cogitantes posse in dubium revocari ea, de quibus antea nunquam dubitarunt*. E se nam, lembrese da iluzam, que eu lhe lembrei no 8. Discurso; pois pode algum presumido de esperto dizer com as formaes palavras de outro lugar do Poema: Que é isto? Tambem no Ceo se come? Pois pergunto: ou lá ha fome, e sede; ou nam? Se ha sede, e fome, triste gloria será: e se comem, ou bebem sem appetite, é muito maior tormento; e ahi temos os bemaventurados com

fastio *et c.* E deste modo poderá ir inferindo mil loucuras, de que fica sendo culpado o poeta.

Eis aqui porque o Eborense dise bem que o Poema necessitava de uma crize para bem da Nasam, para que nam julgasem os indoutos que aquele era um dos esforços da nosa Religiam. Nam posto eu lizongearme de que esta minha pode servir para ese fim: porém ao menos lembrará a algum erudito a necessidade, que ha de repreender em algumas coizas o senhor Pina, persuadindo-o á docilidade de emendar, e nam sustentar os defeitos. Este o motivo, que me obrigou a tomar a pena, sem temor de reconvençam; pois, como nam me rezulta desdouro de ficar vencido, terei o proveito de ser ensinado, ainda que seja á minha custa, ficando tambem o senhor Pina advertido á sua: e do mesmo modo o senhor Apologista; a quem advirto que na resposta, que der a estes meus Discursos, ha de satisfazer a todas as duvidas, e erros, que lhe noto assim no Poema, como nas suas cartas: de outro modo, julgarei que ou nam soube, ou nam teve que responder. Consta-me que está escandalizado de mim, porque quando lhe remeti manuscrito este papel, muito mais extenso, me notou a liberdade na pena, e que o envestia como se fosse um rapaz. Pouca razám lhe acho em querer que o respeitem pelo senhor D. Joaquim. . . . . depois de sair mascarado com o cognome de *Velho do Canto*. Neste papel falei com o *Velho do Canto*; e uzei a prudencia de lhe nam tirar a mascara. Se acazo se descobrir, eu  
estou

estou pronto a fazer o mesmo: entam poderei tratalo com mais respeito, se o seu estilo o merecer, porque conforme a muzica deve ser a dança. Eu nam sei que o senhor Lisbonense queria que fizese um rapaz como eu, depois de ver que um omem *Velho*, e prudente como sua mercê, deo toda a liberdade á pena, investindo os Criticos com dicterios; e isto depois de ter notado o senhor Pina de *demaziadamente modesto*, sendo certo que dise algumas grafas bem pezadas, como aquella de oferecer a um deles para exemplar da onestidade das donzelas da sua familia o procedimento da Dama que emprenhou no jardim; e outras taes. A isto chama o senhor D. Joaquim *demaziada modestia*? Eu no que escrevi, em nada toquei sobre pesoa, ou costumes: dise contra o Poema, e contra as apolo-gias: e como nam tenho donzelas na familia, estou muito pronto a continuar as repostas nesta materia, nam só ao senhor Pina, e Velho, mas a qualquer sequaz seu, que queira defendelo, ou impugnar-me.

F I M.









